

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP**

**Renata Toledo Piza de Mendonça**

**Lembranças, esquecimentos e representações:  
as construções de memórias de Maria Firmina dos Reis (1822-2022)**

**Mestrado em História Cultural**

**São Paulo  
2023**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP**

**Renata Toledo Piza de Mendonça**

**Lembranças, esquecimentos e representações:  
as construções de memórias de Maria Firmina dos Reis (1822-2022)**

**Mestrado em História Cultural**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História Cultural, sob a orientação da Professora Doutora Maria Izilda Santos de Matos.

**São Paulo  
2023**

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e da Fundação São Paulo (FUNDASP).

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço às forças que estiveram ao meu lado, abrindo caminhos, internos e externos, para materializar neste trabalho o que se manteve no mundo das ideias por um longo período, sendo gestado.

Agradeço à minha orientadora, Professora Maria Izilda Santos de Matos, pela sensibilidade com que me conduziu e pela generosidade e profundidade em nossas trocas, que começaram ainda no curso de Lato Sensu, em 2019, quando trabalhamos no projeto de pesquisa que seria o germe desta dissertação. Seu apoio, incentivo e suas contribuições foram inestimáveis, muito obrigada, com todo o meu respeito e a minha admiração.

Agradeço também à Professora Yvone Dias Avelino, que tanto me ensinou em suas aulas desde a especialização, e à Professora Régia Agostinho da Silva, por participarem da minha banca de qualificação, com uma leitura atenta e valiosas sugestões, que foram como um farol para a decisão de quais elementos da pesquisa manter e quais abolir, com vistas a uma dissertação mais consistente. Obrigada por aceitarem participar também da banca de defesa.

Aos professores que fizeram parte do meu percurso na PUC-SP, alguns deles desde o Lato Sensu, agradeço a dedicação, pois aprendi muito com vocês, em especial Professora Estefania Knotz Canguçu Fraga, Professor Amailton Magno Azevedo, Professora Maria do Rosário da Cunha Peixoto, Professora Vera Lucia Vieira, Professora Carla Longhi, Professora Tânia Soares da Silva, Professor Alberto Luis Schneider e Professor Claudinei Cássio de Rezende. Meus agradecimentos ao Professor Luiz Antonio Dias, Coordenador do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, que sempre esteve presente e disposto a batalhar para que o ensino e a pesquisa em História pudessem se manter, mesmo quando as circunstâncias externas à instituição foram desfavoráveis. Aproveito para agradecer ainda ao Assistente de Coordenação do Programa, William Fernando Moreira da Silva, que durante todo o período de mestrado me auxiliou com as questões práticas da universidade e foi essencial para que a pesquisa pudesse acontecer. Agradeço ainda à professora e pesquisadora Natércia Moraes Garrido, que gentilmente cedeu imagens de seu acervo pessoal para minha pesquisa.

Além disso, agradeço o acesso ao fomento à pesquisa. Este trabalho contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 e da Fundação São Paulo (FUNDASP). Sem isso, o estudo não seria viabilizado.

Minha pesquisa só foi possível porque contei com amigos, colegas e companheiros durante a jornada. A cada um deles quero registrar meus agradecimentos: à Gerusa Maciel Moraes pelo carinho, compreensão e incentivo; ao meu irmão Paulo André Toledo Piza de Mendonça pelo estímulo e torcida; ao meu pai André Luiz Camargo de Mendonça pelo apoio; ao colega Vilarin Barros pela leitura e comentários sobre meus primeiros escritos; às amigas Renata Saraiva pela confiança e Vanessa Vascounto pelas trocas sobre literatura e pelo tempo dedicado às confidências.

Agradeço, por fim, à mulher que primeiro me apresentou a leitura e a literatura. Símbolo de sabedoria e ternura, minha mãe Maria Celina de Toledo Piza Mendonça (*in memoriam*), que nunca permitiu que eu desanimasse diante dos estudos e sempre esteve ao meu lado, sonhando junto comigo os meus sonhos. Este trabalho é nosso.

*Nada mais tenho  
na memória  
rosa dos ventos  
transitória  
onde estarás  
depois de todo  
o meu tormento...*

*Hás de ficar  
tão só, tão só  
no pensamento  
e depois dele  
o que restar  
sal e areia  
esquecimento  
há de voltar  
para o teu sono  
secular.*

*Rosa dos ventos  
eu te imagino  
viagem, navio.*

*Mas o que há  
é o sofrimento  
de ver o rio  
o rio, o rio  
(pobre de mim)  
e nunca o mar...*

Hilda Hilst  
Balada do Festival, poema VI

## RESUMO

MENDONÇA, Renata Toledo Piza de. **Lembranças, esquecimentos e representações:** as construções de memórias de Maria Firmina dos Reis (1822-2022). Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

Esta dissertação procura debater como a escritora maranhense Maria Firmina dos Reis (1822/25-1917) é lembrada e celebrada por diferentes grupos sociais no século XX e nas primeiras décadas do XXI. Para isso, investigam-se representações produzidas sobre ela entre 1975 e 2022, analisando como se manifestam nas comemorações de datas importantes de sua biografia. Nessa análise busca-se identificar e refletir sobre as permanências e as transformações nos processos de construção das lembranças e dos esquecimentos em torno de sua vida e obra. Tal exame se dá em articulação com os conceitos de Liberdade e de Opressão trabalhados pela própria autora no livro “Úrsula” (1859/1860).

Nesse sentido, a pesquisa envolve a análise de fontes produzidas e/ou tornadas públicas em efemérides da biografia de Maria Firmina dos Reis, pois se entende ao longo do estudo que datas comemorativas são como marcos temporais capazes de funcionar como guias, que podem levar o observador a registros do cotidiano de grupos sociais, dos modos e interesses de seus sujeitos e de fragmentos de suas memórias individuais e coletivas. Dessa forma, são analisados livros, materiais publicados na imprensa, imagens e atos celebrativos produzidos em 1975, por ocasião das comemorações pelos 150 anos de nascimento da autora; em 1988, centenário da Abolição, por ocasião da segunda edição póstuma do livro “Úrsula”; em 2017, em decorrência do centenário de sua morte; em 2020 e em 2022, respectivamente, pelos 198 e 200 anos de seu nascimento.

Esta dissertação busca contribuir em uma nova perspectiva para a historiografia firminiana ao propor a reconstituição e análise de memórias de Maria Firmina dos Reis, abordando tanto o processo de construção das lembranças como o processo ativo de construção de esquecimentos sobre a maranhense. Ao mesmo tempo, procura identificar as forças que movem grupos e sujeitos produtores das representações e dos documentos analisados, suas práticas sociais, as interpretações que fizeram – e fazem – de Maria Firmina dos Reis e suas apropriações de “Úrsula”, apreendidas no diálogo com as fontes.

**Palavras-chave:** Maria Firmina dos Reis, História Cultural, História das Mulheres, memória, esquecimento, representação.

## ABSTRACT

MENDONÇA, Renata Toledo Piza de. **Memories, forgetfulness and representations: Maria Firmina dos Reis' memory constructions (1822-2022).** Thesis (Master's Degree in Cultural History) – Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2023.

This thesis seeks to discuss how writer Maria Firmina dos Reis (1822/25-1917) from Maranhão is remembered and celebrated by different social groups in the 20<sup>th</sup> century and in the first decades of the 21<sup>st</sup> century. For this purpose, representations produced about her between 1975 and 2022 are investigated, analyzing how they manifest themselves in the celebrations of important dates in her biography. This analysis seeks to identify and reflect on the permanencies and transformations in the construction processes of memories and forgetfulness around her life and work. Such examination takes place in articulation with the concepts of Freedom and Oppression worked by the author herself in book “Úrsula” (1859/1860).

In this sense, the research involves the analysis of sources produced and/or made public in ephemeris of the biography of Maria Firmina dos Reis, as it is understood throughout the study that commemorative dates are like time frames capable of functioning as guides, which can lead the observer to records of the daily life of social groups, the ways and interests of their subjects and fragments of their individual and collective memories. In this way, books, materials published in the press, images and celebratory acts produced in 1975, on the occasion of the celebrations for the 150<sup>th</sup> anniversary of the author's birth, are analyzed; as well as those produced in 1988, the centenary of Abolition, on the occasion of the second posthumous edition of book “Úrsula”; in 2017, due to the centenary of her death; in 2020 and 2022, respectively, on the 198<sup>th</sup> and 200<sup>th</sup> anniversary of her birth.

This thesis seeks to contribute a new perspective to the historiography of Firmina by proposing the reconstitution and analysis of memories of Maria Firmina dos Reis, approaching both the process of construction of memories and the active process of construction of forgetfulness about such woman from Maranhão. At the same time, it seeks to identify the forces that move groups and subjects that produce the representations and documents analyzed, their social practices, the interpretations they made – and still make – of Maria Firmina dos Reis and their appropriations of “Úrsula”, apprehended in the dialogue with the sources.

**Keywords:** Maria Firmina dos Reis, Cultural History, History of Women, memory, forgetfulness, representation.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Partitura do “Hino à libertação dos escravos”, composto por Maria Firmina dos Reis em 1888.....	15
Figura 2 - Capa da primeira edição do romance “Úrsula”.....	24
Figura 3 - Jornal <i>O Progresso</i> , nº 158, 13 ago. 1847.....	34
Figura 4 - Nota no jornal <i>Luta Democrática</i> , Rio de Janeiro, 12-13 out. 1975.....	56
Figura 5 - Artigo no <i>Jornal do Brasil</i> , Rio de Janeiro, 11 nov. 1975 - Parte 1.....	58
Figura 6 - Artigo no <i>Jornal do Brasil</i> , Rio de Janeiro, 11 nov. 1975 - Parte 2.....	59
Figura 7 - Matéria no jornal <i>O Estado de S. Paulo</i> , São Paulo, 11 nov. 1975.....	62
Figura 8 - Nota no jornal <i>Diário de Notícias</i> , Rio de Janeiro, 26 nov. 1975.....	63
Figura 9 - Nota na Revista Feminina do jornal <i>Diário de Notícias</i> , Rio de Janeiro, 30 nov. 1975.....	65
Figura 10 - Reprodução do carimbo comemorativo criado pelos Correios.....	69
Figura 11 - Inauguração do busto de Maria Firmina dos Reis na Praça do Panteon, São Luís do Maranhão, 11 nov. 1975.....	72
Figura 12 - “Úrsula” (1975), edição fac-similar.....	73
Figura 13 - Capa do resumo biográfico escrito por Moraes Filho.....	76
Figura 14 - Folha de rosto do resumo biográfico escrito por Moraes Filho.....	77
Figura 15 - “Úrsula” (1988), terceira edição.....	83
Figura 16 - Artigo no <i>Jornal do Brasil</i> , Rio de Janeiro, 14 mai. 1988 – Parte 1.....	85
Figura 17 - Artigo no <i>Jornal do Brasil</i> , Rio de Janeiro, 14 mai. 1988 – Parte 2.....	86
Figura 18 - Retrato em bico de pena da escritora Délia (autor desconhecido).....	93
Figura 19 - Pintura exposta na Câmara de Vereadores de Guimarães.....	95
Figura 20 - Caricatura de Maria Firmina dos Reis, por Toni D’Agostinho, 2017.....	97

Figura 21 - Representação de Firmina publicada no jornal <i>Nexo</i> (15/06/2017) – reprodução de desenho da artista Gabriela Pires, presente no livro “Heroínas negras brasileiras”, de Jarid Arraes.....	100
Figura 22 - Para comparação, busto de Maria Firmina dos Reis criado pelo escultor maranhense Flory Gama (1975) e fragmento do desenho de Maria Firmina dos Reis criado pela artista Gabriela Pires (2017), com base no busto, para o livro “Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis”, de Jarid Arraes.....	101
Figura 23 - Imagem publicada na matéria do jornal <i>Brasil de Fato</i> (03/11/2017) “Conheça Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista negra do Brasil”.....	102
Figura 24 - Intervenção de Marlene Barros sobre Maria Firmina dos Reis chama atenção para o protagonismo feminino.....	103
Figura 25 - Arte publicada pelo site da revista <i>Cult</i> com a legenda “Esquecida por décadas, obra de Maria Firmina só foi recuperada em 1962 pelo historiador paraibano Horácio de Almeida (Arte Revista CULT)”.....	105
Figura 26 - Reprodução do quadro <i>A Semeadura</i> , de Clóvis Graciano (1907-1988).....	105
Figura 27 - Capa da 1ª edição de “Úrsula” (1859/1860).....	106
Figura 28 - Selo criado pela Academia Ludovicense de Letras (São Luís - MA) em homenagem aos 190 anos do nascimento de Maria Firmina dos Reis.....	106
Figura 29 - Imagem publicada pelo site <i>Catraca Livre</i> (06/07/2017).....	108
Figura 30 - Imagens publicadas pela <i>Catraca Livre</i> e pelo <i>Brasil de Fato</i> .....	109
Figura 31 - Reprodução do site <i>PublishNews</i> .....	110
Figura 32 - Estátua localizada na Praça Luís Domingues, em Guimarães.....	111
Figura 33 - Representação de Maria Firmina dos Reis produzida em 2020 pelo designer gráfico Wal Paixão.....	113
Figura 34 - Processo de criação da imagem de Maria Firmina dos Reis, registrado pelo autor, o artista gráfico maranhense Wal Paixão.....	115
Figura 35 - Capa da nova biografia de Firmina.....	118
Figura 36 - Capa da edição em inglês de “Úrsula”.....	119

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO I – LIBERDADE E OPRESSÃO EM “ÚRSULA”</b> .....	22
1.1 Materialidade, texto e contexto no romance.....	24
1.2 Liberdade na voz do narrador .....	35
1.3 Liberdade na voz dos personagens escravizados.....	41
<b>CAPÍTULO II – 1975 E 1988: REPRESENTAÇÕES E MEMÓRIAS EM TENSÃO</b> .....	52
2.1 Celebração dos 150 anos: memórias produzidas pela imprensa .....	55
2.2 Comemorações e homenagens pelos 150 anos em São Luís e em Guimarães.....	67
2.3 A reedição de “Úrsula” nas celebrações pelo centenário da Abolição.....	81
<b>CAPÍTULO III – REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS E PRODUÇÃO DE MEMÓRIAS</b> .....	89
3.1 Representações e esquecimento.....	91
3.2 Múltiplas representações nos 100 anos da morte de Firmina.....	96
3.3 Representações e recordação.....	111
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	121
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	125

## APRESENTAÇÃO

Em 2022 foram comemorados em todo o Brasil os 200 anos do nascimento de Maria Firmina dos Reis, escritora, poeta, compositora e educadora maranhense do século XIX que em vida publicou ficção, poesia, escreveu letras de música e compôs melodias, enquanto para sobreviver e custear suas despesas desempenhou o ofício de professora de primeiras letras, no povoado de Guimarães (MA).

Maria Firmina dos Reis obteve espaço localmente e alguma visibilidade na imprensa maranhense durante o período em que produziu, sendo em seguida esquecida pela história e pela própria literatura – salvo em Guimarães, onde permaneceu alguma memória de uma certa professora Maria Firmina dos Reis. Para fora dali, na tecitura das memórias que se fiam no lembrar e no esquecer, sua obra foi envolvida por um véu que a manteve oculta, da mesma forma suas memórias foram invisibilizadas e sua história silenciada, dando lugar a um período de mais de 80 anos de lacuna em torno desse sujeito histórico. Somente em 1975, quando se completaram 58 anos da morte da escritora, partes de sua obra e história começaram a ser recuperadas. Desde então, uma série de trabalhos ao redor de sua produção vêm revelando aspectos não apenas literários, mas sociológicos e filosóficos subjacentes à sua obra.

Maria Firmina dos Reis (1822/25-1917) foi uma maranhense mestiça e livre, nascida de mãe escravizada forra e pai branco. Era “filha de Leonor Felippa dos Reis, *escrava alforriada*, e de João Pedro Esteves, militar com patente de furriel da Companhia de Cavalaria Franca do Maranhão”<sup>1</sup>. Mesmo alforriada, na certidão de batismo da escritora vinha registrada a informação sobre a quem a mãe de Firmina pertencera: “Maria, filha natural, de Leonor Felippa molata forra que foi escrava do comendador Caetano”<sup>2,3</sup>.

Firmina era sobrinha do também escritor maranhense Francisco Sotero dos Reis (1800-1871), “irmão unilateral paterno de Leonor”<sup>4</sup>, “professor e primeiro diretor do Liceu Maranhense, tio materno de Maria Firmina dos Reis. Sotero procedia do tronco abastado da família Reis. Maria Firmina provinha do ramo oriundo da escravidão [...]”<sup>5</sup>.

---

<sup>1</sup> GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022, p. 85.

<sup>2</sup> Comendador Caetano José Teixeira (1760-1818), foi um comerciante português, grande proprietário de terras no Maranhão, escravista, dono de empresas que negociavam por todo o império colonial português.

<sup>3</sup> MORAIS FILHO, J. N. **Maria Firmina: fragmentos de uma vida**. São Luís: Imprensa do Governo do Maranhão, 1975, s.n.

<sup>4</sup> GOMES, op. cit., p. 91.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 163.

Em 1847, passou no concurso público para a cadeira de Instrução Primária de Guimarães, e para lá se mudou aos 22 anos, deixando São Luís junto com sua mãe Leonor, a avó Engrácia e a irmã Amália Augusta. Firmina permaneceu nesse cargo até 1881. Pouco antes, em 1880, fundou no povoado vizinho de Maçaricó uma escola mista e gratuita, que foi motivo de escândalo na sociedade local, o que permite questionar quais forças se impuseram contra sua proposta, que ainda assim logrou por dois anos e meio - ao final desse período, ela decidiu suspender as atividades.

Se, em 1847, na mocidade, é a ÚNICA APROVADA num concurso estadual para uma cadeira de Instrução Primária, na Vila de Guimarães, na velhice, em 1880, conquistaria o PRIMEIRO LUGAR na História da Educação Brasileira, na Província do Maranhão, tornando a "Mestra Régia", como a chamavam, e a chamam os vimeanenses, quando a ela se referem, uma Personalidade Educacional. Aos 55 anos de idade funda uma escola em Guimarães. Uma escola de primeiras letras que apenas trazia, mais do que muitas a reputação consagrada do seu nome? Não. Não era somente uma escola a mais... Era mais!... ERA UMA AULA MISTA! E AINDA GRATUITA! UMA REVOLUÇÃO SOCIAL PELA EDUCAÇÃO E UMA REVOLUÇÃO EDUCACIONAL PELO ENSINO O SEU PIONEIRISMO SUBVERSIVO DE 1880!<sup>6</sup>

Subversivo é quem subverte a regra, mas também é sinônimo de revolucionário e de perturbador. É possível que parte do esquecimento a que Maria Firmina e sua obra foram relegadas ao longo do tempo tenha raiz na perturbação que propostas como a sua causavam na elite, que enxergava nelas uma ameaça à perpetuação dos seus privilégios na sociedade. Uma mestiça livre no século XIX fazendo uma literatura política, e não o “tipo de romance” reservado à escrita feminina da época, com personagens negros que falam por si e contam suas memórias do continente africano. “Sobressai, então, a condição diaspórica vivida pelos personagens arrancados de suas terras e famílias para cumprir no exílio a prisão representada pelo trabalho forçado.”<sup>7</sup>

Talvez tenham sido suas ideias perturbadoras um dos motivos para provocar seu silenciamento, mas Maria Firmina dos Reis também foi tão perspicaz na sua leitura e representação do Brasil que sua produção e suas memórias – esquecidas, ocultadas e invisibilizadas – vêm ganhando atenção de estudiosos, leitores e militantes do feminismo e de causas ligadas à negritude e ao combate ao racismo.

<sup>6</sup> MORAIS FILHO, J. N. Prefácio. In: Idem. **Maria Firmina**: fragmentos de uma vida. São Luís: Imprensa do Governo do Maranhão, 1975, s.n.

<sup>7</sup> DUARTE, Eduardo de Assis. Úrsula e a desconstrução da razão negra ocidental. In: DUARTE, Constância Lima (et al.) (Orgs.). **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018, p. 60.

Ao longo de pelo menos 34 anos no ofício de professora, Firmina foi responsável pela alfabetização de gerações de moradores de Guimarães e entorno. Ela não se casou, teve filhos adotivos e muitos afilhados, conforme transcrição de registros seus em uma espécie de diário, denominado postumamente por seu primeiro biógrafo, José Nascimento Morais Filho, como “Álbum Íntimo”.

Em 1860<sup>8</sup>, a intelectual publicou “Úrsula”, um dos primeiros romances de autoria feminina no Brasil, obra de viés antiescravista, impressa provavelmente em 1859 – ano que consta na capa da edição – na Tipografia do Progresso, gráfica em São Luís que também publicava o jornal *A Imprensa*. Em seguida, no formato folhetim, ela publicou por três vezes a obra indianista “Gupeva - romance Brasiliense” (1861, 1863 e 1865), com algumas alterações entre as edições. Em 1871, “Cantos à beira-mar” reunia poemas. Em 1887 foi lançada “A escrava”, que conta a história de duas mulheres: uma escrava que, já madura, vive em profundo sofrimento por ter sido separada dos filhos na juventude e uma abolicionista. Em 1888, por ocasião da Lei Áurea, Maria Firmina dos Reis compôs letra e música do “Hino à libertação dos escravos”:

Salve Pátria do Progresso!  
Salve! Salve Deus a igualdade!  
Salve! Salve o sol que raiou hoje!  
Difundindo a liberdade

Quebrou-se enfim a cadeia  
Da nefanda Escravidão!  
Aqueles que antes oprimias,  
Hoje terás como irmãos!



Figura 1 - Partitura do “Hino à libertação dos escravos”,  
composto por Maria Firmina dos Reis em 1888.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022, p. 173.

<sup>9</sup> Fonte: MORAIS FILHO, J. N. **Maria Firmina: fragmentos de uma vida**. São Luís: Imprensa do Governo do Maranhão, 1975, s.n. No livro, essa partitura foi impressa de ponta-cabeça.

O hino celebra o fim da escravidão, o acesso à liberdade e, por fim, dirige-se aos brancos senhores de escravos lhes propondo que transformem opressão em fraternidade.

O hino louva a pátria que pôs fim ao “comércio nefando”, mas dirige-se especificamente aos antigos senhores: “aqueles que antes oprimis / Hoje terás como irmão”. É o clamor por uma igualdade sem conflitos que embasa a trajetória e a utopia que move a cidadã, professora, mulher de letras.<sup>10</sup>

As duas estrofes aqui reproduzidas são os únicos fragmentos do hino de que se tem registro, mas não se sabe se eles são a letra completa ou apenas uma parte dela.

Maria Firmina dos Reis morreu em casa, na rua Firmiano de Barros, em Guimarães, no dia 11 de novembro de 1917. “Ex-alunos e ex-alunas, professores, parentes, filhos de criação e amigos revezaram-se nas alças do caixão nos 600 metros que separavam a casa da poeta do cemitério do Santíssimo Sacramento.”<sup>11</sup>

Em 1975, surge um amplo interesse sobre a maranhense como mulher pioneira. Depois, observa-se a partir do ano 2000 um crescente interesse acadêmico pelos estudos sobre a obra e a trajetória de Maria Firmina dos Reis, interesse que pode ser relacionado à lei federal 10.639, de 2003, depois alterada pela lei 11.645, de 2008<sup>12</sup>, que decretam a obrigatoriedade do estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena no ensino médio em escolas públicas e privadas, junto ao parecer do Ministério da Educação CNE/CP 003/2004<sup>13</sup>, que fornece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

A fase de maior crescimento no número de estudos firminianos concentra-se próximo à virada dos anos 2000 para 2010, quando pesquisadores das Letras, da História, da Literatura, Filosofia, Ciências Sociais, Educação e Direito produziram artigos, dissertações e teses sobre aspectos ligados a escravidão, gênero, etnia e educação nas obras da escritora. Em 2018, a editora Malê lança a coletânea “Maria Firmina: faces de uma precursora”, livro organizado pela

<sup>10</sup> DUARTE, Eduardo de Assis. Úrsula e a desconstrução da razão negra ocidental. In: DUARTE, Constância Lima (et al.) (Orgs.). **Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora**. Rio de Janeiro: Malê, 2018, p. 77.

<sup>11</sup> GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022, p. 281.

<sup>12</sup> BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Brasília, 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm)>. Acesso em: 26 out. 2020.

<sup>13</sup> BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2004. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp\\_003.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf)>. Acesso em: 26 out. 2020.

pesquisadora Constância Lima Duarte e colegas que reúne 19 artigos de estudiosos da obra firminiana.

Um desses textos é da pesquisadora Dilercy Adler, da Universidade Federal do Maranhão, que em 2017 descobriu no Arquivo Público daquele estado documentos<sup>14</sup> que levaram a historiografia a corrigir<sup>15</sup> a data de nascimento de Firmina de 11 de novembro de 1825 para 11 de março de 1822 – o que fazia da escritora três anos mais velha do que se acreditava. Dessa forma, a partir de 2018 a historiografia assume que ela viveu de 11 de março de 1822 a 11 de novembro de 1917, tendo falecido aos 95 anos.

No entanto, já em 2022, entre as homenagens pelos 200 anos do nascimento da maranhense, foi lançada uma nova biografia<sup>16</sup> de sua vida com documentos inéditos e evidências analisadas à luz dos estudos firminianos, apresentando argumentos sólidos para provocar uma nova retificação na data de nascimento da autora. Explica-se que Maria Firmina foi a princípio impedida de se inscrever no concurso para a “cadeira de primeiras letras do sexo feminino” da Vila de Guimarães, que abriu vaga em 1847, porque não comprovara a idade mínima de 25 anos. Como sua certidão de batismo não apresentava nenhuma data de nascimento, apenas a data em que havia sido batizada, a motivação para o pedido de justificação de sua data de nascimento teria sido comprovar idade mínima para poder participar do concurso.

Dessa forma, seu ano de nascimento seria mesmo 1825, como apontam fontes bibliográficas de fins do século XIX, como o Dicionário Bibliográfico Brasileiro, de Augusto Vitorino Sacramento Blake (1900), e o próprio registro de óbito de Maria Firmina dos Reis, de 1917, que informa que ela faleceu aos 92 anos de idade, tendo, portanto, vivido entre 1825 e 1917.

Outra informação corrigida pela mesma biografia supracitada é a idade da autora ao se transferir de sua cidade natal, São Luís, para a Vila de Guimarães. Até então acreditava-se que ela havia ido para a pequena cidade litorânea por volta dos 5 anos de idade, enquanto as novas fontes dão conta de que ela mudou definitivamente de São Luís em 1847, por ocasião da aprovação no concurso, já com 22 (ou 25) anos, o que permite vislumbrar maiores chances de Maria Firmina ter acessado bibliotecas públicas ou particulares e participado de rodas de escritores e intelectuais na capital da província.

---

<sup>14</sup> Autos de Justificação de nascimento de Maria Firmina dos Reis, de 25 de junho de 1847; Certidão de Justificação de Batismo e livro de Batismo. Ver: ADLER, Dilercy Aragão. A mulher Maria Firmina dos Reis: uma maranhense. In: DUARTE, Constância Lima (et al.) (Orgs.). **Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora**. Rio de Janeiro: Malê, 2018, p. 82.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 81-101.

<sup>16</sup> GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022.

Um dos indícios de que a professora não residia na vila antes de 1847 é a inexistência de referências da presença de Maria Firmina em batizados e casamentos de amigos e parentes, nesse período. Já após 1847, ano em que Maria Firmina é aprovada no concurso em São Luís para a cadeira de primeiras letras do sexo feminino em Guimarães, registra-se a sua presença em vários casamentos e batizados na vila.<sup>17</sup>

Na historiografia brasileira, um dos primeiros estudos que observaram a maneira como Firmina constrói os personagens negros em seu romance “Úrsula”, suas relações, como aborda a escravidão e a diáspora foi o da pesquisadora Norma Telles. Em 1987 ela analisou Maria Firmina dos Reis, entre outras autoras do mesmo período, na tese “Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX”.

Em 2013, a historiadora maranhense Régia Agostinho da Silva defendeu sua tese “A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX”, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Mais recentemente, em 2016, nas Ciências Sociais da PUC-SP, na dissertação de mestrado “Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista”, o pesquisador Rafael Balseiro Zin analisou os sentidos que a autora atribuiu à causa abolicionista em suas obras “Úrsula”, “Gupeva” e “A escrava”.

Entre outros estudos sobre a escritora, toda essa produção historiográfica tem contribuído no sentido de analisar suas obras e seu percurso, no movimento de retomada do seu lugar no campo intelectual não apenas como literata, mas como mulher negra, pioneira na literatura brasileira, responsável por uma escrita de resistência. É possível perceber nos estudos sobre a autora que essas investigações cada vez mais demandam interseccionalidades com campos como os dos feminismos negros, da história das Mulheres, do gênero e da etnia.

Esta pesquisa busca contribuir em uma nova perspectiva para a historiografia firminiana, ao propor reconstituir memórias de Maria Firmina dos Reis e buscar compreender as práticas sociais e os sujeitos envolvidos na produção de suas memórias, tomando como objeto de análise fontes produzidas em datas celebrativas, para nelas observar as representações sobre Maria Firmina dos Reis. Optou-se por reunir fontes correspondentes a datas comemorativas porque acredita-se que, para além de números, as efemérides são como marcos que carregam sob sua guarda massas submersas, blocos que, vistos de perto, revelam sujeitos com suas individualidades, suas famílias e seus grupos sociais.

---

<sup>17</sup> GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022, p. 104.

[...] o que seriam hoje as datas, aquelas pontas de *icebergs*, se fossem cortadas e destacadas de suas massas submersas? Blocos soltos, blocos erráticos que vagariam na superfície crespada das águas e, chocando-se uns nos outros, se destruiriam no mar cruel da contemporaneidade.<sup>18</sup>

Meu interesse por Maria Firmina dos Reis nasceu em 2018, quando me deparei com seu nome pela primeira vez, em um artigo acadêmico da escritora e pesquisadora Conceição Evaristo sobre literatura afro-brasileira<sup>19</sup>. Nele, Evaristo apresentava a escritora negra que publicara o romance “Úrsula” em 1859, “sendo a autora apontada como a primeira romancista e primeira mulher a escrever um romance abolicionista no Brasil”. Na ocasião, eu cursava o Lato Sensu em “História, Sociedade e Cultura” na PUC-SP e, interessada pela trajetória de Firmina, comecei a pesquisar informações sobre sua vida e suas obras. Assim, um projeto de pesquisa começava a ganhar forma.

Mas estudar as construções de memórias sobre um sujeito histórico cuja trajetória foi na contramão da narrativa hegemônica, como é o caso de Maria Firmina dos Reis, é para mim especial não apenas no campo epistemológico, mas também na esfera pessoal. Sou uma mulher branca e vivo no Brasil, país estruturado por meio da exploração do trabalho de mulheres e homens negros escravizados, exploração essa que ainda hoje privilegia a população branca, que evita o tema, ainda que seja evidente sua urgência.

É uma poderosíssima herança a do período escravocrata. São quase 400 anos em um país que tem pouco mais de 500. 4/5 da história onde o branco ocupou o lugar de escravocrata, e o negro do escravizado. E é por isso que o branco está nas principais lideranças no Brasil. Quem são os donos dos grandes meios de comunicação, dos hospitais? Quem é a maioria no Congresso e no Executivo? Homens brancos. Simbólica e concretamente, a herança da escravidão se expressa nas instituições e nos lugares ocupados pelos brancos. Um período de exploração, tanto dos recursos quanto das pessoas. Uma brutalidade total, onde lavou-se todo o sangue, e é raro você ver um livro que fale da herança da herança branca. É comum falar da herança da escravidão. Mas qual a herança que a classe empregadora traz, ao ser escravizadora por 400 anos? Como pessoa negra, eu vivo os reflexos dos 400 anos de escravidão do Brasil. Uma pessoa branca, não.<sup>20</sup>

<sup>18</sup> BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: NOVAIS, Adauto (Org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 32.

<sup>19</sup> EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, 2009, p. 25. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>.

<sup>20</sup> RUPP, Isadora. Entrevista da doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP) Maria Aparecida Silva Bento: “A herança escravocrata trava o avanço do Brasil”. **Nexo Jornal**. São Paulo, 25 mar. 2022. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2022/03/25/%E2%80%98A-heran%C3%A7a-escravocrata-trava-o-avan%C3%A7o-do-Brasil%E2%80%99#:~:text=Essa%20heran%C3%A7a%20escravocrata%20precisa%20ser,do%20Brasil%20para%20uma%20democracia>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

Acredito que os brancos vivem os reflexos da escravidão no Brasil, muitas vezes fruindo seus privilégios cotidianos sem a consciência do racismo estrutural que os alimenta nem da urgência de um debate amplo sobre privilégio branco, violência racial e reparação histórica.

Assim, minha motivação com esta pesquisa é participar dos debates historiográficos, pois estudar as narrativas, representações e a produção de memórias de Maria Firmina dos Reis é também a possibilidade de encontrar nos últimos 200 anos alguns signos da nossa contemporaneidade.

O objetivo desta pesquisa é refletir sobre as transformações e permanências na produção de memórias a respeito de Maria Firmina dos Reis entre 1975 e 2022, analisando representações sobre a escritora produzidas e/ou publicadas nesse período. Essa análise é feita em articulação com os conceitos de Liberdade e de Opressão trabalhados pela própria autora em sua obra mais conhecida, “Úrsula” (1859/1860).

Para isso, as fontes que compõem este trabalho são o livro supracitado (“Úrsula”, 1859/1860); a reprodução fotográfica do busto de Maria Firmina esculpido pelo artista plástico Flory Gama (1975); o livro de autoria de José Nascimento Morais Filho “Maria Firmina: fragmentos de uma vida” (1975); materiais (notas, artigos e matérias) publicados em 1975 por ocasião das comemorações pelos 150 anos do nascimento da autora, marco temporal da recuperação de sua obra e suas memórias; materiais publicados em 1988 por ocasião do centenário da Abolição e da nova edição de “Úrsula”; reportagens necessariamente acompanhadas de imagens que buscaram representar o rosto de Maria Firmina dos Reis, publicadas na imprensa em 2017, ano de outra efeméride, o centenário de sua morte. Também compõem os documentos observados nesta pesquisa fontes produzidas e/ou publicizadas nos anos de 2020 e 2022, quando foram celebrados, respectivamente, os 198 anos e os 200 anos de seu nascimento<sup>21</sup>.

Seguindo a inspiração das datas comemorativas como marcos de tempo, optou-se por constituir este trabalho em três capítulos, que correspondem cada qual a um período específico. No primeiro, “Liberdade e Opressão em ‘Úrsula’”, são observadas as formas como, no século XIX, Maria Firmina dos Reis representou e tratou ambos os temas, liberdade e opressão, em relação aos negros escravizados e às mulheres – escravizadas ou livres, negras ou brancas – no romance “Úrsula” (1859/1860). O objetivo ao abrir a dissertação com essa análise em “Úrsula” é apresentar de forma sucinta o enredo do romance, o que será fundamental para a compreensão do exposto nos capítulos sequenciais.

---

<sup>21</sup> No caso, enquanto a historiografia assume o ano de 1822 como nascimento de Maria Firmina dos Reis.

No segundo, “1975 e 1988: representações e memórias em tensão”, são observadas primeiramente fontes produzidas no contexto da redescoberta da autora, que culminou nas comemorações pelos seus 150 anos de nascimento, em 1975. São verificadas as articulações entre as representações de Maria Firmina dos Reis, as apropriações que se fizeram de sua obra “Úrsula”, recuperada quase simultaneamente, e o que isso revela sobre o grupo, no caso uma parte da sociedade maranhense do período. O capítulo analisa em seguida fontes produzidas em 1988, por ocasião de outra efeméride: os 100 anos da Abolição. A data dá origem a um marco temporal na historiografia firminiana, pois uma nova edição de “Úrsula” foi lançada em 1988, por ocasião do centenário da abolição da escravidão no Brasil.

O terceiro capítulo, “Representações imagéticas e produção de memórias”, discute imagens criadas e/ou reproduzidas já no século XXI, especificamente por ocasião de datas importantes para a celebração das memórias da maranhense, e busca identificar transformações e permanências na produção de memórias sobre a escritora. Para isso, analisam-se fontes produzidas e/ou publicizadas nos anos de 2017, 2020 e 2022, respectivamente o centenário de sua morte, os 198 anos e os 200 anos de seu nascimento<sup>22</sup>.

Uma vez que a construção de memórias contempla lembranças e esquecimentos, ao longo da análise de suas representações nas efemérides investiga-se a produção do esquecimento em torno de Maria Firmina dos Reis, procurando compreender de que formas ela foi silenciada e por quais meios foi submetida a um processo de apagamento.

---

<sup>22</sup> No caso, enquanto se assume o ano de 1822 como nascimento de Maria Firmina dos Reis.

# URSULA,

ROMANCE ORIGINAL BRASILEIRO,

POR

## CAPÍTULO I – LIBERDADE E OPRESSÃO EM “ÚRSULA”

JICA MARANHENSE.



SAN' LUIZ:

Na Typographia do Progresso

r. do Sacet Amia, 48.

1859.

Este capítulo se concentra no romance “Úrsula” (1859/1860) e tem como objetivo apresentá-lo resumidamente, mapear em seu conteúdo trechos que tocam os temas da liberdade e da opressão e, então, analisar essas narrativas. O foco dessa análise são narrativas relacionadas aos personagens escravizados, que aparecem tanto na voz do narrador como na dos próprios personagens negros Susana, pai Antero, Túlio e a mãe de Túlio (ver item 1.3). Também se observa no enredo, em menor destaque, o modo como as sinhás se relacionam com as questões da opressão e da liberdade, pois, ainda que brancas, uma vez mulheres, sofrem a seu modo com a opressão e a tirania do homem branco sobre suas identidades.

São analisados<sup>23</sup> trechos em que o tema da liberdade é tratado direta ou indiretamente, incluindo seus opostos: prisão, privação. Essa escolha se deu porque, ao subverter<sup>24</sup> a representação dos escravizados em seu romance, conferindo-lhes protagonismo narrativo, Maria Firmina dos Reis insere no discurso desses personagens repetidas vezes “as palavras ‘livre’ e ‘liberdade’, quase 30 anos antes da Abolição”<sup>25</sup>, o que não era comum na literatura de sua época.

O capítulo é composto, em um primeiro momento, da narrativa sobre o livro enquanto materialidade, sobre o contexto histórico-literário em que foi publicado e da síntese da narrativa ficcional em si, com análises de trechos relacionados à questão da liberdade e opressão no cotidiano dos personagens brancos. Em seguida, concentra-se na observação dos trechos que abordam a liberdade na voz do narrador, para depois analisar as narrativas sobre os temas a partir do ponto de vista dos personagens negros escravizados, que têm a tradição oral presente em suas práticas e, por meio dela, partilham memórias coletivas<sup>26</sup>.

---

<sup>23</sup> Com base em diálogos teóricos com Jacques Le Goff (“Memória”), Walter Benjamin (“O Narrador”), Roger Chartier (“Por uma sociologia histórica das práticas culturais”), Michel Foucault (“A ordem do discurso”) e Sidney Chalhoub (“Visões da liberdade”).

<sup>24</sup> O termo “subverter” foi escolhido para ser empregado aqui porque, até Maria Firmina dos Reis, as representações dos escravizados na literatura partiam do olhar do outro – do homem branco – a respeito do escravizado, apresentando-o com tintas de subalternidade ou de selvageria. Ao dar voz para o negro protagonizar suas memórias, em “Úrsula”, Firmina subverte a ordem do discurso colonialista vigente na literatura e na sociedade do período, pois permite que esse negro se humanize ao narrar a vida em família no continente africano, que lhe fora arrancada pelos bárbaros comerciantes de escravos, sua travessia de suplícios em um navio negreiro e todo o sofrimento vindouro.

<sup>25</sup> GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022, p. 23.

<sup>26</sup> O conceito de memória coletiva é proposto nesta pesquisa em diálogo metodológico com: LE GOFF, Jacques. Memória. In: Idem. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. Observado como elemento passível de ser manipulado e utilizado nas lutas sociais pelo poder.

### 1.1 Materialidade, texto e contexto no romance

O livro “Úrsula” foi escrito por Maria Firmina dos Reis em Guimarães (MA), talvez na quietude de sua residência, quando vivia na casa nº 9 da praça da Independência, onde morou entre 1847 e 1861. Sabe-se que em outubro de 1857 a obra já estava pronta e entregue na Tipografia Progresso, em São Luís, onde veio a ser impressa anos depois. Novas evidências apontam para o fato de que o romance só foi publicado em 1860, “apesar de constar na capa da edição o ano de 1859”.<sup>27</sup> A obra não foi assinada pela escritora, que optou por usar “Uma maranhense” na autoria.

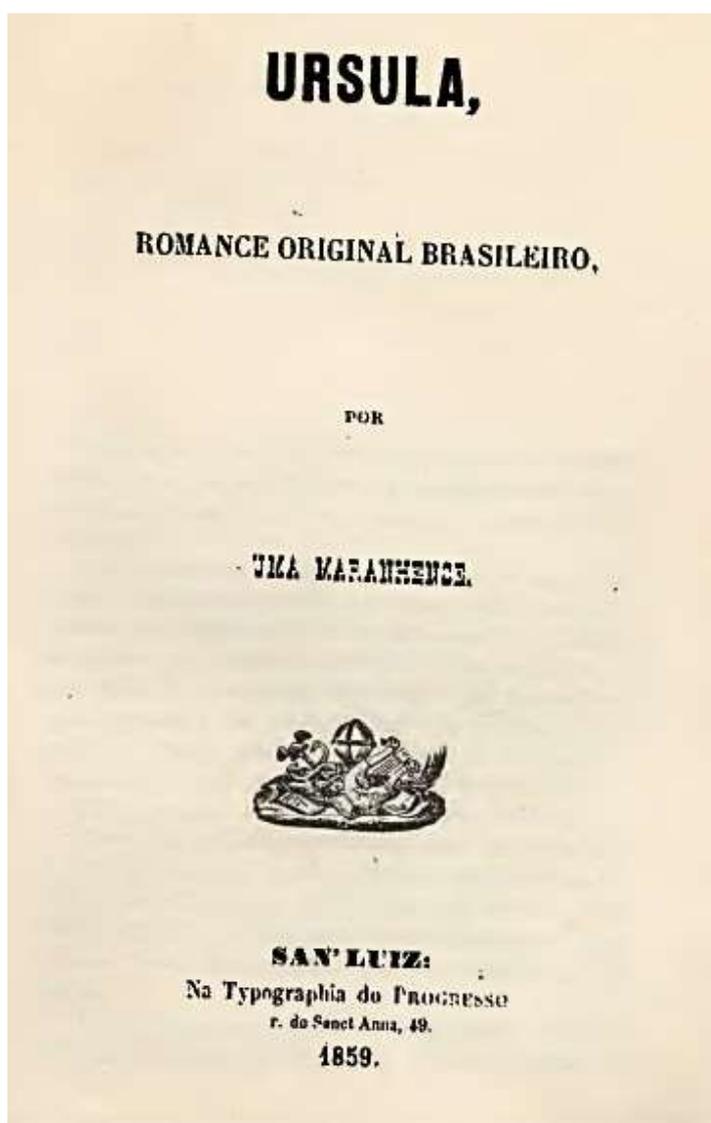


Figura 2 - Capa da primeira edição do romance “Úrsula”.

---

<sup>27</sup> GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022, p. 172.

O título “Úrsula” é classificado pelos estudos literários entre as produções do gênero Romântico da segunda metade do século XIX. A esse respeito, cabe fazer uma síntese do contexto artístico e literário do momento histórico em que Maria Firmina dos Reis viveu e produziu.

O Romantismo brasileiro nasceu em uma necessidade do movimento literário do início do século XIX, que precisava experimentar outras maneiras de escrita dos “novos tempos” de um Brasil independente, o que significava ir além das formas e dos temas tradicionais. “[...] seria impossível guardar as vantagens do universalismo e do equilíbrio clássico sem asfixiar ao mesmo tempo a manifestação do espírito novo na pátria nova. Graças ao Romantismo, a nossa literatura pode se adequar ao presente.”<sup>28</sup>

A independência do país gerou no movimento literário do XIX um impulso pelo encontro de um “intuito patriótico”, pela expressão de um espírito nacional próprio, genuíno, como se houvesse uma “verdadeira” literatura nacional, buscada por escritores daquele tempo. A literatura produzida no Romantismo brasileiro percorreu, em geral, os caminhos da celebração da pátria, do indianismo, da valorização da natureza, da religiosidade.

Com efeito, a literatura foi considerada uma parcela dum esforço construtivo mais amplo, denotando o intuito de contribuir para a grandeza da nação. Manteve-se durante todo o Romantismo este senso de dever patriótico, que levava os escritores não apenas a cantar a sua terra, mas a considerar as suas obras como contribuição ao progresso. Construir uma “literatura nacional” é afã, quase divisa, proclamada nos documentos do tempo até se tornar enfadonha.<sup>29</sup>

Maria Firmina dos Reis compartilhou com seus contemporâneos essa atmosfera de produção literária, o que permite fazer a leitura de sua obra nesse contexto. Assim, pode-se entender “Úrsula” como um romance que celebra a pátria por meio da valorização das belezas naturais, que exalta a religiosidade enquanto sentimento – o espírito religioso, mais do que a crença em uma religião específica – e abre espaço para a narrativa dos subalternizados: as mulheres e os escravizados no Maranhão do século XIX.

Na vila onde a professora passaria a residir, a escravidão era onipresente. Detentor de dezenas de fazendas, o município de Guimarães tinha um dos maiores números de escravos da província. Os colegas da professora eram proprietários de escravos, alguns para o trabalho em suas fazendas, outros apenas para os serviços domésticos.

---

<sup>28</sup> CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Vol. 2 (1836-1880), 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000, p. 11.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 12.

O professor da cadeira de primeiras letras do sexo masculino era proprietário da escrava Vicência, o delegado literário, do escravo Félix, o juiz, o promotor público e até o vigário também possuíam escravos. Martiniano providenciara a compra de uma escrava para a irmã Leonor, destinada aos serviços da casa, chamada Lauriana. Nos anos seguintes Lauriana daria à luz Guilhermina, Doroteu, Manfredo, Isidoro e Nestor. Quando nasceram Maria Amélia e Otávia, filhas de Guilhermina, Maria Firmina antecipou-se a sua mãe na alforria das duas crianças.<sup>30</sup>

O livro “Úrsula” antecede em aproximadamente nove anos o poema de Castro Alves *O Navio Negreiro* (1868) e se diferencia dele pelo fato de o relato sobre a condição dos sujeitos negros e suas experiências no porão dos navios serem, em “Úrsula”, narrados pela própria personagem preta Susana, enquanto na obra de Castro Alves o relato sobre os horrores vividos pelos negros nos navios negreiros parte da voz do eu lírico, que fala a respeito da experiência de um *outro*. Assim, as escolhas de Maria Firmina dos Reis colocam “Úrsula” em diálogo também com outras tendências literárias de seu tempo, além do próprio romantismo brasileiro, pois a escritora

[...] se irmana a seus contemporâneos e contemporâneas do hemisfério norte, mas também da América Latina e do próprio Brasil, para inscrever sua discordância frente à razão negra ocidental. E a voz brasileira se junta à de Wheatley, Equiano, Douglass, Baquaqua, Wilson, Jacobs, Avellaneda, Prince, Northrup, Nísia Floresta, Juana Manso de Noronha e muitas outras. [...] O Brasil não ficaria de fora do coro de vozes negras a clamar pelos novos tempos. [...] Sabedora do impacto exercido nos leitores pela nova forma do romance – espécie de coqueluche literária da época –, a autora constrói um enredo folhetinesco para, uma vez fígada a empatia do leitor, ir aos poucos introduzindo a crítica histórica e social. Assim, no entorno do núcleo central do enredo vivido pelos personagens brancos, introduz a fala do negro que perdeu a liberdade, mas não a humanidade. Fala que se irmana às *slaves narratives* do hemisfério norte a fim de inscrever o drama do escravizado.<sup>31</sup>

A trama de “Úrsula” se desenrola em torno de uma história de amor impedida, com personagens brancos de sentimentos exacerbados, personagens negros escravizados de personalidades singulares e dotadas de simbologias, todos os participantes do enredo submetidos aos desmandos de um vilão, senhor de escravos tomado pelo orgulho e pela insanidade.

<sup>30</sup> GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022, p. 36.

<sup>31</sup> DUARTE, Eduardo de Assis. Úrsula e a desconstrução da razão negra ocidental. In: DUARTE, Constância Lima et. al. (Orgs.). **Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora**. Rio de Janeiro: Malê, 2018, p. 55.

A protagonista Úrsula, órfã de pai, cuida há mais de uma década de sua mãe, Luiza B., paraplégica e com a saúde cada vez mais debilitada. Um dia, o escravo de Luiza B., Túlio, chega em casa acompanhado de um rapaz semiconsciente, que ele havia encontrado pelo caminho ferido e desacordado. Era Tancredo, personagem com que o livro começa. “Em uma risonha manhã de agosto”, o jovem rapaz da elite passeava a cavalo por uma bela paisagem das “mais ricas províncias do Norte”, quando o animal sofre uma síncope e leva o rapaz a uma grave queda, que o deixa desacordado, até Túlio aparecer para resgatá-lo.

Tancredo passa diversos dias na casa de Luiza B. entre a consciência e a inconsciência, ora melhor, ora com episódios de delírio e febre. Em um desses momentos, estava acompanhado por Túlio em uma madrugada, quando viu Úrsula próxima de si, mas a confundiu com outra mulher, o que o fez, furioso, disparar: “Eu te vi, mulher infame e desdenhosa, fria e impassível como a estátua! Inexorável como o inferno!... Assassina! Oh, eu te amaldiçoo... e ao dia primeiro do meu amor!... Minha mãe!... Minha pobre mãe!...”, e logo em seguida completou “Adelaide!... Este nome queima-me os beijos; enlouqueço quando penso nela”<sup>32</sup>.

Mais tarde, já recuperado, Tancredo revelou para Úrsula a história por trás do episódio da madrugada, que todos ficaram sem compreender. Começou explicando que sempre tivera muitas afinidades com sua mãe, mas não com o pai, de quem jamais conseguira ser próximo porque percebia o tratamento despótico que exercia sobre a esposa.

Não sei por quê; mas nunca pude dedicar a meu pai amor filial que rivalizasse com aquele que sentia por minha mãe, e sabeis por quê? É que entre ele e sua esposa estava colocado o mais despótico poder: meu pai era o tirano de sua mulher; e ela, triste vítima, chorava em silêncio, e resignava-se com sublime brandura.<sup>33</sup>

É nessa passagem que a questão da liberdade é pela primeira vez abordada na trama, representada pela privação de liberdade a que estava submetida a mãe de Tancredo, assim como muitas das mulheres brancas do século XIX em relação aos homens brancos do seu tempo. Assim, pode-se observar já na parte inicial do livro a proposta da autora de questionar o abuso de poder dos senhores também na esfera da vida privada, no cotidiano de seus lares, em um exercício de domínio e poder sobre os destinos e os corpos de “suas sinhás”.

Chega a idade de Tancredo buscar uma profissão, e por isso ele vai embora para São Paulo estudar Direito. Lá, passa seis anos distante, sem nenhuma visita à família, mal vendo a

---

<sup>32</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019, p. 34.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 48.

hora de terminar os estudos para rever sua mãe. Quando isso acontece, parte de volta imediatamente, saudoso que estava, e retorna ao lar, onde encontra sua mãe “desfeita”, com feições que “denunciavam grande abatimento moral”, ao lado de “uma mulher bela e sedutora, dessas que enlouquecem desde a primeira vista”<sup>34</sup>. É Adelaide, a quem ele não conhecia até aquele momento. Sua mãe a apresenta como filha de uma prima, órfã que ela acolheu como se fosse uma filha.

Tancredo se apaixona por Adelaide e é correspondido, mas, receosa, a moça o previne dizendo que é pobre e que acredita que o pai dele, em razão disso, haveria de se opor à união. É exatamente o que ocorre. O rapaz, então, tenta convencer o pai, sem sucesso. Sua mãe procura argumentar com ele, mas nada o faz mudar de opinião. O pai de Tancredo se altera e não aceita que Adelaide despose seu filho.

Passado algum tempo, o rapaz procura novamente o pai, contrariando os conselhos de sua mãe, temerosa do que pudesse acontecer com tamanha insistência de Tancredo. Após longa conversa, o pai afirma se render ao desejo do filho e diz aceitar o casamento, desde que Tancredo cumpra um sacrifício: aceite um emprego em outra cidade e passe algum tempo por lá. Só na volta, quando, segundo seu pai, a educação de Adelaide estará completa, as bodas poderiam se realizar.

Apesar de contrariado, Tancredo aceita a condição, pois não há alternativa. Em meio a juras de amor, despede-se de Adelaide. Sente o coração angustiado ao dizer adeus à sua mãe, que por sua vez demonstra temor de que aquela seja a última despedida entre os dois. O rapaz parte confiando ao pai os cuidados de sua mãe e de sua futura esposa.

Os dias passam, as semanas correm e a família segue trocando correspondências, mas aos poucos as cartas de Adelaide vão diminuindo, até cessar. A certa altura, ao voltar de uma incumbência de vários dias, Tancredo encontra uma carta de despedida escrita por sua mãe, com letra trêmula, junto com outras cartas, de seu pai e de alguns amigos, comunicando sobre a morte da genitora.

Tancredo decide, então, voltar para suas raízes e reencontrar Adelaide, e se organiza para o percurso de cerca de 15 dias a cavalo. Ao chegar na casa da família, o rapaz descobre que, logo após a morte da mãe, seu pai havia desposado sua prometida, Adelaide.

A dor que eu sentia recebendo essas cartas fatais crescia e sufocava-me à proporção que se aproximava dessa casa, onde eu deixara minha desventurada mãe, pálida e desfeita, e onde ia encontrar lutuoso

---

<sup>34</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019, p. 48.

silêncio: e o aspecto lúgubre do escravo, que vigiava à entrada, aumentou mais essa dor profunda. [...]

- Meu pai? – perguntei-lhe com voz trêmula e convulsa.

- Está fora, senhor – tornou-me tristemente. E Adelaide? Onde está ela?

- No salão – redarguiu o negro no mesmo tom.

Entrei. Veloz como um raio, atravessei corredores e salas, e num minuto estava no salão. Úrsula, minha Úrsula, eu a vi. Oh! Antes não a houvera visto, antes tivera descido ao sepulcro, que lá não me seria revelada tão triste e nefanda história!

No salão havia um turbilhão de luzes; no fundo, reclinada em primoroso sofá, estava uma mulher de extremada beleza. Figurou-se-me um anjo. A esplendente claridade, que ilumina esse salão dourado, dando-lhe de chapa sobre a fronte larga e límpida circundava-a de voluptuoso encanto.

Era Adelaide.

Adornava-a um rico vestido de seda cor de pérolas, e no seio nu ondeava-lhe um precioso colar de brilhantes e pérolas, e os cabelos estavam enastrados de joias de não menor valor.

Distraída, no meio de tão opulento esplendor, afagava meigamente as penas de seu leque dourado.

Alucinado por beleza tão radiante, corri para ela, exclamando:

- Adelaide! Minha Adelaide!

E naquele momento, seduzido pelos seus encantos, louco pela ventura de vê-la, esqueci a mágoa, que me doía no coração, da perda de minha mãe. Estendi-lhe os braços, e as expressões morreram-me nos lábios; e depois, curvando-me ante ela, ia tomar-lhe as mãos, e beijá-las com efusão; mas ela então altiva e desdenhosa disse-me com frieza, que me gelou de neve.

- Tancredo, respeitai a esposa de vosso pai!<sup>35</sup>

Adelaide seria simplesmente uma mulher fria, má e aproveitadora? Ou Adelaide lidou com as circunstâncias de acordo com suas capacidades naquele momento? Seu comportamento desperta controvérsias em leitores e em pesquisadores, pois já existe um debate teórico sobre essa personagem.

No livro ela representa o oposto da mulher ideal e, à primeira vista, pode transparecer essencialmente a imagem de uma traidora, pois, ao casar-se com o pai de Tancredo, traiu o rapaz e a mãe dele, contribuindo em alguma medida para a morte da mulher, conforme indícios da narrativa. Por outro lado, uma análise dessa personagem no contexto da sociedade patriarcal, previamente apresentada por Tancredo, mostra uma personalidade quanto mais complexa, mais humana, ao revelar camadas mais profundas de Adelaide, essa mulher branca e pobre que, uma vez se vendo órfã e sozinha, passa a precisar da ajuda dos parentes para viver.<sup>36</sup>

<sup>35</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019, p. 64.

<sup>36</sup> Essa leitura da personagem Adelaide no contexto patriarcal da sociedade a que ela pertencia é originalmente proposta por: SILVA, Régia Agostinho da. Por uma outra leitura de Adelaide do romance *Úrsula de Maria Firmina dos Reis*. **Revista Firminas - pensamento, estética e escrita**. São Paulo, v. 1, n. 1, jan./jul. 2021.

Acreditamos que Maria Firmina dos Reis urde uma trama que, ao mostrar Adelaide como imagem daquilo que as mulheres não deveriam ser no século XIX no Brasil (ou seja: ambiciosa, interesseira e vaidosa) acaba que nos contando, mesmo que não necessariamente de maneira intencional, as táticas que muitas mulheres pobres utilizavam para ascender em uma sociedade altamente hierarquizada, na qual escravos, mulheres e pobres livres tinham poucas possibilidades de melhorar de vida.<sup>37</sup>

Assim, Adelaide, essa mulher pobre e perspicaz, já havia entendido que não lhe seria permitido casar com Tancredo. Sabendo que teria de se submeter de uma forma ou outra ao poder e ao domínio masculino, utiliza como estratégia de sobrevivência os recursos que têm ao seu alcance. Pode-se ainda supor as investidas do pai de Tancredo sobre a jovem, que teria então identificado nele sua melhor possibilidade de ascensão social e garantia de um futuro livre da pobreza. Protagonista de sua escolha, Adelaide tinha também consciência da condição natural que ela impunha: para desposar o pai, ela teria de renunciar completamente ao amor de Tancredo – e assim o faz.

Sentindo-se traído, o rapaz vai embora da casa dos pais, “louco de desesperação e de dor”.<sup>38</sup> Em consequência desse episódio, ele abandona o lar de sua infância e parte a cavalo, rompendo laços com o pai e com a amada que o traíra. O narrador de “Úrsula” descreve Tancredo nessa passagem como

[...] um jovem cavaleiro melancólico, e como que exausto de vontade, atravessando porção de um majestoso campo, que se dilata nas planuras de uma das nossas melhores e mais ricas províncias do Norte, deixa-se levar ao través dele por um alvo e indolente ginete. Longo devia ser o espaço que havia percorrido; porque o pobre animal, desalentado, mal cadenciava os pesados passos.<sup>39</sup>

A apresentação do espaço que o rapaz percorre, que exalta as belezas da natureza regional, condiz com o Romantismo. Na sequência da passagem supracitada, o pobre cavalo, totalmente esgotado e sem forças, sofre uma síncope e cai, justamente em uma área do terreno extremamente acidentada. Tancredo tenta se segurar, mas cai junto do animal e rola pelo chão, ficando desacordado. É nesse momento que Túlio aparece para resgatá-lo e leva-o para a casa de Luísa B.

---

<sup>37</sup> SILVA, Régia Agostinho da. Por uma outra leitura de Adelaide do romance *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis. **Revista Firminas - pensamento, estética e escrita**. São Paulo, v. 1, n. 1, jan./jul. 2021.

<sup>38</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019, p. 66.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 25.

Já como hóspede em convalescência na casa, Tancredo se apaixona por Úrsula, a quem se declara pouco depois de contar sua história. Descobrimo que a paixão é correspondida, pede então a mão da jovem em casamento. Entre o pedido e a cerimônia, aparece o Comendador Fernando P., irmão de Luísa B., com quem tinha rompido relações havia anos. O Comendador era um homem tão detestável com seus escravizados quanto com sua irmã, a quem deixara praticamente sem recursos depois de comprar as dívidas de seu marido morto para cobrá-las.

Desequilibrado e egoísta, Fernando P. se reaproxima de sua irmã e, perturbando-a à beira da morte, enche seu coração de preocupações e angústias ao confessar-se apaixonado por Úrsula. E o pior: jura que, se ela não for sua, não será de mais ninguém. Passado pouco tempo, Luísa B. morre.

Cabe observar que Luísa B. assim com a mãe de Tancredo são ambas mulheres brancas, esposas de senhores de escravos, portanto sinhás, que compartilham um mesmo destino, apesar das histórias de vida diferentes. Tanto uma como a outra aceitaram o destino escolhido para elas pelos homens de suas vidas, aqueles que tinham o poder das decisões, geralmente seus pais e, depois, seus maridos. Ambas se submeteram às opiniões e escolhas desses “outros” sobre como seriam suas vidas – o que, em alguma medida, não deixa de ser uma escolha.

Luísa B. se dobrava, a princípio, aos desígnios do marido, Paulo B., que “se mostrou um péssimo cônjuge, mudando apenas após o nascimento de sua filha Úrsula, quando no dizer de Luísa B. já era tarde demais, porque seu assassinato já estava para acontecer”<sup>40</sup>. Após sua morte, com a compra de suas dívidas pelo Comendador, a viúva teve de se dobrar aos desmandos do irmão. Por sua vez, a mãe de Tancredo viveu um casamento de semelhantes amarguras, sob os desmandos de um marido tirano, sendo desrespeitada e, ao fim, traída por ele e pela própria afilhada.

Pouco antes da morte de Luísa B., Úrsula passa por um episódio assustador, narrado no capítulo X, “A mata”, na ocasião em que ela, sem o saber, conhece seu tio, o Comendador Fernando P. Úrsula caminhava pela mata distraída, pensando em seu amado Tancredo, “quando o som desagradável, e medonho, de um tiro de arcabuz, disparado bem junto dela, a veio arrancar a esse recreio do espírito e a fez estremecer convulsa e dar um grito involuntário”<sup>41</sup>. O tiro acertou uma ave no céu, que caiu morta ao lado da moça.

---

<sup>40</sup> SILVA, Regia Agostinho da; FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Maria Firmina dos Reis: intérprete do Brasil. **Letrônica** – Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Porto Alegre, v. 13, n.1, jan./mar. 2020, p. 8.

<sup>41</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019, p. 83.

Desde o momento em que aparece, esse homem – que ela só saberia que é seu tio mais adiante, em outra passagem – causa-lhe repulsa. Ele, por sua vez, sente por Úrsula um desejo descontrolado, e age diante da garota se aproveitando de sua posição de força e poder, intimidando-a. A narrativa construída por Maria Firmina dos Reis nesse trecho do livro descreve o que na atualidade poderia ser denominado “cena de assédio”.

- Mas, senhor, interrompeu ela impacientando-se – que pretendeis?
- São loucas as minhas pretensões, senhora, sim, loucas; porque se me animasse a confiar-vo-las, o vosso desprezo ia talvez esmagar-me. Permiti que me conserve em silêncio, que nada tem ele de ofensivo para vós.
- Pois bem, – disse ela – guardai-o muito embora; mas deixe-me em nome do céu.
- Deixar-vos?!... Oh! Não, mil vezes não! E cedendo a um excesso de apaixonada loucura, ou de amoroso delírio, curvou-se ante Úrsula, pálida de aflitiva angústia e de antipático horror.
- Úrsula! Úrsula – continuou com acento arrebatado. – Oh! Não me desdenheis, não me acabrunheis e desesperéis com o vosso rancor. Se me amardes, no meu amor encontrareis a felicidade; porque agora sou vosso escravo. Nunca o tereis mais humilde, mais dócil, acreditai-me. Nunca amei, e julguei mesmo – louco que eu era! – julguei no meu orgulho estúpido que nunca amaria mulher alguma. Destruístes a minha ilusão. Vi-vos, e um amor apaixonado, como um filtro venenoso, se me derramou na alma. Nunca supliquei, e agora eis-me súplice, humilhado na vossa presença; na presença de uma menina!<sup>42</sup>

Fernando P. faz uma série de promessas com o intuito de convencer a “menina”, mas se nega a dizer quem é, pois provavelmente deduzia que a garota já conhecia seu nome e, com ele, sua má reputação. Por outro lado, o Comendador, consciente dos privilégios de que dispõe pelo espaço que ocupa na sociedade, sente-se à vontade para declarar:

- Úrsula, – continuou – oh! Pelo céu, acreditai-me. Amo-vos. Apenas há um momento que vos conheço e parece que há um século que vos idolatro. É ardente e violento o afeto que nutro no peito. Menos puro fora ele, que, imenso como acabo de confessá-lo, saciá-lo-ia sem dificuldade. Meus escravos não estarão longe, muitos deles seguiram-me à caça: chamá-lo-ia, e vós seríeis conduzida em seus braços, apesar dos vossos gritos, e do vosso desespero, até minha casa, onde seríeis minha, sem terdes o nome de esposa.<sup>43</sup>

---

<sup>42</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019, p. 87.

<sup>43</sup> *Ibidem*.

Na passagem transcrita, o Comendador confessa a violência que estaria disposto a cometer se seu afeto fosse “menos puro”, discurso que pode ser interpretado como uma ameaça caso Úrsula não respondesse às suas expectativas românticas.

Após muita insistência por parte do homem, Úrsula consegue convencê-lo a deixá-la voltar para casa, mas não sem antes declarar: “[...] se o meu amor prosseguir assim, extremoso, indomável, apaixonado, haveis de ser minha; porque ninguém me desdenha impunemente. Ouvis?”<sup>44</sup>

É Luísa B., em seu leito de morte, quem previne Úrsula sobre o perigo que ela corre enquanto objeto do desejo de Fernando P. Instantes antes de sucumbir, a mãe não hesita em afirmar: “Úrsula, minha filha, teme a cólera de Fernando; mas sobretudo teme e repele seu amor desenfreado e libidinoso. Meu Deus! Perdoai-me se peço nisto... Aconselho-te... que fujas... Foge... minha... fi...lha!... fo...ge!...”<sup>45</sup>

Luísa morre, é enterrada pela filha, em seguida Tancredo e Túlio a reencontram, ainda no cemitério. A moça então propõe que fujam.

O Comendador Fernando P., percebendo os sinais de que seu plano não está seguindo de acordo com suas expectativas, fica contrariado e começa a disparar seus descontentamentos contra o sacerdote e sua violência contra preta Susana, condenando-a a maus-tratos, miséria e humilhações, até morrer à mingua. Sofrendo com sua paixão doentia, o homem não descansa enquanto não atrapalha a união do jovem casal, sempre focado na promessa feita para si mesmo de que Úrsula não haveria de ser de mais ninguém, se não fosse sua.

Já próximo do fim do livro, Úrsula e Tancredo se casam. Mas logo em seguida, depois de saírem da igreja e entrarem no coche, Fernando P. mata a tiros Túlio – que correra para o local na tentativa de salvar o casal amigo, pois ficara sabendo que o Comendador armaria essa tocaia – e, em seguida, com uma punhalada no peito, acaba com a vida de Tancredo. Diante da brutalidade vivenciada, Úrsula enlouquece.

Aos poucos, ela vai perdendo suas forças e nunca mais recobra o juízo, até que, após algum tempo, morre. Todo esse processo de degradação da protagonista é acompanhado por alguma medida de dor e remorso por parte de Fernando P., que por sua vez está o tempo todo acompanhado pelo sacerdote, sempre disposto a aconselhá-lo e suportá-lo em nome das relações entre ele, homem abastado que era, e a igreja.

---

<sup>44</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019, p. 89.

<sup>45</sup> *Ibidem*, p. 98.

Conta a historiografia que o título da obra – Úrsula – tem relação com uma homenagem da autora a Santa Úrsula, uma santa católica retirada do calendário litúrgico em 1969, que, “em 383 d.C., nega a casar-se com Átila, rei dos hunos, povo considerado bárbaro e pagão, e foi por isso degolada”<sup>46</sup>. Por outro lado, quando em 1847 Maria Firmina concorreu a uma vaga para professora de primeiras letras na Vila de Guimarães, ela disputou com duas colegas: D. Antônia Bárbara Nunes Barreto e D. Ursula da Graça de Araújo, conforme vê-se em nota do jornal *O Progresso*<sup>47</sup>.

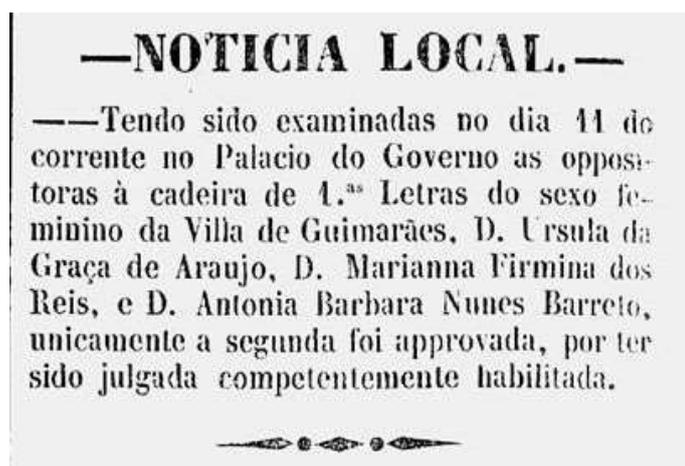


Figura 3 - Jornal *O Progresso*, nº 158, 13 ago. 1847.

Seria esse fato apenas uma coincidência? Ou haveria algo mais daquela Ursula que cruzou o seu caminho, além do nome, na personagem cuja história a autora publicaria em livro homônimo cerca de dez anos depois?

O Maranhão do século XIX era uma das províncias com maior número de negros escravizados em todo o país. Tal cenário teve início em 1755, quando Marquês de Pombal criou a Companhia de Comércio Grão-Pará Maranhão. A economia local, baseada na agroexportação algodoeira, era totalmente dependente do trabalho escravo. Era esse o contexto em que vivia a professora e escritora Maria Firmina dos Reis, e nessas circunstâncias sociais foi escrito e publicado o romance.

“Úrsula” é uma obra localizada pela área dos Estudos Literários como Romance Romântico, conforme mencionado previamente. O enredo do livro centra-se na história dos protagonistas brancos e jovens Úrsula e Tancredo, mas de maneira sutil empresta protagonismo

<sup>46</sup> SILVA, Régia Agostinho da. **A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX.** Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 113.

<sup>47</sup> O PROGRESSO, nº 158, 13 ago. 1847, p. 2. O nome de Maria Firmina foi grafado incorretamente.

aos personagens negros, que podem até parecer secundários a uma leitura menos atenta: os escravizados preta Susana (também chamada mãe Susana), Túlio, a mãe de Túlio e pai Antero. Eles falam de si, de suas memórias, sonhos, aspirações e tristezas, e com isso constroem a representação do negro como ser humano igual ao branco, o que provoca uma cisão na imagem propagada pelo colonialismo do negro como “outro”, diferente, dominado pelo instinto e, por isso, necessitado de um vínculo de submissão, de dominação.<sup>48</sup>

Os personagens negros em “Úrsula” propõem questionamentos e pontos de vista particulares da sua experiência enquanto pessoas escravizadas. Maria Firmina dos Reis propõe em sua obra uma perspectiva diversa da identidade brasileira, pensada a partir do olhar de uma “mulher negra, periférica escrevendo literatura no Brasil e de como a mesma percebia as relações de ancestralidade de matriz africana e identidades no período da escravidão do qual Maria Firmina dos Reis foi contemporânea”.<sup>49</sup>

O narrador de “Úrsula” também é responsável pela proposição de questionamentos de cunho filosófico, religioso e moral, incluindo reflexões acerca da liberdade. É sobre esses trechos que trata o próximo item, ao observar a maneira como esse narrador enxerga e constrói o conceito de liberdade na obra.

## 1.2 Liberdade na voz do narrador

[...] mudou-se já a estação; as chuvas desapareceram, e aquele mar, que viste, desapareceu com elas, voltou às nuvens formando as chuvas do seguinte inverno, e o leito, que outrora fora seu, transformou-se em verde e úmido tapete, matizado pelas brilhantes e lindas flores tropicais, cuja fragrância arrouba e só tem por apreciador algum desgarrado viajor [...]<sup>50</sup>

O trecho encontra-se no início do primeiro capítulo, “Duas almas generosas”, e faz parte da descrição minuciosa que o narrador de “Úrsula” faz da natureza que se apresenta no local onde a história acontece. Em meio à descrição, o narrador evoca a presença de um “desgarrado viajor”, alguém que, ao se desvencilhar do espaço onde permaneceu preso, agarrado, percorre caminhos, vive experiências, prova sensações só acessíveis àqueles que

<sup>48</sup> DUARTE, Eduardo de Assis. Úrsula e a desconstrução da razão negra ocidental. In: DUARTE, Constância Lima et al. (Orgs.). **Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora**. Rio de Janeiro: Malê, 2018, p. 53.

<sup>49</sup> SILVA, Regia Agostinho da; FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Maria Firmina dos Reis: intérprete do Brasil. **Letrônica** – Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Porto Alegre, v. 13, n.1, jan./mar. 2020, p. 3.

<sup>50</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019, p. 23.

dispõem de liberdade individual sobre o próprio corpo e seus desejos, liberdade essa almejada pelo jovem Túlio, personagem negro escravizado apresentado ao leitor algumas páginas à frente no romance (ver item 1.3).

Pouco depois, o narrador utiliza o termo “livre” para expressar ideia diversa de “liberdade” no contexto da escravidão e das lutas de representações, cujas reflexões o narrador propõe no decorrer da trama, lançando mão da expressão no sentido de se desfazer de algo.

Eu amo a solidão; porque a voz do senhor aí impera; porque aí despe-se-nos o coração do orgulho da sociedade, que o embota, que o apodrece, e livre dessa vergonhosa cadeia, volve a Deus e o busca – e o encontra...<sup>51</sup>

Aqui, o narrador fala sobre livrar-se de algo que não serve: o sentimento mau que está presente na sociedade, o orgulho, responsável por deixar a todos cegos. Entretanto, explica ele, quem for capaz de aquietar essa voz opressora oriunda da sociedade que ecoa dentro de nós poderá ouvir sua essência sagrada e estará livre em seu coração da vergonhosa “cadeia” – termo usado em alguns trechos do livro para fazer referência à escravidão (ver item 1.3). Assim, quem for capaz de escutar sua essência sagrada alcançará o sublime, a que o narrador chama “Deus”.

É própria do Romantismo a manifestação e exaltação do sentimento religioso<sup>52</sup>. Muitas vezes tais sentimentos são evidenciados na narrativa Romântica por meio de descrições detalhadas dos elementos da natureza e pela exaltação de suas belezas, celebradas como criações de Deus sobre a Terra.

O Romantismo brasileiro constituiu uma renovação literária permeada da atmosfera de construção nacional, o que é amplamente observado nas obras escritas principalmente na segunda metade do século XIX. Havia àquela altura um desejo coletivo, uma ambição compartilhada por uma parcela dos escritores, por fundar uma literatura nacional legítima, uma “expressão nacional autêntica”<sup>53</sup>.

Maria Firmina dos Reis trabalha nesse sentido em sua obra conhecida pela historiografia, iniciando por “Úrsula”, livro em que a escritora “humaniza o ser escravizado”<sup>54</sup>, fazendo daí o ponto de partida para uma leitura e interpretação do Brasil diversa da lente

<sup>51</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019, p. 24.

<sup>52</sup> CÂNDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira** (momentos decisivos). 2º volume (1836-1880). Belo Horizonte: Itatiaia, 1975, p. 17.

<sup>53</sup> Ibidem, p. 15.

<sup>54</sup> SILVA, Régia Agostinho da; FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Maria Firmina dos Reis: intérprete do Brasil. **Letrônica** - Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Porto Alegre, v. 13, n.1, jan./mar. 2020, p. 6.

eurocêntrica tradicionalmente utilizada. Para isso, a autora leva o narrador a questionar o que era compreendido como barbárie no mundo ocidental, que enxergava os povos da África e das Américas como inferiores. “Maria Firmina invertia a pirâmide e colocava aqueles que escravizavam outros como bárbaros. Esses sim eram os selvagens.”<sup>55</sup>

Neste trecho, como que trocando confidências com Deus, o narrador reflete sobre o sistema escravocrata, introduzindo o tema na obra sob a perspectiva da desnaturalização da escravidão.

Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima – ama a teu próximo como a ti mesmo –, e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!... Àquele que também era livre no seu país...<sup>56</sup>

O narrador busca a ancestralidade africana, lembrando que, em seus países de origem, aquelas mesmas pessoas que então estavam escravizadas eram seres humanos independentes, donos de seus corpos e decisores de seus destinos. Esse argumento retira a escravidão de uma perspectiva fundada na natureza das coisas<sup>57</sup> e a coloca em um campo de conflitos, ao mesmo tempo que declara uma condição de igualdade entre brancos e negros – subversão dos valores em meados do século XIX – quando questiona a injustiça da escravidão à qual o homem submete “seu semelhante”. “Uma rara visão de liberdade.”

*Úrsula* afirma a totalidade do negro em um retrato único da sua época ao apresentar esses personagens como indivíduos refinados, pensantes e observadores que, além disso, haviam sido arrancados da liberdade, cultura e história dos ancestrais. O livro detalha igualmente a opressão enfrentada pelas mulheres e, juntamente com sua apresentação temática e visionária, é o primeiro do Brasil escrito por um afrodescendente, e é um dos primeiros por uma mulher. *Úrsula* é importante, é claro, em termos da escritura brasileira, mas igualmente na escala mundial e global.<sup>58</sup>

Ao apresentar Luiza B., o narrador de “*Úrsula*” descreve o lar da personagem, a estética e a estrutura da casa.

---

<sup>55</sup> SILVA, Régia Agostinho da; FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Maria Firmina dos Reis: intérprete do Brasil. **Letrônica** - Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Porto Alegre, v. 13, n.1, jan./mar. 2020, p. 6.

<sup>56</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019, p. 27.

<sup>57</sup> GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022, p. 24.

<sup>58</sup> MARTIN, Charles. Maranhenses. **Revista Firminas**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 86-95, jan./jul. 2021, p. 2. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/?s=charles+martin>>. Acesso em: 11 dez. 2020.

Esplêndida claridade de um sol vivo e animador iluminava as nuas e brancas paredes dessa plácida morada, e dardejando nas vidraças das janelas, refletia sobre elas as cores cambiantes do ocaso. Aí parecia gozar-se a vida; - aí ao menos o homem terá um momento de felicidade; porque longe do buliço enganoso do mundo, com a mente erma de ambições vive nas regiões sublimes de um pensar livre e infinito como a amplidão - como Deus. A existência é serena, mais pura e mais formosa; - aí despe-se a vaidade do coração; aí cessam os mentirosos preconceitos, que o homem ergueu em seu orgulho - vergonhosos limites contra os quais vão quebrar-se de encontro os virtuosos transportes do seu coração. Quanto é o homem egoísta e vão!...<sup>59</sup>

Em suas paredes incide a luz que aquece e nutre a vida e a filosofia de vida cultivada nesse lar. O trecho explica que na casa de Luísa B., onde o sol ilumina um “pensar livre e infinito”, os escravizados recebem um tratamento humano, pois os que lá vivem mantêm-se afastados dos enganos do mundo, do orgulho e do preconceito. No entanto, são escravizados.

Esse contraponto é destacado por Túlio, que em certo momento, ainda no primeiro capítulo, confia a Tancredo as amarguras de ser cativo. Depois que o personagem questiona o sistema escravocrata, o narrador busca paisagens naturais da África.

Nas asas do pensamento o homem remonta-se aos ardentes sertões da África, vê os areais sem fim da pátria e procura abrigar-se debaixo daquelas árvores sombrias do oásis, quando o sol requeima e o vento sopra quente e abrasador: vê a tamareira benéfica junto à fonte, que lhe amacia a garganta ressequida: vê a cabana onde nascera, e onde livre vivera! Desperta porém em breve dessa doce ilusão, ou antes sonha que a engolfara, e a realidade opressora lhe aparece: é escravo em terra estranha!<sup>60</sup>

Vê-se nesse trecho uma reafirmação da condição de igualdade entre pessoas negras e brancas, pois descreve um negro escravizado que recorre às memórias para recordar o sentido de liberdade, evocando uma África idealizada e oposta ao país presente.

No fragmento a seguir, o narrador trabalha a dualidade corpo-alma, propondo reflexões que sugerem referência ao *Fédon*, diálogo de Platão. Nele, para além de uma dualidade corpo-alma, esta última tem o caráter de “mediação entre o sensível e o inteligível”<sup>61</sup>, entendendo-se como “sensível”, nesse diálogo, o campo das sensações ao qual o corpo pertence.

---

<sup>59</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019, p. 31.

<sup>60</sup> Ibidem, p. 37

<sup>61</sup> BARROS, Leandro Alfredo da Silva. A correlação corpo-alma platônica: uma relação possível. **Revista Metanoia**. São João Del-Rei, n. 6, 2003-2004, p. 2.

[...] porque a alma está encerrada nas prisões do corpo! Ela chama-o para a realidade, chorando, e o seu choro, só Deus compreende! Ela não se pode dobrar, nem lhe pesam as cadeias da escravidão; porque é sempre livre, mas o corpo geme, e ela sofre, e chora; porque está ligada a ele na vida por laços estreitos e misteriosos.<sup>62</sup>

A alma, em sua tarefa de fazer a ponte, tenta dominar as sensações do corpo, as dores sentidas na carne. Sobre ela, a alma, nenhum castigo pode pesar, porque nenhum corretivo a alcança. Mesmo assim, chora, porque seu corpo sofre, e a alma sente, pois está ligada a ele até a morte.

A mesma “lógica platônica” é aplicada pelo narrador no capítulo XX, já ao final do livro, quando ele revela o destino da protagonista após tantos dissabores, àquela altura arrebatada pela loucura e muito doente: “Úrsula sorria, afagando invisível sombra, mas esse sorriso era débil e vaporoso – era o derradeiro esforço de uma alma que está prestes a quebrar as prisões do corpo.”<sup>63</sup> Aqui, mais uma vez o narrador evoca a dualidade corpo-alma, acrescentando a perspectiva da morte como ponto de inflexão da alma libertando-se das amarras do corpo, emancipando-se da prisão dos sentidos – enfim, despreendendo-se dos já mencionados “laços estreitos e misteriosos” que unem corpo e alma naturalmente.

No trecho analisado a seguir, o narrador relata como foi que o jovem Tancredo, aquele cuja vida foi salva pelo também jovem escravizado Túlio, tornou possível a alforria deste, que era parte entre as propriedades de Luísa B., a mãe de Úrsula.

Tinha-se alforriado. O generoso mancebo, assim que entrou em convalescença, dera-lhe dinheiro correspondente ao seu valor como gênero, dizendo-lhe: - Recebe, meu amigo, este pequeno presente que te faço, e compra com ele a tua liberdade. Túlio obteve pois por dinheiro aquilo que Deus lhe dera, como a todos os viventes. Era livre como o ar, como o haviam sido seus pais, lá nesses adustos sertões da África; e, como se fora a sombra do seu jovem protetor, estava disposto a segui-lo por toda a parte. Agora Túlio daria todo o seu sangue para poupar ao mancebo uma dor sequer, o mais leve pesar, a sua gratidão não conhecia limites. A liberdade era tudo quanto Túlio aspirava; tinha-a – era feliz!<sup>64</sup>

O narrador informa no fragmento reproduzido que Túlio finalmente conquistou a tão almejada liberdade em função de Tancredo ter-lhe recompensado financeiramente na quantia certa para que comprasse sua alforria. Tudo isso em agradecimento por Túlio ter salvado sua

---

<sup>62</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019, p. 37.

<sup>63</sup> *Ibidem*, p. 142.

<sup>64</sup> *Ibidem*, p. 38.

vida. “Tinha-se alforriado”, e com isso conquistou a liberdade, definida pelo narrador como condição tão espontânea quanto o ar, forma de se viver tão natural quanto a que seus pais experimentavam nos “sertões da África”, antes do cativo.

Tal gesto de Tancredo desperta em Túlio toda a gratidão que podia manifestar. Tanto que se dispõe a seguir com o jovem por onde fosse, a partir de então, e protegê-lo com a própria vida se preciso.

À época em que “Úrsula” foi publicado, entre 1859 e 1860, a alforria era o instrumento legal capaz de assegurar a libertação de um escravizado do cativo. “Demandava dinheiro. A sociedade escravocrata avaliava um escravo de 20 a 30 anos, em média, por 600 mil réis. Corresponhia ao valor de uma casa de morada inteira, de paredes de taipa e coberta de telhas, na praça da Alegria.”<sup>65</sup>

Ou seja, cada cativo sabia perfeitamente que, excluídas as fugas e outras formas radicais de resistência, sua esperança de liberdade estava contida no tipo de relacionamento que mantivesse com seu senhor particular. A ideia aqui era convencer os escravos de que o caminho para a alforria passava necessariamente pela obediência e fidelidade em relação aos senhores. Mais ainda [...], a concentração do poder de alforriar nas mãos dos senhores fazia parte de uma ampla estratégia de produção de dependentes, de transformação de ex-escravos em negros libertos ainda fiéis e submissos a seus antigos proprietários.<sup>66</sup>

Segundo conta o narrador, Túlio não corresponde exatamente a essa estratégia colonialista, já que, ao comprar a alforria de Luísa B., não volta sua gratidão à antiga proprietária, mas sim ao novo companheiro, Tancredo, com quem decide partir para conhecer novas paisagens. Sua escolha transparece uma personalidade que anseia pela liberdade, como quem é movido pelo ânimo do “desgarrado viajor” que o narrador de “Úrsula” evoca no início do primeiro capítulo (ver item 1.1), um homem de espírito aventureiro, que busca na natureza o perfume das flores, a mudança das estações e a liberdade que lhe permita experimentar o tempo em seus ciclos.

Maria Firmina dos Reis conviveu com muitos escravizados – alguns dos quais inclusive alforriou –, conforme registros em seu álbum íntimo<sup>67</sup>, no qual fala sobre uma escravizada que obteve sua carta de alforria, narrando que, em 17 de março de 1887, “Porfíria

<sup>65</sup> GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022, p. 132.

<sup>66</sup> CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 122.

<sup>67</sup> Álbum de recordações, uma espécie de diário com registros pessoais e de pessoas próximas, costume muito difundido no século XIX, principalmente entre mulheres.

recebeu a liberdade”<sup>68</sup>. Mas anos antes a escritora já atuava em favor da libertação de negros escravizados, como em 14 de dezembro de 1856 e em 4 de abril de 1858, quando nos batizados de Maria Amélia e de Otávia simulou ser a proprietária de ambas para lhes conceder a alforria na pia batismal.<sup>69</sup>

Em “Úrsula”, a escritora faz uso da literatura como registro, ainda que ficcional, do que foi o Maranhão do século XIX sob uma perspectiva diferenciada, priorizando as experiências dos escravizados. Neste trecho que segue, o narrador reflete sobre a maneira como o Comendador rouba a liberdade de seus cativos, que viviam exclusivamente para o serviço do seu senhor, dia e noite.

[...] os desgraçados escravos do comendador, espectros ambulantes, não dispunham de uma só hora do dia, que pudessem dedicar em benefício de suas moradas; à noite trabalhavam ordinariamente até o primeiro cantar do galo. Esfaimados, seminus, espancados cruelmente, suspiravam pelas duas ou três horas de sono fatigado, que lhes concedia a dureza de seu senhor.<sup>70</sup>

O trecho representa a relação de exploração do senhor com os escravizados, usurpados que eram de suas forças físicas, impedidos de dispor de algum tempo livre para si. É o método colonizador: toma-se a força de trabalho e tenta-se a todo custo anular o ser, apartando-o de elementos sociais afins, destruindo seus vínculos, matando as subjetividades, massificando-os, na tentativa por transformá-los em vítimas passivas da escravidão.

Em um movimento de resistência, Maria Firmina dos Reis constrói “uma rara visão de liberdade”<sup>71</sup> em “Úrsula” quando, ao longo da narrativa, põe em condição de igualdade os personagens negros e brancos.

### 1.3 Liberdade na voz dos personagens escravizados

Os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, mais não são do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem “a medida em que a organização os mantém ou os reconstitui”. Alguns cientistas foram assim levados a aproximar a memória de fenômenos diretamente

<sup>68</sup> GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022, p. 132.

<sup>69</sup> Ibidem, p. 137.

<sup>70</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019, p. 107.

<sup>71</sup> MARTIN, Charles. Uma rara visão de liberdade. Prefácio. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Rio de Janeiro: Presença Edições; Brasília: INL, 1988, p. 9-14.

ligados à esfera das ciências humanas e sociais. Assim, Pierre Janet “considera que o comportamento mnemônico fundamental é o ‘comportamento narrativo’ que se caracteriza antes de mais nada pela sua *função social*, pois que é comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo” [...] Deste modo, Henri Atlan [...] aproxima linguagens e memórias; “A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta quer nos outros quer nas bibliotecas”.<sup>72</sup>

Em “Úrsula”, os personagens negros escravizados têm o papel de guardiões da memória coletiva, de uma ancestralidade na África, com ênfase nas recordações de preta Susana, que, para além da informação, tem o conhecimento empírico, pois viveu as sensações e os significados da liberdade.

O comportamento narrativo dos personagens negros escravizados em “Úrsula” é marcado pelo ato de rememoração, de recordação e narração de situações vividas por eles, geralmente relacionadas à condição de cativos ou a um passado de liberdade na terra natal – passagens em que uma memória coletiva sobre o continente africano é verbalizada, em um testemunho de saudade e idealizações, examinado mais adiante.

Antes, são analisadas outras passagens, a começar pelas narrativas de Túlio, jovem escravizado de propriedade da mãe de Úrsula, Luísa B., que logo no início do primeiro capítulo caminha no alvorecer do dia rumo a um bosque para buscar água, quando encontra em seu caminho o cavaleiro Tancredo ferido e semiconsciente. Enquanto tentam estabelecer uma conversa, Tancredo volta-se para Túlio de forma amistosa e, chamando-o “generoso amigo”, mostra interesse em saber qual é sua condição, ao que o rapaz responde:

A minha condição é a de mísero escravo! Meu senhor – continuou – não me chameis amigo. Calculastes já, sondastes vós a distância que nos separa? Ah! O escravo é tão infeliz!... Tão mesquinha e rasteira é a sua sorte, que...<sup>73</sup>

Essa distância a que Túlio se refere quando pergunta “sondastes vós a distância que nos separa?” representa a liberdade e, ao mesmo tempo, a escravidão: é essa condição, a do homem livre, encarnada por Tancredo, em contraste com a condição de homem escravizado,

<sup>72</sup> LE GOFF, Jacques. Memória. In: Idem. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p. 424.

<sup>73</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019, p. 30.

representada por Túlio, que imprime a diferença crucial – ou a distância – que separa um personagem do outro.

É a partir de sua condição de cativo, a quem a liberdade foi uma prática interdita desde o princípio, que Túlio apresenta a Tancredo sua visão da liberdade, enquanto reflete a respeito de seus opostos, a opressão, a miséria, a tristeza. Tancredo, por sua vez, encontra-se no outro extremo, tendo a liberdade como prática natural, como fora com seu pai, seu avô e todo homem branco proprietário de terras na época.

Pouco à frente, Túlio reflete sobre a liberdade enquanto evoca memórias coletivas, que podem ter-lhe sido narradas por sua mãe, na infância, ou por algum dos escravizados com quem conviveu, e medita sobre uma África e uma liberdade idealizadas.

- [...] Porque o que é senhor, o que é livre, tem segura em suas mãos ambas a cadeia, que lhe oprime os pulsos. Cadeia infame e rigorosa, a que chamam "escravidão"?!... E entretanto este também era livre, livre como o pássaro, como o ar; porque no seu país não se é escravo. Ele escuta a nênia plangente de seu pai, escuta a canção sentida que cai dos lábios de sua mãe e sente como eles, que é livre; porque a razão lho diz, e a alma o compreende. Oh! A mente! Isso sim ninguém a pode escravizar!<sup>74</sup>

Na passagem, Maria Firmina inverte a lógica escravocrata mais uma vez, devolvendo ao negro escravizado suas raízes e colocando na posição de selvagem o branco, capaz de capturar e oprimir pessoas, trancá-las nos porões de navios em condições criminosas e transformá-las em mercadoria comercializada nos países de destino, mantendo assim a “cadeia infame e rigorosa” segura nas mãos daquele “que é senhor”.

A relação que se estabelece entre Túlio e Tancredo oferece mais um trecho para análise, identificado no capítulo IX de “Úrsula”, intitulado “A preta Susana”. Nele, há um diálogo entre Túlio e mãe Susana iniciado quando ela questiona a imensa gratidão demonstrada pelo rapaz a Tancredo: “A gratidão!? E não a deves à senhora, que para ti tem sido quase que uma mãe? Não a deves à menina? E porque as deixas? É que não sentes saudades delas.”<sup>75</sup>

Mãe Susana diz isso porque Túlio decide deixar Luísa B. e Úrsula para ir embora junto com Tancredo. Isso porque Tancredo, em reconhecimento pelo fato de o escravo ter salvado sua vida, oferece a Túlio o dinheiro necessário para que adquira sua liberdade. Aí se origina a gratidão por Tancredo, conforme o próprio Túlio explica ao comunicar à mãe Susana que

<sup>74</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019, p. 36.

<sup>75</sup> Ibidem, p. 77.

decidiu ir embora junto do rapaz. Diz ainda que seria capaz de dar a própria vida em agradecimento por ele lhe permitir alcançar tudo o que sempre sonhara: a liberdade. Sua gratidão e sua decisão de ir com Tancredo são questionadas por Susana, que relativiza a relação que se estabelece entre os dois ao ponderar que essa talvez não se baseie tanto em um sentimento de gratidão, mas se refira mais à transformação de uma espécie de relacionamento econômico e social injusto – a escravidão da qual Túlio se libertara – para outro<sup>76</sup> que não mais se caracteriza como escravidão, porém é, no ponto de vista de mãe Susana, igualmente injusto.

Entretanto, para Túlio, ir embora com Tancredo significa experimentar uma outra forma de viver, agora alforriado, como um homem que conquistou sua liberdade, para além dos aspectos abordados por mãe Susana, pois, “numa sociedade escravista, a carta de alforria que um senhor concede a seu cativo deve ser também analisada como o resultado de esforços bem-sucedidos de um negro no sentido de arrancar a liberdade a seu senhor”<sup>77</sup>. Nessa perspectiva, podem-se observar as relações entre Túlio e Luísa B. – sua proprietária, portanto quem legalmente deve ter concedido a alforria a ele e recebido o pagamento – e entre ele e Tancredo também como uma estratégia do jovem escravizado para se aproximar de seu objetivo de conquistar a liberdade<sup>78</sup>, ainda que fossem relacionamentos constituídos também por laços emocionais.

Túlio em seguida explica a mãe Susana:

- Oh! Quanto a isso não, mãe Susana - tonou Túlio – A senhora Luísa B. foi para mim boa e carinhosa, o céu lhe pague o bem que me fez, que eu nunca me esquecerei de que poupou-me os mais acerbos desgostos da escravidão, mas quanto ao jovem cavaleiro, é bem diverso o meu sentir; sim, bem diverso. Não troco cativo por cativo, oh não! Troco escravidão por liberdade! Veja, mãe Susana, se deve ter limites a minha gratidão: veja se devo, ou não, acompanhá-lo, se devo, ou não provar-lhe até a morte o meu reconhecimento!...<sup>79</sup>

Agora liberto, Túlio deseja experimentar o sentimento e a experiência daquilo que até então lhe fora negado, a ele e a seus irmãos escravizados, a liberdade – que se mantinha sob o domínio dos senhores de escravos no Brasil, onde a alforria só podia ser obtida por vontade explicitada pelo proprietário do escravizado. Hoje, há documentos que indicam que a própria

<sup>76</sup> CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 119.

<sup>77</sup> Ibidem, p. 24.

<sup>78</sup> NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. A construção do negro no romance *Úrsula*. In: DUARTE, Constância Lima et al. (Orgs.). **Maria Firmina dos Reis**: faces de uma precursora. Rio de Janeiro: Malê, 2018, p. 133.

<sup>79</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019, p. 78.

Maria Firmina dos Reis se fez passar por proprietária de alguns escravizados para poder conceder-lhes a alforria.<sup>80</sup>

Neste ponto mãe Susana relativiza a conquista de Túlio ao pôr em xeque o que ele conceitua por liberdade. Ela o confronta, e nesta sequência de diálogos entre os dois personagens insere-se na obra a reflexão sobre o que é ser livre, comparando-se o ponto de vista do rapaz que nascera cativo e acabara de conseguir a alforria com o da escravizada que fora mulher livre na África e guarda vivas as memórias individuais e as memórias coletivas desse tempo em seu país. Mãe Susana inicia o diálogo:

- Tu! Tu livre? Ah, não me iludas! - exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. - Meu filho, tu és já livre?..  
 - Iludi-la! - respondeu ele, rindo-se de felicidade - E para quê? Mãe Susana, graças à generosa alma deste mancebo, sou hoje livre, livre como o pássaro, como as águas; livre como o éreis na vossa pátria.<sup>81</sup>

Neste ponto a seguir, o narrador onisciente toma parte para transmitir o que vai no íntimo de Susana, seus sentimentos e suas emoções: memórias que lhe provocam dor, tristeza.

Estas últimas palavras despertaram no coração da velha escrava uma recordação dolorosa; soltou um gemido magoado, curvou a fronte para a terra, e com ambas as mãos cobriu os olhos.  
 Túlio olhou-a com interesse; começava a compreender-lhe os pensamentos.  
 - Não se aflija - disse - Para que estas lágrimas? Ah! Perdoe-me, eu despertei-lhe uma ideia bem triste!  
 A africana limpou o rosto com as mãos, e um momento depois exclamou:  
 - Sim, para que estas lágrimas?!... Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo quanto meu foi caro! Liberdade! Liberdade... ah! Eu a gozei na minha mocidade! - continuou Susana com amargura - Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca as mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah! Meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma: uma filha, que era minha vida, as minhas ambições, a minha suprema

<sup>80</sup> GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022, p. 168.

<sup>81</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019, p. 79.

ventura, veio selar nossa santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até a própria liberdade!<sup>82</sup>

Como o narrador que vem de longe<sup>83</sup>, Susana se fixa no Brasil depois de ser aprisionada por traficantes de escravos no continente africano. Dessa forma, traz com ela as experiências de terras distantes, que partilha com os demais, transmitindo conhecimentos por meio da oralidade, como quando explica para Túlio a sua visão de liberdade. Nessa ocasião, Susana confronta seu ponto de vista com aquele que o rapaz defende na ocasião de sua alforria. Ela, como alguém que experimentou a liberdade no passado enquanto condição natural da existência, apoia-se nessa vivência empírica, distante em tempo e espaço, para a defesa de seu ponto de vista junto a Túlio. Dessa forma, preta Susana faz uso da memória coletiva como recurso em sua argumentação sobre liberdade e no aconselhamento ao rapaz a respeito dos rumos que ele escolheu ao optar por ir embora com Tancredo.

Entre os personagens negros escravizados do livro, a saber Susana, Túlio, a mãe de Túlio e Antero, a primeira detém o protagonismo narrativo entre os quatro e, com ele, vai aos poucos revelando sua autoridade, construída natural e gradativamente, de modo que preta Susana presta um testemunho conforme revela as memórias de um tempo em que era protagonista da própria vida. Ela exerce, assim, um papel de guardiã da memória<sup>84</sup> coletiva passada, cumprindo dessa maneira uma função como guardiã da memória coletiva da liberdade na África, de uma liberdade ancestral, de origem.

“[...] a África de Maria Firmina dos Reis era uma África sonhada, idealizada, mas que tinha como princípio a liberdade.”<sup>85</sup> Como os mitos de origem que dão fundamento à existência de uma família, ou de uma etnia, o continente idealizado na voz de preta Susana pode ser compreendido como um local de origem onde é possível ser acessada a ancestralidade de um grupo que agora vive do outro lado do Atlântico. Mas, antes de chegar deste lado, houve a travessia. E a ela antecedeu o sequestro de sua liberdade.

---

<sup>82</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019, p. 79.

<sup>83</sup> BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Idem. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas - Vol. 1, 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 214.

<sup>84</sup> Sobre a questão dos homens-memória, guardiões da memória, genealogistas, tradicionalistas cf. LE GOFF, Jacques. Memória. In: Idem. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

<sup>85</sup> SILVA, Régia Agostinho da; FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Maria Firmina dos Reis: intérprete do Brasil. **Letrônica** - Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Porto Alegre, v. 13, n.1, jan./mar. 2020, p. 6.

Ainda no capítulo IX, Susana narra o contexto em que foi raptada em seu país: deixara a filhinha com sua mãe para ir à roça colher milho. Foi então que dois homens apareceram, capturaram-na e a amarraram com cordas.

[...] Era uma prisioneira - era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. [...] Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava - pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus! O que se passou no fundo da minha alma, só vós o pudestes avaliar!...<sup>86</sup>

Trata-se de um testemunho, de um relato oral da memória coletiva narrado pela mulher com a finalidade de que seja registrado por outrem, para que essa história não se perca, mas se perpetue como narrativa geração após geração.

Mãe Susana, então, detalha os sofrimentos que viveu durante 30 dias no porão do navio negreiro enquanto atravessava o oceano Atlântico. Túlio deve ser capaz de conservar essas memórias e passá-las adiante, sem deixar que caia no esquecimento o fato de “que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos”<sup>87</sup>.

É a primeira vez na literatura brasileira que a voz de uma personagem negra e mulher é expressa a partir dos lugares de onde Susana fala. No trecho que segue, a personagem narra a travessia do Atlântico no porão do navio negreiro, quando foi trazida à força de seu país na África para o Brasil.

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de tudo quanto é necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras." [...] A dor da perda da pátria, dos entes caros, da liberdade foi sufocada nessa viagem pelo horror constante de tamanhas atrocidades. [...] a dor que tenho no coração, só a morte poderá apagar! - Meu marido, minha filha, minha terra... Minha liberdade...<sup>88</sup>

O conteúdo desse relato de preta Susana coincide com o de relatos históricos registrados em biografias de ex-escravizados que tiveram suas memórias publicadas. Sobre isso, a historiografia revela que desde muito nova Maria Firmina dos Reis ouvia relatos sobre

---

<sup>86</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019, p. 79.

<sup>87</sup> *Ibidem*, p. 80.

<sup>88</sup> *Ibidem*, p. 80.

o cativo de sua mãe, Leonor, e da avó, Engrácia, ambas escravas alforriadas. Paralelamente, a travessia do Atlântico era uma história que a mãe de sua grande amiga Guilhermina também contava: era a escrava Lauriana, nascida na costa ocidental da África<sup>89</sup>. Todos esses relatos e documentos reforçam a importância que teve a oralidade na transmissão e preservação dessas memórias até o presente.

Maria Firmina cresceu ouvindo os relatos do cativo narrados por sua avó Engrácia e por sua mãe Leonor. Ambas haviam sido escravas do comendador Caetano José Teixeira, dono do navio *Vitória*, usado no tráfico de africanos escravizados com frequentes rotas do porto de Cacheu, na Guiné, para o porto de São Luís. Posteriormente Engrácia e Leonor foram negociadas com *Balthazar José dos Reis*, pai de Sotero dos Reis, obtendo, em seguida, a alforria. As narrativas dos dramas da viagem atlântica nos porões dos navios foram acrescidas pelas histórias contadas pela escrava Lauriana, mãe de Guilhermina. Maria Firmina refere-se a Guilhermina, em seu diário, como “irmã querida”. Lauriana, trazida em um navio tumbeiro, nasceu na costa ocidental africana e faleceu aos 85 anos, em Guimarães.<sup>90</sup>

Um terceiro personagem negro escravizado em “Úrsula” é o “pai” Antero, ou apenas Antero, um velho escravizado pelo Comendador Fernando P. que já não ligava mais para quase nada e, endurecido pelos sofrimentos da vida, muitas vezes cometia com seus pares os mesmos castigos e violências que recebia do seu senhor.

A certa altura do capítulo XVIII, “A dedicação”, Antero mantém Túlio preso a mando do Comendador, e nessa ocasião os dois escravizados têm oportunidade de conversar. Túlio analisa os hábitos do velho Antero. “Que mal vício em verdade, pai Antero... Sempre a fumar e a beber. Não vos envergonhais de semelhante procedimento? Que conceito fará de vós o senhor comendador?”<sup>91</sup> À pergunta de Túlio segue-se o fragmento exposto a seguir na voz de Antero, que, respondendo ao jovem, apresenta o testemunho oral de alguns hábitos e costumes que permeiam a memória coletiva da “sua terra”:

– Que conceito? – interrogou o velho desapontado – Que conceito! É o púnico vício que tenho; e ainda por conservá-lo não prejudiquei ninguém. Que te importa que beba, - acrescentou com voz que queria dizer: não tens coração. – Por ventura pedi-te algum dinheiro para fumo ou cachaça? – e dizendo afagava a cabaça vazia com um desvelo todo

<sup>89</sup> GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022, p. 31.

<sup>90</sup> *Ibidem*.

<sup>91</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019, p. 130.

paternal, como que arrependido de tê-la desprezado, a ela, sua companheira constante.

– Não – respondeu friamente Túlio.

– Pois bem, continuou o velho – no meu tempo bebia muitas vezes; embriagava-me, e ninguém me lançava isso em rosto; porque para sustentar meu vício não me faltavam meios. Trabalhava, e trabalhava muito, o dinheiro era meu, não o esmolei. Entendes?

– Perfeitamente – retorquiu Túlio, fingindo sorrir-se.

– Pois ouça-me, senhor conselheiro: na minha terra há um dia em cada semana, que se dedica à festa do fetiche, e nesse dia, como não se trabalha, a gente diverte-se, brinca, e bebe.<sup>92</sup>

No trecho citado fica explícito o fato de Antero ter nascido no continente africano, assim como Susana, o que confere a ele também uma autoridade relacionada à ancestralidade, papel que se aproxima ao de Susana.

Nas memórias que Antero narra de sua terra natal, havia ao menos um dia na semana em que se podia ser livre. Novamente aparece no romance a África de liberdade, oposta à terra presente e referência de tudo o que não se tinha aqui.

A África de Maria Firmina dos Reis, embora idealizada, era uma África que continha nobreza e liberdade; era uma África mãe, que vira roubados seus filhos para a escravidão no novo mundo. Ao construir essa imagem, Maria Firmina acaba por valorizar a cultura africana em nosso País, inaugurando assim, uma voz dissonante de tudo o que estava colocado na literatura brasileira do período e construindo a visão de um país afrodescendente, no qual as culturas de negros e brancos, assim como dos indígenas, visto que Maria Firmina também escreveu “Gueva” (1861), se misturam e se igualam.<sup>93</sup>

Ao mesmo tempo que o vigiava a mando do Comendador Fernando P., Antero se compadecia de Túlio. “Coitado – dizia ele lá consigo – Sua pobre mãe acabou sob os tratos de meu senhor!... E ele, sabe Deus que sorte o aguarda. Pobre Túlio!...”<sup>94</sup>

Pai Antero convivera com a mãe de Túlio durante algum momento no passado, pois ambos “pertenceram” ao mesmo senhor perverso. Sem nome, identificada apenas como “mãe de Túlio”, a personagem aparece no romance por meio das memórias do rapaz e de Antero, lembranças de momentos extremamente cruéis e, no entanto, típicos da sociedade escravista,

<sup>92</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019, p. 131.

<sup>93</sup> SILVA, Régia Agostinho da; FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Maria Firmina dos Reis: intérprete do Brasil. **Letrônica** - Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Porto Alegre, v. 13, n.1, jan./mar. 2020, p. 7.

<sup>94</sup> REIS, op. cit., p. 129.

como a separação de um filho da sua mãe escravizada, narrada neste diálogo entre Túlio e Tancredo no capítulo XIV, “O regresso”:

- Minha mãe – continuou o jovem negro – era a escrava predileta de minha senhora: essa predileção chamou sobre ela parte do ódio que Fernando P. votava à sua irmã.

Deveis saber que esse homem amaldiçoado comprou as numerosas dívidas que meu senhor legou à órfã e à sua viúva, com o intuito tão somente de reduzi-la ao último extremo da miséria, como reduziu; porque seus diversos credores ter-se-iam comovido, e talvez lhe facultassem os meios de os ir pagando sem grande detrimento de sua fortuna, aliás tão arruinada.

- Que vingança tão mesquinha!... – interrompeu Tancredo indignado.

- Pois bem, prosseguiu Túlio, com voz lagrimosa – minha desgraçada mãe fez parte *daquilo* que ele comprou aos credores, e talvez fosse ela mesma uma das *coisas* que mais o interessava. Quando ela se viu obrigada a deixar-me, recomendou-me entre soluços aos cuidados da velha Susana, aquela pobre africana que vistes em casa de minha senhora, e que é a única escrava que lhe resta hoje!

Minha mãe previa a sorte que lhe aguardava; abraçou-me sufocada em pranto, e saiu correndo como uma louca.

Ah! Quão grande era a dor que a consumia! Porque era escrava, submeteu-se à lei que lhe impunham, e como um cordeiro abaixou a cabeça, humilde e resignada.

Bem pequeno era eu – continuou Túlio após uma pausa entrecortada de soluços –; mas chorei um pranto bem sentido por vê-la se partir de mim, e só comecei a consolar-me, quando mãe Susana à noite balouçando-me na rede, disse-me:

- Não chores mais, meu filho, basta. Tua mãe volta amanhã, e te há de trazer muito mel, e um balaio cheio de frutas.

- Enxuguei os olhos e dormi na doce esperança de revê-la; e à noite sonhei que a vira carregada de frutas, como a boa velha me havia dito. Embalde a esperei no outro dia! Porém mãe Susana, que chorava enquanto eu cuidava dos meus brinquedos, sorria-se quando me via, e procurava fazer-me esquecer minha mãe e seus afagos.

Minhas forças eram ainda débeis para compreender toda a extensão da minha desgraça, e por isso as saudades que me ficaram, pouco a pouco, foram-se-me adormecendo no peito.

Eu estava já crescido; mas nunca mais a havia visto; era-nos proibida qualquer entrevista.

Um dia, disseram-me: – Túlio, tua mãe morreu!<sup>95</sup>

Nesse trecho em que a mãe de Túlio é dada ao conhecimento do leitor, é clara a questão colocada sobre a separação entre parentes, o que era comum na sociedade escravista e tinha a função de minar as subjetividades dos sujeitos, procurando cortar seus laços emocionais e sociais, pondo em dúvida sua própria humanidade, muitas vezes com amparo de teorias

<sup>95</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019, p. 108.

eugenistas. Ao perceber que seria apartada do filho, a mãe de Túlio imediatamente encarrega preta Susana dos cuidados do menino. A mesma Susana que há tempos já era mucama de Luísa B. e por isso considera Úrsula como filha assume a criação do pequeno Túlio e, assim, exerce sua função materna como “mãe preta”.<sup>96</sup> Preta Susana não teve filhos biológicos, mas foi mãe de criação, assim como Maria Firmina dos Reis.

A mãe de Túlio não teve direito a opinar sobre seu destino, não teve direito a voz quando foi separada do filho por decisão de um terceiro – o Comendador. Na narrativa, a mãe de Túlio também não aparece para contar sua história na própria voz; ela é contada pelos outros – por seu filho Túlio e por Antero.

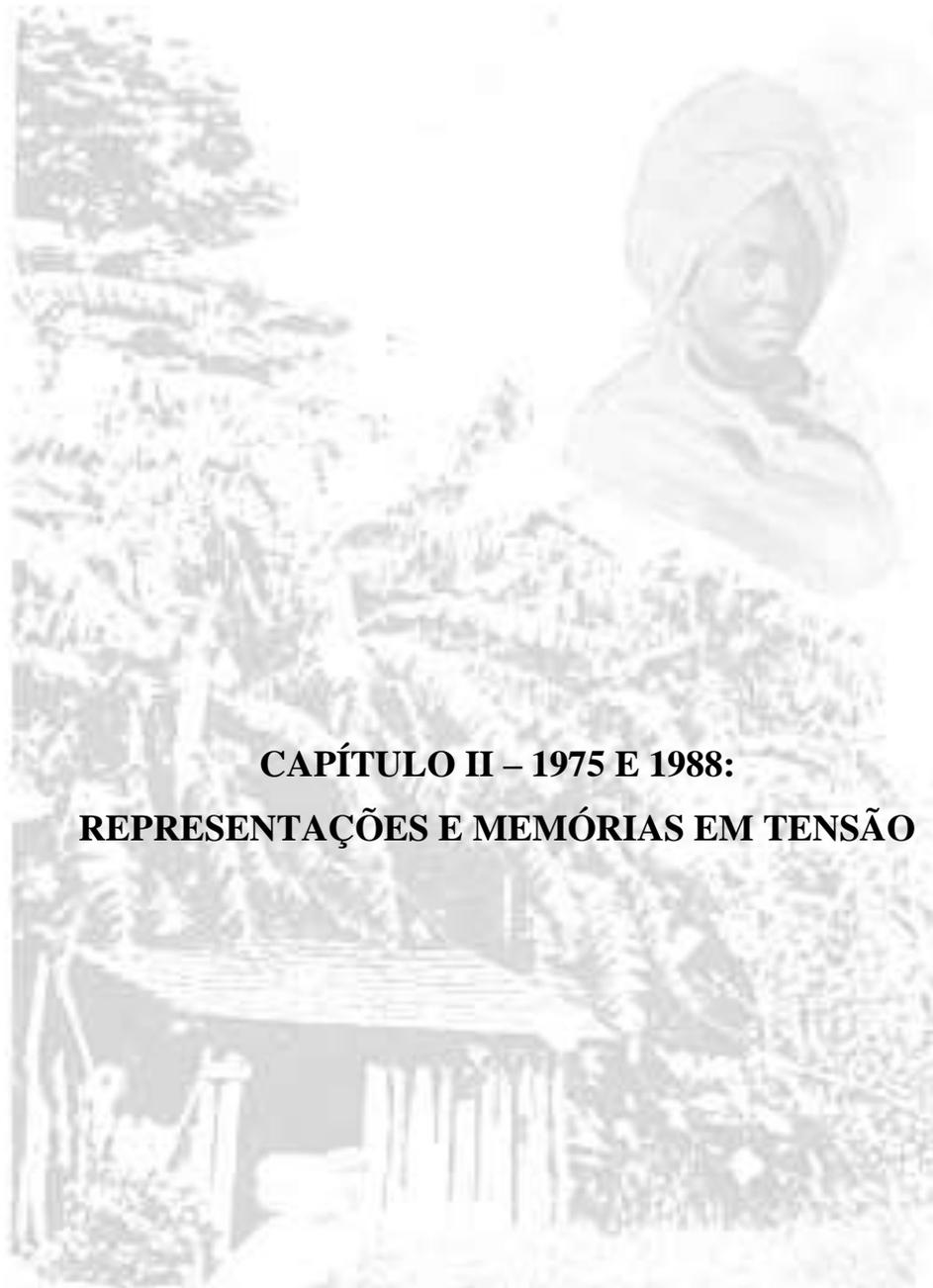
Entre os quatro personagens negros escravizados, há dois que se destacam por sua relevância enquanto guardiões de memórias coletivas de um grupo distante no tempo e no espaço (a África): Susana e Antero. Pelo teor das transmissões orais de cada um, comparando-os, pode-se localizar um acúmulo de saberes e uma maior transmissão de conhecimentos por parte de Susana, o que faz dela, pode-se dizer, a grande guardiã de memórias da liberdade em “Úrsula”.

O romance “Úrsula” permaneceu esquecido por cerca de oito décadas. Ao ser recuperado, torna-se, além de literatura, um registro de memórias da sociedade escravocrata por parte dos que estiveram na contramão do discurso hegemônico, fora dos registros oficiais, e muito disso fica evidenciado nas vivências das duas mulheres negras da história, Susana e a mãe de Túlio. Esta, por mais curta que seja sua aparição na obra, é cortante, pois narra uma prática tão comum quanto perversa do sistema escravista: a separação entres mães e filhos.

O próximo capítulo analisa a redescoberta da obra de Maria Firmina dos Reis a partir de representações da escritora produzidas em 1975, durante as celebrações pelos seus 150 anos de nascimento, marco histórico da recuperação de suas memórias, e produzidas em 1988, por ocasião da segunda edição póstuma de “Úrsula” e ano do centenário da abolição da escravidão no Brasil.

---

<sup>96</sup> GONZALES, Lélia. Mulher negra, essa quilombola. In: Idem. **Por um feminismo Afro-latino-americano**. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 197-200.



**CAPÍTULO II – 1975 E 1988:  
REPRESENTAÇÕES E MEMÓRIAS EM TENSÃO**

ÚRSULA

Maria Firmina dos Reis

PRESENCIA MINGUADA MEMÓRIA  
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

 *Ministério da Cultura*

Desde a Independência aos dias atuais, todo um pensamento e uma prática político-social, preocupados com a chamada *questão nacional*, têm procurado excluir a população negra de seus projetos de construção da nação brasileira.<sup>97</sup>

Não teria sido por acaso que o romance “Úrsula” e as memórias da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis foram relegados ao esquecimento por um período de aproximadamente 100 anos<sup>98</sup>, até que na década de 1970 fossem encontradas as primeiras pistas – alguns rastros impressos no tempo – que permitiram iniciar o processo de pesquisa e recuperação da história e de memórias sobre a vida e a obra da escritora.

Foi o também maranhense José Nascimento Morais Filho<sup>99</sup> quem primeiro empreendeu o desafio de seguir esses rastros para redescobri-la. Conta-se que tudo começou em 1973, quando pesquisava na Biblioteca Pública Benedito Leite, em São Luís, uns recortes de jornais antigos para seu livro “Esperando a Missa do Galo” e encontrou textos assinados por ela, “escritora que até então desconhecia”<sup>100</sup>. Morais Filho, que na década de 1960 havia trabalhado na cidade de Guimarães (MA), recordava-se de Maria Firmina dos Reis como professora e compositora musical, mas não conhecia sua faceta escritora. Interessado, decidiu voltar a Guimarães para sondar a memória coletiva local, e lá passou algum tempo realizando pesquisas no cartório, no arquivo da prefeitura e na Biblioteca Municipal João Pedro Dias Vieira. Na pequena cidade, também contou com as lembranças de quem conviveu com a maranhense, tomando os depoimentos de seus parentes, filhos “de criação” e ex-alunos como fontes orais na composição do livro “Maria Firmina: fragmentos de uma vida”, que foi a primeira biografia da escritora – e única até 2022.

---

<sup>97</sup> GONZALES, Lélia. Mulher negra. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 94.

<sup>98</sup> SILVA, Régia Agostinho da. **A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX**. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 86.

<sup>99</sup> Escritor, poeta, ensaísta, pesquisador, ambientalista, professor, folclorista, José Nascimento Morais Filho nasceu em São Luís (MA) em 15 de julho de 1922. Filho de José Nascimento Moraes, combativo jornalista maranhense, negro, autor de “Vencidos e degenerados” (1915), livro que aborda a escravidão no Brasil e suas consequências, tanto no aspecto pessoal e psicológico como para a sociedade. Morais Filho é autor de mais de dez livros, entre eles “Maria Firmina: fragmentos de uma vida”, resumo biográfico que resultou de pesquisa empreendida por ele entre 1973 e 1975. Faleceu em 21 de fevereiro de 2009. Fonte: ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS. Disponível em: <<https://academiamaranhense.org.br/ocupantes/nascimento-morais-filho/>>. Acesso em: abril 2021.

<sup>100</sup> MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina, fragmentos de uma vida**. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, p. s/n.

Ao lado de Moraes Filho, o bibliófilo e historiador paraibano Horácio de Almeida<sup>101</sup> foi responsável por um capítulo importante nessa redescoberta, pois localizou a edição original do romance “Úrsula”, adquirido por ele em meados dos anos 1960, quando arrematou um lote de livros usados em um sebo carioca. Em 1975, na ocasião das celebrações pelo sesquicentenário de Firmina (ver item 2.2), Horácio de Almeida cedeu ao então governador do estado do Maranhão, Osvaldo da Costa Nunes Freire, seu exemplar – o único original de “Úrsula” até hoje conhecido – para que fosse impressa em fac-símile uma nova edição especial comemorativa.

Para além do texto Romântico que é, “Úrsula” põe em dúvida os valores e a civilidade da elite oitocentista, questiona a humanidade do homem branco e a validade de sua consciência cristã, ao descrevê-lo como tirano e algoz de negros escravizados e de mulheres – negras e brancas. Por outro lado, em uma análise da crítica literária produzida já no início do século XX, verifica-se que a decisão de quais seriam, e quais não, os autores e títulos de qualidade suficiente para merecida atenção da imprensa e leitura do público partia de um grupo composto majoritariamente por homens brancos da elite, tanto no Maranhão como no resto do país. Paralelamente, as teorias eugenistas tiveram espaço no Brasil e contaram com seguidores entre os intelectuais da época, principalmente na segunda metade do século XIX, o que também contribuiu para o silenciamento da obra de Maria Firmina dos Reis.

Escritoras e escritores negros já vinham enfrentando o apagamento de suas obras desde o Império. As teorias raciais que atribuíam inferioridade a etnias negras tiveram, em Joseph-Arthur de Gobineau, um de seus principais expoentes. Membro do corpo diplomático da França no Brasil, o seu *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas, 1859-1855* começou a fazer seguidores no país na segunda metade do século XIX. O escritor afirmava que a mestiçagem era um dos motivos da inferioridade dos brasileiros. A teoria ganharia mais força com as ideias eugenistas de Francis Gaulton, de 1869, arrebanhando partidários no meio da intelectualidade brasileira, a exemplo de Oliveira Viana, Renato Kehl, Nina Rodrigues, Amadeu Amaral e Miguel Couto, dentre outros. [...] Maria Firmina, além da ousadia de abordar a temática do abolicionismo para um público leitor escravocrata, ainda teve de arrostar o silenciamento de sua obra com o advento do movimento eugenista nas últimas décadas do século XIX. O movimento só começaria a perder força no Novecentos.<sup>102</sup>

<sup>101</sup> Formado pela Faculdade de Direito em Recife (1930), Horácio de Almeida nasceu em Areia (PB) em 21 de outubro de 1896. Foi jornalista, historiador e autor de muitos livros, entre os quais biografias de Augusto dos Anjos e Pedro Américo. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Faleceu no Rio de Janeiro, em 5 de junho 1983. Fonte: INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/HAlmeida.html>>. Acesso em: abril 2021.

<sup>102</sup> GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022, p. 289.

Em 1975, momento em que a recuperação das memórias de Maria Firmina dos Reis veio a público nas homenagens pelos seus 150 anos de nascimento, como ela foi representada? Quais aspectos de sua biografia e de sua obra foram destacados e quais permaneceram invisibilizados ao público?

Isso é o que se analisa neste segundo capítulo: as representações de Maria Firmina dos Reis produzidas em 1975, nos seus 150 anos, celebrados com o lançamento de suas memórias, com eventos comemorativos em São Luís, sua cidade natal, e em Guimarães e com o lançamento da primeira edição póstuma do romance “Úrsula”. Por fim, este capítulo analisa também representações produzidas em 1988, ano de lançamento da segunda edição póstuma de “Úrsula” e centenário da Abolição da escravidão no Brasil.

A escolha pelas datas se deu pelo entendimento de serem elas como “pontas de icebergs”<sup>103</sup>, marcos indicativos de fatos e acontecimentos submersos em camadas de sentidos que envolvem interesses individuais e coletivos, com muito a revelar não apenas sobre Maria Firmina dos Reis, mas também sobre os sujeitos e grupos que produziram essas memórias através do tempo.

## 2.1 Celebração dos 150 anos: memórias produzidas pela imprensa

[...] pode pensar-se uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse.<sup>104</sup>

Em 1975, matérias publicadas na imprensa carioca e paulista<sup>105</sup> anunciaram as celebrações em andamento no Maranhão por ocasião do sesquicentenário de nascimento da escritora Maria Firmina dos Reis. O periódico carioca *Luta Democrática*<sup>106</sup> publicou em

<sup>103</sup> BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: NOVAIS, Adauto (Org.). **Tempo e História**. Companhia das Letras: São Paulo, 1992, p. 19-33.

<sup>104</sup> CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: Idem. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Alges, Portugal: Difel 82, 2002, p. 19.

<sup>105</sup> Durante o andamento desta pesquisa, o acesso aos arquivos físicos foi impedido devido à pandemia da Covid-19, que determinou que o estudo se restringisse a fontes disponíveis nos arquivos online da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Os periódicos do estado do Maranhão de 1975 e 1988 não se encontravam disponíveis para acesso digital até a conclusão desta pesquisa, por isso matérias de veículos maranhenses não compõem as fontes, mas apenas matérias escritas por correspondentes dos jornais paulistas e cariocas no Maranhão.

<sup>106</sup> Jornal carioca (1954-1977) fundado por Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque e Hugo Baldessarini com o objetivo de veicular as ideias da oposição entre as classes menos favorecidas da sociedade. Em 1973, foi arrendado por um grupo de jornalistas liderados por Raul Azedo. Popular e sensacionalista, adotava uma linha

outubro, na seção “Cinema”, assinada por Clovis Ramon, nota intitulada “Homenagens à primeira romancista brasileira”. Apreende-se da nota, inicialmente, a informação de que ocorreriam comemorações em homenagem à primeira romancista brasileira: “[...] escritora, poetisa e benemérita maranhense [...]”, “[...] filha da tradicional família Sotero dos Reis”.



Figura 4 - Nota no jornal *Luta Democrática*, Rio de Janeiro, 12-13 out. 1975.<sup>107</sup>

As celebrações ocorreriam no Rio de Janeiro, onde uma conferência havia sido realizada, e em São Luís, onde seria a grande celebração dali a um mês, com patrocínio do Instituto Histórico e Geográfico, o que confere autoridade à celebração. Observa-se no documento também a afirmação de que Maria Firmina “muito jovem escreveu o romance

editorial escandalosa e maliciosa. Fonte: CPDOC FGV. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/luta-democratica>>. Acesso em: abril 2021.

<sup>107</sup> RAMON, Clóvis. Homenagens à primeira romancista brasileira. *Luta Democrática*. Cinema. Rio de Janeiro, n. 12-13, out. 1975, p. 7. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/030678/59769>>.

‘Úrsula’, com o pseudônimo ‘Maranhense’, já que àquela época as atividades literárias eram vedadas às mulheres”. Quando o livro foi publicado, entre 1859 e 1860, a escritora tinha 34 anos, portanto não era mais uma jovem como a matéria faz parecer.

Sobre o parentesco com a família Sotero dos Reis, mencionado na nota do jornal *Luta Democrática*, novas informações sobre sua biografia confirmam que Maria Firmina era sobrinha<sup>108</sup> do professor e filólogo maranhense Francisco Sotero dos Reis, irmão por parte de pai de Leonor Felippa dos Reis, mãe da escritora. Haveria entre eles alguma proximidade, mas a afirmação de que a escritora era “filha da tradicional família Sotero dos Reis” pode induzir o leitor ao entendimento de que Maria Firmina teria partilhado da mesma educação que as famílias da elite maranhense dispensavam às suas filhas, porém não foi o caso.

Cabe notar o silêncio em relação aos “aspectos da vida e da obra da homenageada” na referida nota, que os enuncia e, no entanto, não os apresenta. Subentende-se que se trata de um romance, sem mais informações – nenhuma linha sobre a escrita antiescravista em “Úrsula” ou sobre a negritude de sua autora.

Em 11 de novembro de 1975, um artigo ocupando três colunas do carioca *Jornal do Brasil* foi publicado com o título “A primeira romancista brasileira”, assinado pelo escritor maranhense Josué Montello<sup>109</sup>.

---

<sup>108</sup> GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022, p. 26.

<sup>109</sup> Josué de Souza Montello (1917-2006) foi um romancista, jornalista, teatrólogo e memorialista nascido em São Luís (MA). Autor em diversos gêneros, viveu em Belém e no Rio de Janeiro, onde em 1936 fez parte do grupo que fundou o semanário de literatura *Dom Casmurro*. Colaborou em diversos jornais diários. Em 1953 entrou para o Itamaraty, por isso residiu em países como Peru, França, Portugal e Espanha, e de 1985 a 1989 foi embaixador do Brasil na Unesco. Foi também reitor da Universidade Federal do Maranhão e presidente da Academia Brasileira de Letras. É um dos escritores maranhenses homenageados com um busto na Praça do Pantheon, em São Luís. Fonte: ABL. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/josue-montello/bibliografia>>. Acesso em: 12 out. 2021.

# A primeira romancista brasileira

Josué Montello

No dia de hoje, transcorre o sesquicentenário de nascimento de Maria Firmina dos Reis. Este nome, isolado no papel, sem uma explicação da vida e da obra que o tornaram memorável, nada dirá ao leitor comum. Também os estudiosos, que se debruçam sobre os textos fundamentais de nossa cultura, ficarão em silêncio, de sobrancelhas contraidas, sem saber ao certo de quem se trata. Maria Firmina dos Reis? Nascida há 150 anos? E daí?

Dois pesquisadores maranhenses, Antônio de Oliveira e Nascimento Morais Filho, são os responsáveis pela ressurreição literária de Maria Firmina dos Reis: o primeiro, falando em voz baixa, como é de seu gosto e feitio; o segundo, falando alto, ruidosamente, com uma garganta privilegiada, graças à qual, sem esforço, pode fazer-se ouvir no Largo do Carmo, em São Luís, à hora em que se cruzam os automóveis, misturando a estridência de suas buzinas e de seus canos de descarga ao sussurro do vento nas árvores da praça.

Desta vez, ao que parece, Nascimento Morais Filho ergueu tão alto a voz retumbante que o país inteiro o escutou, na sua pregação em favor de Maria Firmina dos Reis. Há quase dois anos, ao encontrar-me com ele na calçada do velho prédio da Faculdade de Direito, na Capital maranhense, vi-o às voltas com originais da escritora. Andava a recompor-lhe o destino recatado, revolvendo manuscritos, consultando jornais antigos, esmiuçando almanaques e catálogos, como a querer imitar Ulisses, que reanimava as sombras com uma gota de sangue.

nário Bibliográfico Brasileiro, de Sacramento Blake. A escritora nasceu em São Luís, a 11 de novembro de 1825, e foi professora de primeiras letras no interior do Maranhão. Sem indicação das datas de publicação, Sacramento Blake relaciona três livros de sua autoria: um de poesias, Cantos à Beira-Mar, e dois romances: Ursula e A Escrava.

Orientado por uma indicação de Reis Carvalho, que suponho ter lido no seu estudo sobre a Literatura Maranhense, constante de um dos tomos da Biblioteca Internacional de Obras Célèbres, lembro-me de ter compulsado na Biblioteca Nacional, ao tempo da administração de Rodolfo Garcia, o primeiro desses romances, pertencente à coleção Teresa Cristina. Mais tarde, tendo ali voltado para consultá-lo, com vistas a uma informação que Viriato Correa me solicitara, já não mais o encontrei.

Vejo agora, por uma informação de Horácio de Almeida, que se trata da maior raridade bibliográfica das letras maranhenses.

Encontrou-a Horácio de Almeida, há uns seis ou oito anos, num lote de livros velhos, e adquiriu-a. Sobre esse exemplar, por ele doado ao Maranhão, fez-se agora uma edição fac-similar, destinada a comemorar o sesquicentenário de nascimento da escritora.

Por seu lado, Nascimento Morais Filho descobriu um romance indianista de Maria Firmina dos Reis. Guapeva, publicado em 1861 num periódico maranhense, Eco da Juventude.

A edição fac-similar de Ursula permite-nos u y o r a

do filho — e gosta de enfeitá-lo e aparecer com ele em toda parte, mostrá-lo a todos os conhecidos e vê-lo mimado e acariciado.”

Cinco anos antes da publicação de Ursula, que era assinado apenas com esta indicação: Uma maranhense, no lugar do nome de seu autor, tinham saído no Rio de Janeiro as Memórias de um Sargento de Milícias, também sem nome de autor, apenas com esta indicação: Um brasileiro (1854). Maria Firmina dos Reis ter-se-ia inspirado nesse recurso de Manoel Antônio de Almeida? Se o fez, só aí o imitou, porque o estilo de seu livro, marcadamente romântico nos tipos e na urdidura, desia da singeleza e do realismo das Memórias de um Sargento de Milícias.

Amadeu Amaral, no estudo que consagrou à literatura da escravidão, no seu livro Letras Floridas (Rio, 1920), lembra que o “principal introdutor do negro em nossa literatura foi o maranhense Trajano Galvão”. O poema que lhe daria essa precedência intitulava-se O Calhambola, incluído no livro Sertanejas (Rio, 1898), datado de 1854. Outra de suas poesias, A Crioula, escrita no ano anterior, não tem o sentido de contestação que caracteriza O Calhambola.

Enquanto prosseguem as buscas nas bibliotecas públicas e particulares, no sentido de localizar-se um exemplar de A Escrava, de Maria Firmina dos Reis, já se pode assinalar, pela leitura de Ursula, que a romancista maranhense tem também precedência na fixação do problema do negro escravo na ficção nacional, quando descreve a separação de mãe e filho cativos, no capítulo consa-

Figura 5 - Artigo no *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 nov. 1975 - Parte 1.<sup>110</sup>

<sup>110</sup> MONTELLO, Josué. A primeira romancista brasileira. *Jornal do Brasil*. Primeiro caderno. Rio de Janeiro, 11 nov. 1975, p. 6. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/030015\\_09/131021](http://memoria.bn.br/docreader/030015_09/131021)>.



Figura 6 - Artigo no *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 nov. 1975 - Parte 2.<sup>111</sup>

A veiculação do texto no jornal se deu no dia do aniversário de 150 anos de Maria Firmina dos Reis, que é apresentada no primeiro parágrafo. Identifica-se nessa fonte a menção a um terceiro elemento envolvido na redescoberta da escritora, além de Nascimento Morais Filho e de Horácio de Almeida, que são regularmente citados em outros documentos: Antônio de Oliveira. No artigo não é possível compreender qual teria sido exatamente seu papel nessa redescoberta, mas seu nome aparece em outro documento – a biografia de Firmina lançada em 2022 –, no qual consta que “Foi por intermédio de Antônio de Oliveira, residente no Rio, que Nascimento Morais Filho veio a saber que o historiador e bibliófilo Horácio de Almeida era detentor do único exemplar de ‘Úrsula’”<sup>112</sup>.

Conterrâneo da escritora, Josué Montello – já um imortal da Academia Brasileira de Letras na época da autoria do artigo – realiza em alguns momentos do texto uma análise crítica da obra “Úrsula”, mas vez ou outra sua opinião escapa para um exame da autora, como no trecho em que ajuíza que “Maria Firmina dos Reis dá pretexto a estudos e discursos e conquista o seu pequeno espaço na história do romance brasileiro – com um nome, uma obra e a glória

<sup>111</sup> MONTELLO, Josué. A primeira romancista brasileira. *Jornal do Brasil*. Primeiro caderno. Rio de Janeiro, 11 nov. 1975, p. 6. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/030015\\_09/131021](http://memoria.bn.br/docreader/030015_09/131021)>.

<sup>112</sup> GOMES, Agenor. *Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil*. São Luís: AML, 2022, p. 295.

de ter sido uma pioneira”. De maneira sutil, o autor arbitra sobre a importância que caberia à escritora dentro da literatura nacional, ofertando-lhe um “pequeno espaço” na literatura nacional, cujo valor é reconhecido em função de seu pioneirismo.

Para reconhecê-la como primeira romancista brasileira, Montello recorda uma questão algumas vezes mencionada que envolve a escritora brasileira Teresa Margarida da Silva e Orta, que nasceu em São Paulo, mas antes dos 6 anos mudou-se para Portugal e nunca mais voltou ao Brasil. Antes de Maria Firmina, Teresa publicou em 1752 o romance “Aventuras de Diófanos”, que, no entanto, tem como tema a mitologia grega e, por isso, não é considerado um “livro brasileiro”.

É possível perceber que o artigo aborda a questão do silenciamento da escritora, quando o autor menciona que até aquele momento (1975, lançamento de “Maria Firmina: fragmentos de uma vida”) tudo o que se sabia sobre ela constava em um verbete no sexto volume do Dicionário Bibliográfico Brasileiro, de Sacramento Blake.

Josué Montello chegou a folhear um exemplar de “Úrsula” em uma coleção particular da Biblioteca Nacional, ainda sem saber na ocasião quem era a autora e que se tratava de obra pioneira da literatura nacional. Tempos depois, voltou a procurá-lo para uma nova consulta, mas o exemplar não estava mais lá. Só depois de algum tempo, por intermédio de Horácio de Almeida, foi que soube da importância da obra e teve dimensão de sua raridade. Chama atenção o paralelo que o articulista faz entre Maria Firmina dos Reis, que optou por assinar a autoria de “Úrsula” como “Uma Maranhense”, e Manoel Antonio de Almeida, que cinco anos antes lançara “Memórias de um sargento de milícias” (1854) assinando como “Um Brasileiro”. Ao indagar se ela teria se inspirado nele ao omitir a autoria, Montello afirma que, se Firmina o fez, “só aí o imitou, porque o estilo de seu livro, marcadamente romântico, nos tipos e na urdidura, destoa da singeleza e do realismo das Memórias de um Sargento de Milícias”.

Percebe-se no artigo o reconhecimento em “Úrsula” de um pioneirismo por abordar aspectos que Montello nomeia como “problema do negro escravo na ficção nacional”. Embora o romance trate o tema da escravidão de forma ampla, o autor elegeu um recorte específico da trama para apresentar aos leitores do *Jornal do Brasil* a problemática escravista no enredo firminiano: a cena da separação de mãe e filho cativos, referindo-se à passagem em que Túlio, ainda criança, é apartado de sua mãe, que o confia à mãe Susana (ver item 1.3).

Maria Firmina dos Reis é ainda situada em uma linha do tempo próxima a dois cânones da literatura maranhense: “entre a geração de Gonçalves Dias e a de Aluisio de Azevedo”. E uma outra vez ele tece sua crítica sutil, ao afirmar que a autora “reflete a atmosfera provinciana, no seu gosto das letras, e é isso que explica, a despeito da precariedade de recursos intelectuais, que ela própria reconhece na introdução de Ursula, a sua vocação e a sua obra”. É possível apreender na construção narrativa o uso de elementos que diminuem a qualidade literária da autora, dessa vez utilizando-se do texto escrito por ela mesma na apresentação do romance, fora de seu contexto original. Ocorre que colocar-se de forma humilde perante o leitor, como Firmina fez em sua Apresentação, era uma espécie de estratégia bastante utilizada por escritoras no século XIX como forma de tentar buscar espaço em um mercado editorial *a priori* masculino: “Um elemento comum na literatura feita por mulheres ao longo dos séculos XVIII e XIX é o de escritoras que menosprezam a própria obra e a apresentam, ao mesmo tempo, como sua cria – como filha ou filho – e fazem questão de explicitar uma profunda humildade.”<sup>113</sup>

Esse artigo foi traduzido e publicado pela *Revista de Cultura Brasileña* da Embaixada do Brasil na Espanha, em junho de 1976, possivelmente em decorrência das relações profissionais de Josué Montello como funcionário do Itamaraty.

No mesmo dia 11 de novembro de 1975, o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou uma matéria assinada por seu correspondente em São Luís (MA) intitulada “Maranhense: a primeira romancista”.

---

<sup>113</sup> PEIXOTO, Katarina. Bicentenário Maria Firmina dos Reis: intelectual enraizada, pensadora moderna. **ESCEX - Escola Superior de Controle Externo**. YouTube. 18 mar. 2022. 1 vídeo (152 minutos). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MSABQ2rI8CM&t=1794s>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

<h2 style="text-align: center;">Maranhense a primeira romancista</h2> <p style="text-align: center;">De correspondente em <b>SÃO LUÍS</b></p> <p>A maranhense Maria Firmina dos Reis, nascida em São Luís em 1825, está sendo considerada em seu Estado a primeira mulher a escrever romances no Brasil. Por isso, será homenageada hoje pelo governo do Maranhão, que dará seu nome a uma rua de São Luís e mandará colocar uma placa na antiga tipografia "Progresso", onde em 1958 foi impresso "Ursula", apontado pelo pesquisador Horácio de Almeida e círculos intelectuais do Estado como o primeiro romance escrito por uma brasileira.</p>	<p>"Ursula" foi descoberto em 1962 por Horácio de Almeida numa casa de livros usados do Rio de Janeiro. Chamou a atenção do pesquisador porque, no lugar do nome do autor, estava assinado "Uma Maranhense". Depois de muitos estudos, Horácio de Almeida, que nasceu na Paraíba, descobriu a identidade da autora: Maria Firmina dos Reis, que se dedicou ao ensino das primeiras letras em Guimarães, interior do Maranhão, onde escandalizou os círculos locais por formar turmas mistas. Escreveu também o poema "Beira-Mar" e os romances "Escrava" e "Gupeva", onde, além de casos de inseto, aborda as relações entre os brancos e os índios em seu Estado.</p> <p>Até o momento, a paulista Teresa Margarida da Silva e Orta é considerada a primeira brasileira a escrever romances. Mas, segundo os maranhenses, sua obra "Aventuras de Diófanes", escrita em 1752, foi publicada em Portugal e trata da mitologia grega, um tema que nada tem a ver com o Brasil. Por isso, entendem,</p>	<p>não pode ser considerada a primeira romancista brasileira, uma tese que encontra apoio em vários círculos intelectuais de outros Estados.</p> <p>Hoje às 16 horas, além das homenagens que presta à escritora, o governo do Maranhão fará o lançamento em "fac-símile" de "Ursula".</p>
---	--	--

Figura 7 - Matéria no jornal *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 nov. 1975.<sup>114</sup>

Entre as fontes analisadas neste item, essa matéria tem a peculiaridade de abordar o enredo de "Gupeva", ao explicar que o livro "aborda as relações entre brancos e índios". Outro dado é que ela não cita o escritor José Nascimento de Moraes Filho, principal responsável pelas informações descobertas sobre a autora e pela organização das celebrações em memória de Maria Firmina dos Reis, em 1975.

Nenhuma palavra é escrita sobre o enredo de "Úrsula", apesar de a matéria anunciar o lançamento de uma edição fac-símile do livro, e mais uma vez o cerne da notícia é o pioneirismo de Maria Firmina, fazendo inclusive uma comparação entre ela e a escritora paulista Teresa Margarida da Silva e Orta, que escrevera em 1752 "Aventuras de Diófanes" – entretanto publicara em Portugal um enredo que aborda a mitologia grega, por isso, "entendem, não pode ser considerada a primeira romancista brasileira".

<sup>114</sup> O ESTADO DE S. PAULO. Maranhense: a primeira romancista. Caderno 2. São Paulo, 11 nov. 1975, p. 12.

Alguns dias depois, o carioca *Diário de Notícias* veiculou duas notas sobre as celebrações pelos 150 anos de nascimento da escritora. Em 26 de novembro de 1975, na seção *Diário das Letras*, o jornalista Eduardo da Maia escreveu “Maranhense foi a pioneira do romance”.

**Diário das Letras** — Eduardo da Maia

## Maranhense foi a pioneira do romance

A maranhense Maria Firmina dos Reis foi a primeira mulher brasileira a escrever um romance genuinamente brasileiro, com a publicação, em 1858, do romance *Ursula*. Quem descobriu o fato foi o escritor paraibano Horácio de Almeida e até então acreditava-se que a pioneira havia sido a paulista Teresa Margarida da Silva e Orta ou a poetisa Nisia Floresta, do Rio Grande do Norte.

Horácio de Almeida fez a descoberta por acaso, em 1962, quando comprou o livro *Ursula*, por Cr\$ 10,00, num grego que negociava com livros usados no Rio. O romance chamou a atenção do escritor paraibano porque era assinado simplesmente por «Uma maranhense». Com a curiosidade espiciada, começou a pesquisar, fuçando tudo quanto era biblioteca e documentos públicos. No fim de 13 anos, descobriu a identidade da autora.

Maria Firmina dos Reis era professora primária na cidade de Guimarães, no interior do Maranhão, onde morou a vida toda. Nasceu em 1825, em São Luís. Escandalizou a população de Guimarães quando formou uma turma mista, numa escolinha fundada por ela. Além de *Ursula*, a pioneira escreveu ainda um livro de poemas, *Cantos à beira mar* e outro romance, *A escrava*. Há pouco, Maria Firmina teve o seu busto inaugurado na Praça do Panteon, em São Luís. Agora, Ho-

rácio de Almeida alimenta o plano de escrever a biografia da primeira romancista brasileira.

**FATURAMENTO** — Livreiros e editores estão muito contentes e têm motivo para isso. Com a proximidade do Natal, as vendas começaram a subir em bom nível. As obras de ficção são as preferidas para quem quer dar livros de presente.

**SÉRIE** — A Portugalia parece ter descoberto um magnífico filão com a série *Brigitte*, de Berthe Berrage, que vem alcançando extraordinário êxito de venda. A série é destinada a cobrir a faixa das moças dos 13 aos 17 anos e já foi premiada pelas Academias Francesa e Inglesa. *Brigitte* é uma jovem descontraída e ousada e os 28 títulos editados em Portugal já venderam mais de 780 mil exemplares. No Brasil já estão à venda os dois primeiros títulos *Brigitte, solteira e casada* e *Brigitte mãe*. (Cr\$ 40,00 cada).

**CARTAS** — Uma espécie de perspectiva nova no trabalho que ambos desenvolveram é oferecida pelas cartas de Sigmund Freud e Lou Andreas Salomé. O diálogo mantido entre o criador da psicanálise e uma autora considerada com inteira justiça como importante — foi discípula e colaboradora do grande mestre — trata da psicanálise tema de longas discussões por escrito. Além disso, a correspondência dos dois ainda oferece um panorama geral da conjuntura sócio-econômica e política da época. Isto é o que se encontra em *Freud-Lou 'Andreas' / Correspondência completa*, lançamento caprichado da Imago. (Cr\$ 70,00).

**DICIONÁRIO** — Jorge O'Grady é o autor do excelente *Dicionário de Astronáutica e Astronomia*, que a Livraria São José está distribuindo em segunda edição. (Cr\$ 100,00).

**VEGETAL** — Ian Tribble trata, em *O Rei no Vegetal*, de uma enorme variedade de estruturas agrupadas em, pelo menos, 300 mil espécimes para, a seguir, expor como as plantas resolveram os problemas de sobrevivência. Os termos científicos mais especializados vão sendo explicados de maneira bem acessível ao leitor. Lançamento das Edições Melhoramentos em convênio com a USP. (cr\$ 15,00).

**SUCESSO** — Em face do sucesso espetacular de *Eu nua*, de Odete Lara, Lara, o alto comando da Civilização Brasileira estuda o lançamento de outros livros de memórias de artistas de grande público. Os nomes estudados estão sendo mantidos em sigilo.

**CONCURSO** — Os originais destinados ao concurso de contos do Governo do Estado do Paraná deverão ser encaminhados à Diretoria de Assuntos Culturais da Secretaria de Educação e da Cultura do Estado do Paraná, Rua Ebano, 240 — Caixa Postal 317, Curitiba, Paraná, até o dia 15 de dezembro próximo. Serão distribuídos Cr\$ 130,00 mil em prêmios.

Figura 8 - Nota no jornal *Diário de Notícias*<sup>115</sup>, Rio de Janeiro, 26 nov. 1975.<sup>116</sup>

<sup>115</sup> *Diário de Notícias* (1930-1976) foi um jornal carioca que nasceu no contexto da Revolução de 1930, posicionando-se como “livre de qualquer compromisso político” e “sem dependências financeiras”. Circulava diariamente em duas edições, às 4h e às 11h da manhã. Fonte: RIO DE JANEIRO (Município). Secretaria Especial de Comunicação Social. **Diário de Notícias**: a luta por um país soberano. Cadernos da Comunicação. Série Memória. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101423/memoria15.pdf>>. Acesso em: abr. 2021.

<sup>116</sup> MAIA, Eduardo da. Maranhense foi a pioneira do romance. **Diário de Notícias**. Diário das Letras. Rio de Janeiro, 26 nov. 1975, p. 12. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_05/41439](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_05/41439)>.

Mai uma vez o destaque na notícia é para o fato de Maria Firmina ser “a primeira mulher brasileira a escrever um romance genuinamente brasileiro”. Apesar da ênfase na brasilidade da obra, nenhuma menção é feita ao enredo. É possível observar ainda que a nota cita tanto a escritora – conforme enuncia o título – como o redescobridor de “Úrsula”, Horácio de Almeida, dividindo em proporções iguais o espaço editorial e, portanto, a importância na narrativa de uma e do outro. Algo parecido já ocorrera na reportagem do *Jornal do Brasil*, analisada anteriormente, que não apenas menciona os pesquisadores envolvidos na redescoberta da maranhense, mas exalta alguns de seus atributos.

A nota do *Diário de Notícias* apresenta um dado que nenhuma outra fonte aqui analisada apresentou, quando informa que Maria Firmina era professora e formou uma turma mista de estudantes, o que, segundo o autor, “escandalizou a população de Guimarães”. Uma segunda observação possível é que essa fonte não cita o escritor José Nascimento de Moraes Filho, assim como a matéria do *Estadão*. A nota termina com a informação de que Horácio de Almeida teria a ambição de escrever a primeira biografia da escritora, entretanto foi Moraes Filho quem o fez, com o trabalho denominado por ele de “resumo biográfico” “Maria Firmina, fragmentos de uma vida”.

Em 30 de novembro de 1975, o mesmo jornal *Diário de Notícias* publicou, dessa vez no caderno *Revista Feminina*<sup>117</sup>, outra nota sobre Maria Firmina dos Reis.

---

<sup>117</sup> Criada no começo dos anos 1960, por dona Ondina Dantas, a *Revista Feminina* foi a primeira publicação do gênero no Brasil. Saía aos domingos, encartada no jornal *Diário de Notícias*. Fonte: RIO DE JANEIRO (Município). Secretaria Especial de Comunicação Social. **Diário de Notícias: a luta por um país soberano**. Cadernos da Comunicação. Série Memória. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101423/memoria15.pdf>>. Acesso em: abr. 2021.

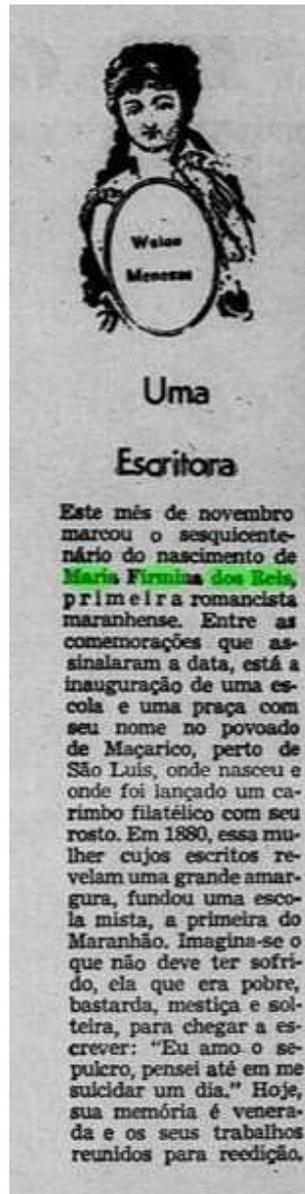


Figura 9 - Nota na Revista Feminina do jornal *Diário de Notícias*,  
Rio de Janeiro, 30 nov. 1975.<sup>118</sup>

Sob o título “Uma escritora”, a coluna assinada por Walda Menezes resume parte dos acontecimentos ocorridos no Maranhão naquele mês de novembro em função das celebrações pelos 150 anos de nascimento da escritora, mencionando novamente sua escola mista, “a primeira do Maranhão”, sem, entretanto, citar o “escândalo” que ela teria provocado na sociedade local – como fizeram outras fontes. Porém, apreende-se nessa notícia alguns dados que não são vistos nos outros documentos da imprensa aqui analisados.

<sup>118</sup> MENEZES, Walda. Uma escritora. *Diário de Notícias*. Revista Feminina. Rio de Janeiro, 30 nov. 1975, p. 5. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_05/41544](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_05/41544)>. Acesso em: abr. 2021.

O primeiro deles diz respeito a um aspecto da personalidade de Maria Firmina dos Reis, quando afirma que os escritos da autora “revelam uma grande amargura”, para em seguida apresentar mais dados inéditos, ao ponderar: “Imagina-se o que não deve ter sofrido, ela que era pobre, bastarda, mestiça e solteira, para chegar a escrever: ‘Eu amo o sepulcro, pensei até em me suicidar um dia.’” Entre as fontes analisadas, essa é a única que apresenta a maranhense em conformidade com os dados biográficos que seriam publicados poucos meses depois, em janeiro de 1976, no livro de Nascimento Morais Filho: mestiça, solteira, pobre.

Sobre a referência da colunista ao fato de os escritos de Firmina revelarem amargura, pode-se deduzir que Walda Menezes esteja se referindo aos escritos que foram denominados por Morais Filho de “Álbum Íntimo”, uma espécie de diário composto por “fragmentos esparsos que vão de 9 de janeiro de 1853 a 1 de abril de 1903, redigidos, portanto, entre os 30 e 81 anos de idade de Firmina. Editado em trinta páginas, que exibem breves notícias e saltos de quatro anos ou mais”<sup>119</sup>. Pelo conteúdo da nota, pode-se supor que a colunista tenha obtido acesso a fonte oral próxima ao processo de edição do livro “Maria Firmina: fragmentos de uma vida”, que naquele período estava em andamento, pois suas informações são condizentes com dados que seriam publicados nele pouco tempo depois.

Essa fonte difere-se das demais ainda pelos elementos escolhidos na composição da narrativa para exemplificar os atos que fizeram parte das celebrações de outubro e novembro de 1975: a inauguração de uma escola e de uma praça no povoado de Maçaricó e o lançamento de um carimbo filatélico com seu rosto em São Luís – nenhuma menção ao busto na Praça do Pantheon.

É uma coluna publicada em um caderno Feminino, a única fonte que cumpre com o enunciado de seu título e, ao longo da nota, trata de informar seus leitores sobre aspectos da vida e da obra da escritora, sem aproveitar o espaço para também exaltar atributos alheios nem procurar referências masculinas para validar a escritora em questão. Essa é também a fonte cuja narrativa mais se diferencia dos demais documentos da imprensa observados aqui no que se refere à biografia de Maria Firmina e aos atos celebrativos em homenagem aos seus 150 anos. Sobre eles, uma análise é proposta a seguir.

---

<sup>119</sup> DIOGO, Luciana Martins. Resenha. **Memorial de Maria Firmina dos Reis**. 15 jun. 2018. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/album/>>. Acesso em: 1º mar. 2022.

## 2.2 Comemorações e homenagens pelos 150 anos em São Luís e em Guimarães

O escritor maranhense José Nascimento Morais Filho (1922-2009), que já vinha realizando pesquisas sobre a trajetória pública e privada de Maria Firmina dos Reis desde 1973 e preparava o livro, a que chamava “resumo biográfico”, “Maria Firmina: fragmentos de uma vida”, foi quem liderou as articulações para que se viabilizassem as homenagens e comemorações em memória de Maria Firmina dos Reis em 1975. Morais Filho articulou o diálogo e a participação de poetas, escritores, estudantes, professores e autoridades, conseguindo o apoio do Governo do estado do Maranhão, da Prefeitura de São Luís e da Prefeitura de Guimarães. Nomeou duas comissões organizadoras das festividades, em São Luís e em Guimarães, para as celebrações que aconteceriam de forma simultânea no dia 11 de outubro de 1975.<sup>120</sup> Uma segunda parte das celebrações aconteceu um mês depois, em 11 de novembro de 1975.

Emergiam na historiografia desse período novas tendências que “possibilitaram renovação metodológica e conceitual, levando ao questionamento das universalidades, permitindo a descoberta de outras experiências, entre elas as das mulheres”<sup>121</sup>. Com ela, o interesse e a busca pela recuperação das memórias das mulheres do passado e de suas “relações entre público e privado, social e íntimo, demográfico e político, destacando o papel das mulheres na família, casamento, maternidade, sexualidade [...]”<sup>122</sup>. Foi em meio a essa atmosfera intelectual que despertou o interesse de Nascimento Morais Filho por Maria Firmina dos Reis, que ele e Horácio de Almeida entraram em contato e que o primeiro realizou sua longa pesquisa, culminando com a publicação do resumo biográfico e com as atividades do sesquicentenário.

---

<sup>120</sup> GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022, p. 296.

<sup>121</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. História das Mulheres e das Relações de Gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. **Mandrágora**. São Paulo, v. 19, n. 19, 2013, p. 6. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15603/2176-0985/madradora.v19p5-15>>.

<sup>122</sup> *Ibidem*, p. 7.

O mesmo ano de 1975 foi designado pela Organização das Nações Unidas como o Ano Internacional da Mulher, ocasião em que foi realizada a **I Conferência Mundial da Mulher** sob o lema “Igualdade, Desenvolvimento e Paz”, centrada no tema da eliminação da discriminação da mulher e o seu avanço social. Nesse contexto, foi instituído pela mesma organização o dia 8 de março como Dia Internacional da Mulher.

Tomando essa homenagem como inspiração, a cidade de Guimarães propôs então que o dia 11 de outubro – nascimento de Maria Firmina dos Reis – fosse estabelecido como o Dia da Mulher Vimarense, proposta que foi aprovada e estabelecida pela Lei Municipal nº 31/1975<sup>123</sup>. No ano seguinte, a Assembleia Legislativa do Maranhão aprovou a Lei nº 3.754, de 27 de maio de 1976, que instituiu em âmbito estadual o Dia da Mulher Maranhense, tornando a data de nascimento da escritora um lugar de memória simbólico. Anos mais tarde, ambas as leis foram alteradas com o objetivo de ajustar a data comemorativa para 11 de março, conforme a informação revelada nos documentos de justificação de sua data de nascimento<sup>124</sup>. Resta agora saber se a data comemorativa irá voltar para o dia 11 de outubro, diante das evidências sobre sua data de nascimento apresentadas na biografia publicada em 2022 (ver Apresentação).

Entre as homenagens realizadas em outubro de 1975 em São Luís, a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos lançou um carimbo comemorativo. Para a ocasião o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão havia pedido ao órgão de Estado que fosse criado um selo postal em homenagem à escritora, mas os Correios alegaram prazo insuficiente, viabilizando apenas o carimbo.

---

<sup>123</sup> BRITO, Nonato. Feriado municipal: Hoje é dia da mulher vimarense. **Blog Vimarense**. 11 mar. 2019. Disponível em: <<https://www.vimarense.com.br/single-post/2019/03/11/feriado-municipal-hoje-%C3%A9-dia-da-mulher-vimarense#:~:text=Recentemente%20o%20prefeito%20de%20Guimar%C3%A3es,feriado%20municipal%2C%20antes%20erroneamente%20era>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

<sup>124</sup>ADLER, Dilercy Aragão. A mulher Maria Firmina dos Reis: uma maranhense. In: DUARTE, Constância Lima et al. (Orgs.). **Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora**. Rio de Janeiro: Malê, 2018, p. 82.

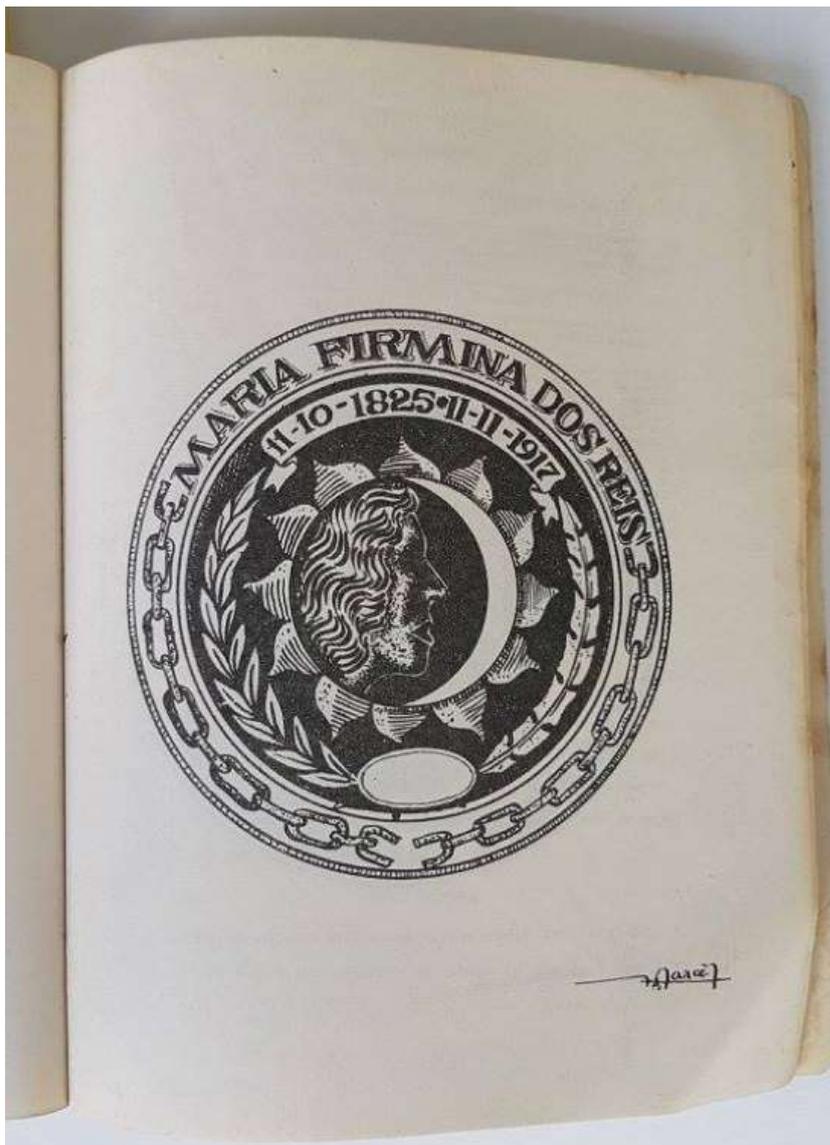


Figura 10 - Reprodução do carimbo comemorativo criado pelos Correios.<sup>125</sup>

A imagem do selo é emoldurada pelo nome da autora localizado no meio de um grilhão partido, representando o rompimento das correntes que prendiam pés e mãos de escravizados. Essa é uma imagem amplamente utilizada em representações da luta pela liberdade, pelo fim do regime escravista, a exemplo do monumento “Negra Nua”, próximo ao município de Redenção (CE), erigido em memória do 1º de janeiro de 1883, quando 116 escravizados foram alforriados por seus proprietários no local, que se chamava no século XIX Vila do Acaripe. Embora essa abolição tenha ocorrido por meio da restituição financeira aos senhores de

<sup>125</sup> DIOGO, Luciana Martins. Síntese circulação Firmina século XX. **Memorial de Maria Firmina dos Reis**. 18 jun. 2018. Disponível em: <<https://docs.google.com/document/d/11b6aO4jMdWr3KSCr0TEkeOLHrUE7EQQcjABNIpmrSwcedit>>. Acesso em: 1º mar. 2022.

engenho, e não por sentimentos humanitários<sup>126</sup>, produziu-se sobre Redenção uma narrativa de “primeira cidade brasileira a libertar seus escravos, história essa contada no Museu Municipal da cidade”<sup>127</sup>.

No círculo interno seguinte, elementos que remetem à pena utilizada para escrever, coroados com as datas de nascimento e morte da escritora: 11/10/1825 - 11/11/1917. Um terceiro círculo interno revela o núcleo do selo: dentro de um sol, olhando para uma meia-lua, um perfil representa uma Maria Firmina de cabelos ondulados, nariz reto e possivelmente fino, assim como os lábios.

Em Guimarães, uma comissão constituída por 15 mulheres<sup>128</sup> liderou a organização das celebrações locais, que mobilizaram a cidade de forma abrangente, contando com a participação ativa da comunidade e propondo outras narrativas sobre Maria Firmina dos Reis. Os desfiles de 11 de outubro pela cidade reuniram estudantes que saíram pela cidade trajados como os personagens da escritora. Na ocasião, foi escolhida uma estudante de ascendência negra para representá-la.

Para representar Maria Firmina, a comissão municipal escolheu uma estudante com as características fenotípicas semelhantes às da romancista segundo relatos de pessoas que a conheceram. Maria da Conceição Araújo Carvalho, aos 21 anos, desfilou trajada como a professora em um dos raros automóveis existentes à época, na cidade [...]<sup>129</sup>

Na ocasião, a prefeitura de Guimarães conferiu status de lugar de memória à casa onde a intelectual residiu e lecionou quando professora de primeiras letras, na praça Luís Domingues, ao colocar uma placa contendo as informações:

---

<sup>126</sup> GABARRA, Larissa. Monumentos de cativo são circo de horrores para a consciência negra. **Ceará Criolo**. Fortaleza, 14 set. 2020. Disponível em: <<https://cearacriolo.com.br/monumentos-de-cativo-sao-circo-de-horrores-para-a-consciencia-negra/>>. Acesso em: abr. 2021.

<sup>127</sup> DIÁRIO DO NORDESTE. **Redenção é símbolo da memória da Abolição da Escravatura no Brasil após 150 anos**. Fortaleza, 13 mai. 2018. Disponível em: <<http://blogs.diariodonordeste.com.br/sertao-central/historia/redencao-e-simbolo-da-memoria-da-abolicao-da-escravatura-no-brasil-apos-150-anos/60423>>. Acesso em: abril 2021.

<sup>128</sup> Alice Gomes Nogueira, Francly dos Santos Anchieta, Iolete Ribeiro Lopes, Alfinia Pereira de Freitas, Maria da Conceição Borges de Sousa, Maria José Gomes Pereira Costa, Francisca Luiza Reis Tavares, Betina Furtado Cavaignac, Dionísia Santos Coração, Altiva Gomes Teixeira, Conceição de Maria Schalcher, Carmelita de Carvalho Cuba, Euzília Gomes Leite, Ana Conceição Ribeiro, Cândida Braga Cardoso. Cf.: GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022, p. 296.

<sup>129</sup> *Ibidem*, p. 296.

ESTA CASA FOI ESCOLA E RESIDÊNCIA DE  
 MARIA FIRMINA DOS REIS  
 11-10-1825 10-11-1917<sup>130</sup>  
 MESTRA, PRIMEIRA POETISA E  
 PRIMEIRA ROMANCISTA MARANHENSE<sup>131</sup>

Uma outra placa em homenagem à professora foi afixada na escola do vilarejo de Maçaricó, onde manteve por dois anos e meio, na década de 1880, uma aula mista e gratuita para alfabetização de crianças, conferindo a esse local também condição de lugar de memória. Há relatos de visitantes segundo os quais hoje essas placas já não existem mais.

Nas celebrações que ocorreram um mês depois, em 11 de novembro de 1975, foi inaugurado o busto de Maria Firmina dos Reis na Praça do Panteon, a única mulher entre 14 homens maranhenses – hoje são 17<sup>132</sup>, e ela continua sendo a única mulher representada no local –, uma importante praça do Complexo Deodoro, localizado no centro histórico de São Luís do Maranhão. A obra foi uma encomenda da Assembleia Legislativa do Maranhão<sup>133</sup> ao escultor Flory Gama<sup>134</sup>, que recebeu da comissão organizadora das homenagens total liberdade de concepção para representar a homenageada. Dessa forma, pode-se observar nele a livre interpretação de uma Firmina embranquecida e altiva, uma representação condizente com um rosto de mulher branca da elite – como poderia ser o semblante de Luísa B., ou da mãe de Tancredo, quem sabe?

---

<sup>130</sup> O dia da morte de Firmina foi informado equivocadamente como 10 de novembro, em vez de 11 de novembro de 1917.

<sup>131</sup> GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022, p. 297.

<sup>132</sup> Em ordem alfabética: Arnaldo de Jesus Ferreira (1904-1958), Artur Azevedo (1855-1908), Bandeira Tribuzzi (1927-1977), Coelho Neto (1864-1934), Clodoaldo Cardoso (1894-1970), Dunshee de Abranches (1868-1941), Gomes de Castro (1836-1909), Gomes de Sousa (1829-1864), Henriques Leal (1828-1885), Josué Montello (1917-2006), Nascimento de Moraes (1882-1958), Raimundo Correia (1859-1911), Raimundo Corrêa de Araújo (1885-1951), Raimundo Teixeira (1855-1927), Ribamar Bogéa (1921-1996), Silva Maia (1811-1893) e Urbano Santos (1859-1922).

<sup>133</sup> GOMES, op. cit., p. 301.

<sup>134</sup> Flory Lisboa Gama (1916-1996). Artista plástico e acadêmico maranhense radicado no Rio de Janeiro. Além do busto de Maria Firmina dos Reis, produziu muitas obras, expostas em acervos no Brasil e no exterior, como o Museu Nacional de Belas Artes (RJ), Colégio Pedro II (RJ), Hospital do Câncer de Paris, Caixa Econômica do RJ, Museu de Belas Artes de Buenos Aires (Argentina), Parlamento da Índia (Nova Deli), entre outros. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/ex0vcv>>. Acesso em: 12 maio 2021.

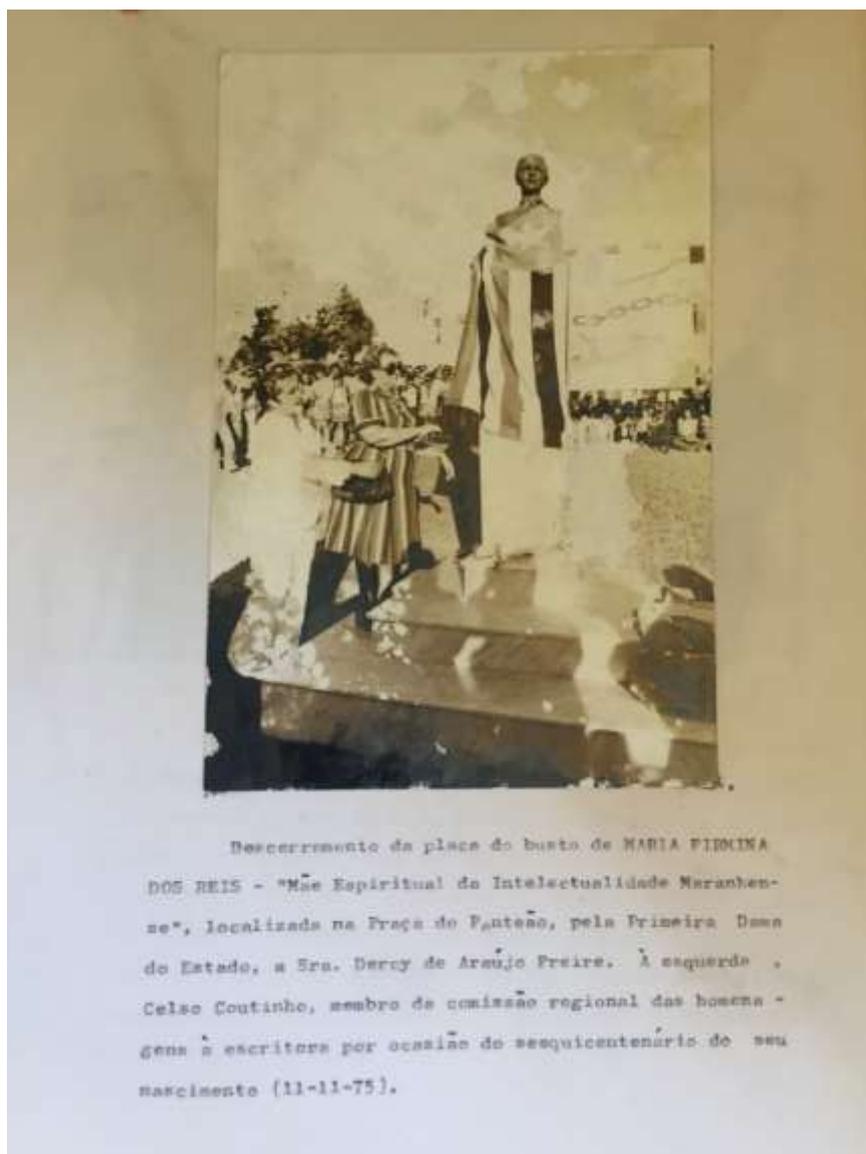


Figura 11 - Inauguração do busto de Maria Firmina dos Reis na Praça do Panteon, São Luís do Maranhão, 11 nov. 1975.<sup>135</sup>

Conforme indica o descritivo da foto, datilografado em 11 de novembro de 1975, a então primeira-dama do Estado do Maranhão, Dercy de Araújo Freire, descerrou a placa que acompanhava o busto, revelando por detrás da bandeira do Maranhão, afixada no pedestal embaixo da escultura, a placa com os dizeres:

<sup>135</sup> Foto: Acervo particular da família Nascimento Moraes. Imagem cedida gentilmente pela neta do pesquisador e poeta Nascimento Moraes Filho, Natércia Moraes Garrido.

À Maria Firmina dos Reis (11/10/1825-11/11/1917), 1ª romancista da literatura brasileira; fundou a primeira escola mista do Maranhão; Homenagem do povo; 1975 – Ano Internacional da Mulher; Escultura de Flory Gama<sup>136</sup>

Durante a inauguração do busto, foram distribuídos cerca de 300 exemplares da edição fac-similar de *Úrsula*, impressos a partir do único original conhecido, doado por Horácio de Almeida ao Estado maranhense.

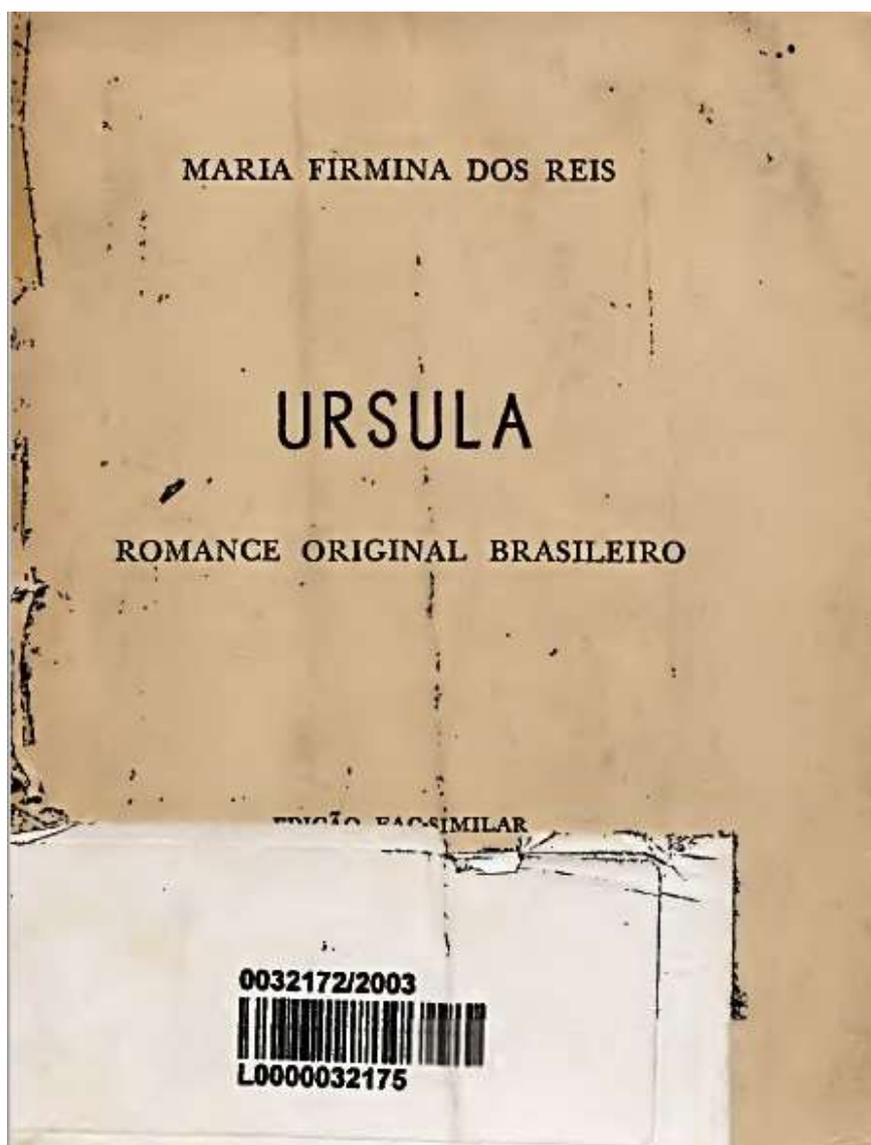


Figura 12 - “Úrsula” (1975), edição fac-similar.<sup>137</sup>

<sup>136</sup> GOMES, Agenor. *Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil*. São Luís: AML, 2022, p. 299.

<sup>137</sup> Fonte: MEMORIAL DE MARIA FIRMINA DOS REIS. Obras – *Úrsula* – Capas. 21 jun. 2018. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/categoria/obras/ursula/>>. Acesso em: 1º mar. 2022.

No prólogo, de sua autoria, Horácio de Almeida reconhece o valor de “Úrsula” por seu protagonismo na história da literatura, como primeiro romance de autoria feminina, “independente do seu mérito literário”<sup>138</sup>. Mais uma vez, a observação da obra e a avaliação que Horácio de Almeida pôde fazer dela – ou a representação que ele fez de “Úrsula” – traduziam o contexto e as posições da elite brasileira do período.

Os horizontes em que exerce a ação do livro são demasiado limitados. Uma prosa árida, jungida a preocupações escorregadas, como era a moda, ressoa através de duzentas páginas. Aqui e ali, como uma pedra de tropeço, topa o leitor com uma palavra fora de uso, exumada dos clássicos. [...] Com relação ao coloquial, predomina o tratamento de vós entre todos os personagens, até mesmo os mais humildes, os escravos, que não claudicam nas formas verbais. Porventura, não são também artificiosas as obras literárias dos tempos românticos?

A autora vai além e não consente que o drama de amor, em que implanta a ação do livro, tenha consumação. Mata um a um todos os personagens, antes do tempo. Ursula, a principal figura do romance, morre assassinada juntamente com o noivo, na hora em que a vida lhe palpita felicidade, quando sai do altar para o abraço nupcial. [...]

Cabe, todavia, a Maria Firmina dos Reis até então inédito nos anais da literatura brasileira de produzir o primeiro romance no Brasil, como pioneira na seara feminina, sem influência alienígena, onde um escravo, por seu caráter, por sua alma branca, ocupa lugar de destaque na obra.<sup>139</sup>

Em seu prólogo, ao escrever sobre “Úrsula”, Horácio de Almeida descreve os pensamentos e as crenças da elite brasileira, declarando o racismo vigente, por meio de um conceito bastante difundido e tardiamente questionado: o do negro de “alma branca”.

Além disso, observa-se uma informação errada no relato de que Úrsula teria morrido assassinada junto do noivo na hora em que o casal deixava o altar. Não. Somente Tancredo, o noivo, e Túlio, o jovem escravizado, morreram na saída da igreja. Úrsula morreu apenas na última linha do romance, depois de ficar louca ao viver uma série de sofrimentos, violências e perdas – sua mãe morreu, foi assediada na floresta pelo homem que depois descobriu ser seu tio e, por fim, o rapaz que amava foi assassinado por aquele homem mau, obcecado por ela e que, por infelicidade, era a única pessoa da família que restou. Talvez a loucura tenha sido o ú

---

<sup>138</sup> ALMEIDA, Horácio de. Prólogo. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 2ª ed. fac-similar. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica; São Luiz: Governo do Maranhão, 1975, p. 3.

<sup>139</sup> *Ibidem*, p. 7.

nico refúgio de Úrsula, e a morte, sua salvação. Mas essa percepção não aparece no prólogo, no qual se identifica certa desatenção pelo erro em informação tão fundamental para que se compreenda a trama.

O resumo biográfico escrito por Morais Filho também pretendia ser publicado como parte das comemorações pelos 150 anos de nascimento da escritora, ao que indica sua folha de rosto (figura 14), que carrega o registro exato do 11 de outubro de 1975. No entanto, novas fontes reveladas em 2022 informam que sua publicação ocorreu de fato no início de 1976. “Embora várias vezes anunciado e outras tantas vezes transferido por motivos superiores à vontade do autor, será definitivamente lançado, terça-feira próxima, o livro *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*”<sup>140</sup>, referindo-se, ao mencionar “terça-feira próxima”, ao dia 13 de janeiro de 1976. De qualquer forma, a narrativa da introdução do resumo biográfico e o contexto de pesquisa e escrita do autor inserem a obra no contexto das celebrações do sesquicentenário de nascimento de Maria Firmina dos Reis.

“*Maria Firmina: fragmentos de uma vida*” foi lançado em 13 de janeiro de 1976, impresso em *offset* pela Gráfica Granada, de São Luís, com 314 páginas, mas somente algumas delas saíram com a numeração impressa<sup>141</sup>. Na primeira impressão foram entregues pela gráfica 83 exemplares, houve uma segunda impressão no primeiro semestre de 1976, mas não há informações sobre a quantidade, nela Morais Filho acrescenta duas páginas de agradecimentos. O livro não teve segunda edição<sup>142</sup>, o que faz dele uma raridade no mercado editorial brasileiro.

---

<sup>140</sup> O IMPARCIAL, 11 jan. 1976, Ano LXIX, nº 18.648, p. 5. Seção de Jornais e Obras Raras. Estante 4, Gavetas 411-412. Biblioteca Pública Benedito Leite, São Luís (MA). Apud: GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022, p. 302.

<sup>141</sup> Das 314 páginas, apenas 21 saíram numeradas: as páginas de número 19, 65, 67, 73, 89, 91, 93, 95, 106, 108, 112, 113, 115, 117, 119, 121, 126, 127, 128, 132, 204. Ibidem, p. 309.

<sup>142</sup> Ibidem, p. 303.

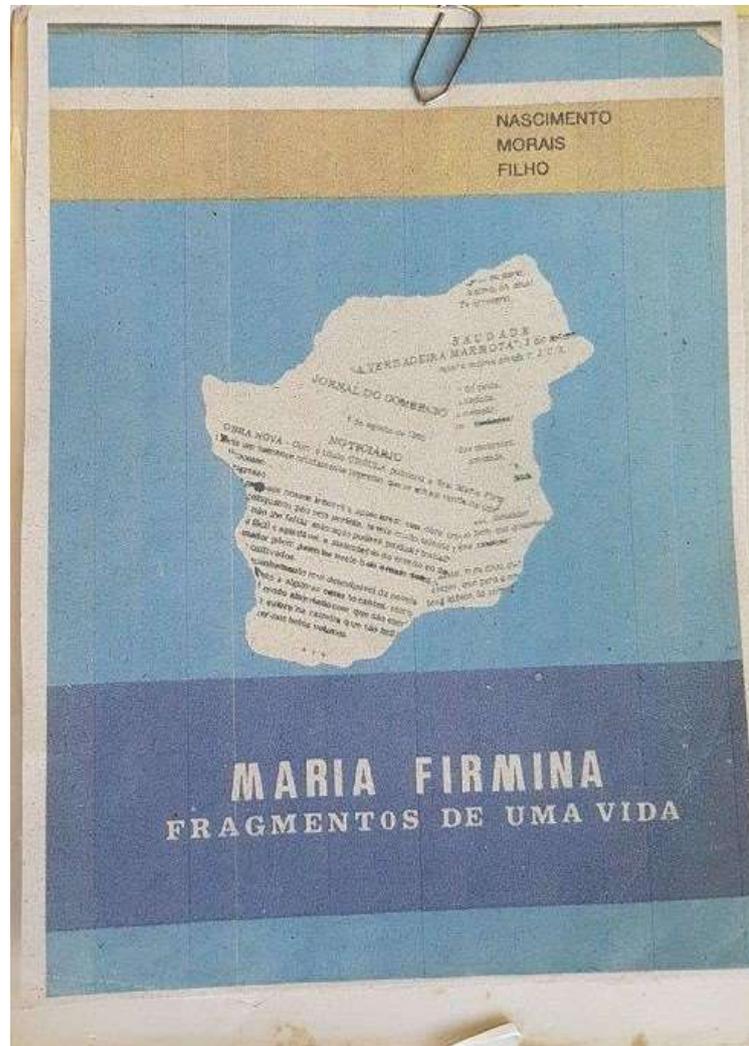


Figura 13 - Capa do resumo biográfico escrito por Morais Filho.<sup>143</sup>

<sup>143</sup> MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina, fragmentos de uma vida**. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975.



Figura 14 - Folha de rosto do resumo biográfico escrito por Morais Filho.<sup>144</sup>

A folha de rosto é seguida por páginas com menções e agradecimentos às pessoas e aos órgãos públicos envolvidos nas homenagens. São citações como “Com o apoio do GOVERNADOR Nunes Freire”, “Ministro das Comunicações Qandt de Oliveira”, “Poder Legislativo do Estado do Maranhão”, “Câmara Municipal de São Luís”, “Prefeitura de São Luís”; “Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão”.

Para produzir o livro, o autor consultou fontes orais no município de Guimarães (MA). Lá, com a ajuda de Alice Nogueira, ativista cultural e ex-vereadora, obteve contato e colheu o depoimento de pessoas que haviam convivido intimamente com a escritora e ainda estavam vivas à época – 1973. Foram ouvidos dois de seus filhos, identificados no livro como “filhos de criação”, e uma de suas alunas, cujas memórias o auxiliaram na tentativa de reconstruir os passos da escritora, que viveu grande parte de sua história no século XIX.

<sup>144</sup> MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina, fragmentos de uma vida**. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975.

Não à toa Moraes Filho elegeu a expressão “fragmentos” para compor o título de seu livro, já que enfrentou dificuldades para traçar um fio condutor que o levasse a remontar uma história de vida de Maria Firmina. A busca nos arquivos o levou a matérias nos jornais oitocentistas, a busca pelas fontes orais o levou a memórias de pessoas que haviam sido próximas a ela, e sempre havia partes de sua história em branco – grandes lacunas de tempo, espaços vazios de memória.

Alguns desses espaços puderam ser preenchidos em certa medida pelas narrativas produzidas pelos grupos que participaram da redescoberta de Maria Firmina dos Reis, durante as pesquisas de Moraes Filho, ao longo da escrita de seu livro e nas celebrações do sesquicentenário. “As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam.”<sup>145</sup>

Dessa forma, na introdução do livro, o autor enfatiza a importância de Maria Firmina dos Reis como símbolo de um ideal feminino, o que formaliza na produção de memórias sobre a escritora a questão de gênero, por ser esse livro uma fonte biográfica amplamente tratada como documento pela historiografia desde então.

A Glorificação da Mulher Maranhense na Memória daquela que, no Passado, era apontada como modelo que as suas comprovincianas deveriam imitar, e, que no Presente evocamos como paradigma que devem suas conterrâneas tomar, não só no cultivo da inteligência, mas também na prática do Feminismo que Maria Firmina encarnou: não o Falso Feminismo – o destrutivo – que quer criar a mulher inimiga do homem, mas o Verdadeiro Feminismo – o construtivo – que reivindica para a mulher – Meeira Natural do Homem – as responsabilidades da Vida e na Vida – na construção de uma Nova Sociedade – de uma Nova Humanidade.<sup>146</sup>

A narrativa indica ter havido, no passado, um ideal feminino de comportamento e atitude na vida pública e privada: Maria Firmina dos Reis. Agora, eis suas memórias recuperadas, que servem de bússola para dar a direção que toda mulher deve seguir. O objetivo que transparece é o de fazer de Firmina um modelo para a mulher maranhense. Entretanto, chama atenção a escolha do autor por distinguir duas espécies de feminismo, que se opõem uma à outra: um “falso feminismo”, que seria destrutivo, em oposição a um verdadeiro feminismo,

---

<sup>145</sup> CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: Idem. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Alges, Portugal: Difel 82, 2002, p. 17.

<sup>146</sup> MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina, fragmentos de uma vida**. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975, p. 10.

que seria positivo, e este, sim, representaria o comportamento da escritora, que seria, por sua vez, condizente com o comportamento esperado da mulher como “meeira natural do homem”. Essa parte, especialmente, causa estranhamento por não estar de acordo com a posição de Maria Firmina dos Reis na vida privada, já que o que se pode apreender das fontes conhecidas – e citadas pelo próprio Morais Filho – é que ela foi por toda a vida solteira, e em seu diário não se encontram menções explícitas sobre relacionamento amoroso.

Nesse período em que Nascimento Morais Filho publicou o resumo biográfico de Maria Firmina dos Reis, observa-se uma fase de intensa escrita sobre a vida e a obra de grandes mulheres da História, com muitos autores produzindo a partir de uma corrente historiográfica que buscou dar visibilidade ao feminino por meio das biografias de mulheres, um movimento que ocorreu na França, na Inglaterra, nos EUA e no Brasil.

Os atos celebrativos de 1975 em São Luís – incluindo o resumo biográfico, cuja introdução foi analisada anteriormente – produziram narrativas sobre Maria Firmina dos Reis em torno da ideia do pioneirismo feminino, reforçando sempre um senso de orgulho maranhense por ser o berço da primeira romancista brasileira, ao mesmo tempo que se buscou fazer da escritora um símbolo feminino, um modelo para todas as mulheres se espelharem – o que culminou com a decisão de se comemorar o Dia da Mulher Vimarense e o Dia da Mulher Maranhense na data de nascimento da escritora. Talvez a tendência historiográfica tenha contribuído para que as memórias de Maria Firmina dos Reis fossem predominantemente analisadas sob a perspectiva do feminino nesse período.

Paralelamente, pode-se supor que algum aspecto relativo à negritude de Maria Firmina tenha surgido para debate nos bastidores das preparações do sesquicentenário, liderado por Morais Filho. Essa suposição é inspirada no fato de que Nascimento Morais Filho – homem negro, filho do também poeta e escritor negro José do Nascimento Moraes (1882-1958)<sup>147</sup>, conhecido por posicionamentos combativos e por sua luta pelos oprimidos, presente em sua obra poética, inclusive – não manifesta em seu texto a pretensão de abordar a questão racial no que diz respeito a Maria Firmina dos Reis, o que pode à primeira vista parecer contraditório. Entretanto, não é difícil imaginar as concessões que Morais Filho pode ter sido levado a fazer para viabilizar as celebrações pelo sesquicentenário da escritora no espaço eminentemente racista da elite maranhense dos anos 1970, em que ele buscou articular tantos apoios públicos.

---

<sup>147</sup> Autor do romance *Vencidos e degenerados* (1915), considerado uma das narrativas de maior impacto sobre a escravidão no Brasil e suas consequências, tanto no plano individual e psicológico como em termos sociais. Fonte: PEREIRA, Rafaela. O negro olhar sobre a sociedade maranhense. **Literafro** - O portal da literatura afro-brasileira. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 15 fev. 2022. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/resenhas/ficcao/87-nascimento-moraes-vencidos-e-degenerados>>. Acesso em: abril 2022.

Nesse contexto, provavelmente, a temática da raça fosse uma questão difícil de ser colocada de forma direta.

Já nas celebrações realizadas em Guimarães, a negritude de Maria Firmina dos Reis foi assumida na escolha de uma estudante de ascendência negra para representá-la nas homenagens locais. No município, foi mais evidenciada sua faceta mestra régia, possivelmente porque essa memória ainda permanecia patente em 1975, pois foi naquele local que ela desempenhou seu ofício de professora por mais de 30 anos e, na ocasião das homenagens, ainda estavam presentes pessoas que conviveram com Firmina, incluindo a ex-aluna Eurídice Barbosa Cardoso.

As fontes analisadas até aqui apontam que durante esse período de redescoberta, que tem como marco o ano de 1975, Maria Firmina dos Reis é representada como mulher pioneira do século XIX, cujo mérito deve ser reconhecido por escrever o primeiro romance genuinamente brasileiro publicado em solo nacional. Em relação à literatura produzida por ela, as fontes demonstram silêncio, muitas vezes nem sequer mencionando o enredo de seu romance, ou quando mencionam, em geral, desqualificam sua literatura, utilizando adjetivos que invalidam e desestimulam a leitura de “Úrsula”, chegando-se a informar ao leitor de forma errada o desfecho da protagonista, no prólogo da reedição de sua obra.

A percepção do silenciamento sobre o aspecto antiescravista da obra nos documentos produzidos pela imprensa em 1975 corrobora a tese de Régia Agostinho da Silva, defendida em 2013, segundo a qual o enredo contra a escravidão ora passa despercebido, ora “é percebido como inconcluso, deficiente, carente de profundidade”<sup>148</sup>. Ao representar “Úrsula” como uma obra menor, cujo mérito se restringe a ser a obra pioneira da escrita feminina, a imprensa contribui para o seu silenciamento, uma vez que desencoraja a leitura, dificultando já de partida a existência de um espaço para o debate social subjacente ao romance. Assim, produz-se mais um elemento no processo de esquecimento em torno de Maria Firmina dos Reis, processo ativo de “esquecimento de recordação”<sup>149</sup> (ver item 3.1).

Ao analisar as críticas publicadas na imprensa à época do lançamento de “Úrsula”, entre 1860 e 1861, a tese “A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX”

---

<sup>148</sup> SILVA, Régia Agostinho da. **A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX**. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

<sup>149</sup> Modalidade do esquecimento trabalhada em: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

questiona se a razão do silenciamento sobre o aspecto antiescravista da obra nessas fontes pode estar relacionada ao fato de o livro ser escrito por uma mulher. Ou então ao enredo antiescravista, “tema demasiado incômodo”.

Cabe fazer a mesma indagação para os documentos que silenciaram sobre o enredo, ou que o depreciaram, já em 1975, na recuperação da obra firminiana: terá sido pela escrita feminina ou pelo enredo antiescravista? Ou ainda terá sido por ser a escritora pioneira do romance no Brasil uma mulher negra, filha de escravizada alforriada? Talvez o contexto historiográfico do período, intensamente voltado para a investigação do feminino, para a vida e obra de grandes mulheres, tenha contribuído para um olhar focado no pioneirismo de Maria Firmina dos Reis enquanto mulher romancista brasileira, relegando outras características à invisibilidade.

Em algumas fontes da imprensa é possível observar uma relação de parentesco entre a escritora e a família Sotero dos Reis, sendo plausível até se compreender que Maria Firmina partilhava de algum convívio com a elite maranhense – o que não procede, segundo outras fontes. Junto a isso, a representação de seu rosto no busto esculpido por Flory Gama transparece uma mulher branca e altiva, em um evidente processo de embranquecimento que contribuiu para o apagamento das origens africanas da escritora.

As questões antiescravistas propostas em sua obra são raramente mencionadas pelas fontes, enquanto sua negritude é citada por apenas uma, que a declara como “mestiça”. Seu posicionamento antiescravista começaria a ser debatido publicamente de maneira ampla a partir do final da década de 1980, conforme abordado no próximo tem.

### 2.3 A reedição de “Úrsula” nas celebrações pelo centenário da Abolição

Palavras mudam seus sentidos. Os conceitos (significados) aos quais elas se referem também se modificam, historicamente, e toda transformação altera o mapa conceitual da cultura, levando diferentes culturas, em distintos momentos históricos, a classificar e pensar sobre o mundo de maneira diversa. Por muitos séculos, sociedades ocidentais associaram a palavra PRETO com tudo o que era escuro, mau, proibido, diabólico, perigoso e pecaminoso. Contudo, pense em como a percepção das pessoas negras nos Estados Unidos na década de 1960 mudou depois que a frase “Black is beautiful” [Preto é bonito] tornou-se um *slogan* famoso – na qual o significante, PRETO, foi levado a significar o sentido exatamente oposto (*significado*) às suas associações prévias.<sup>150</sup>

---

<sup>150</sup> HALL, Stuart. **Cultura e representação**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016, p. 59.

O ano de 1988 e as comemorações pelo centenário da Abolição tiveram grande importância para o campo dos estudos da escravidão, pois possibilitaram que se questionasse a ideia hegemônica que representava o escravizado ora como vítima, ora como herói. Desse debate foram inauguradas novas perspectivas historiográficas sobre o tema, abrindo um campo para se pensar e pesquisar o cotidiano da escravidão no Brasil de formas múltiplas.

No que diz respeito às práticas políticas e sociais, foi na década de 1970 que os movimentos negros se organizaram de maneira articulada, começando a se manifestar por todo o país em torno de instituições, grupos e publicações que reuniam intelectuais, negros e negras daquela geração. Assim foi com o Centro de Cultura Negra do Maranhão<sup>151</sup>, com o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN)<sup>152</sup> e com o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, onde Lélia Gonzales fazia seus estudos de Psicanálise<sup>153</sup>, entre outros. Enquanto erguia-se o busto de uma Maria Firmina embranquecida no centro histórico da São Luís de 1975, nas ruas próximas os movimentos negros e feministas semeavam resistência em um fértil campo de ideias contra-hegemônicas.

Foi nesse contexto que, em 1988, por ocasião dos 100 anos da Abolição, a Presença Edições publicou a terceira edição de “Úrsula”, em parceria com o Instituto Nacional do Livro.

---

<sup>151</sup> Organização da Sociedade Civil fundada em 1979 por um grupo engajado na luta pelos direitos e espaços da população negra no Maranhão. Fonte: RIBEIRO, Luciara. Centro de Cultura Negra do Maranhão: Política e Cultura Negra. **Afreaka**. s/d. Disponível em: <<http://www.afreaka.com.br/notas/centro-de-cultura-negra-maranhao-politica-e-cultura-negra/>>. Acesso em: 2 mar. 2022.

<sup>152</sup> Entidade do Movimento Negro com sede no Rio de Janeiro que hoje é referência na pesquisa da luta antirracista. IPCM - Instituto de Pesquisas das Culturas Negras. Disponível em: <<https://ipcnbrasil.org/>>. Acesso em: 2 mar. 2022.

<sup>153</sup> GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

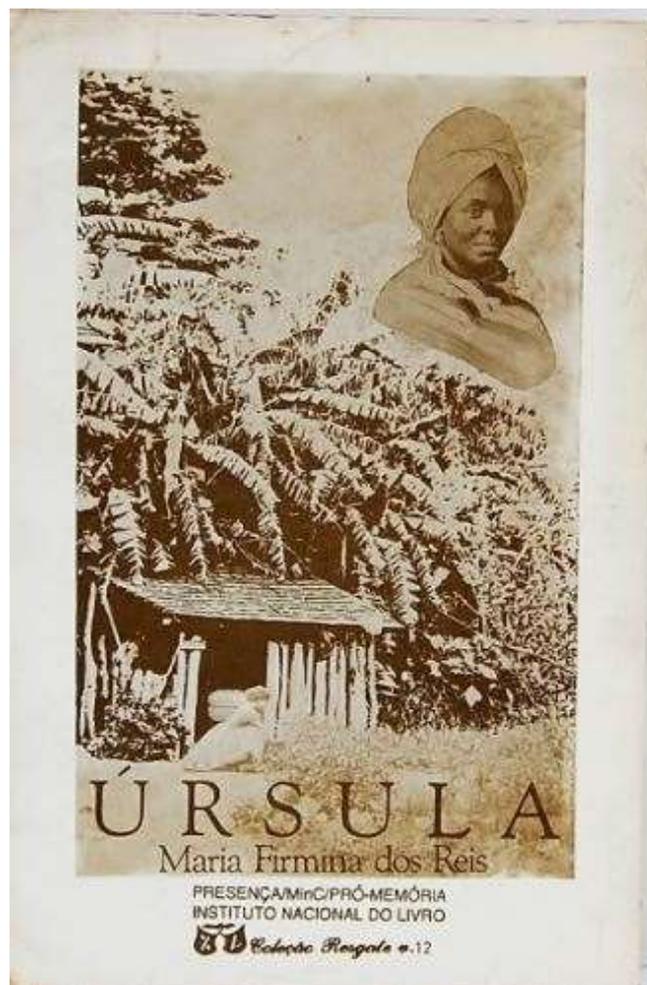


Figura 15 - “Úrsula” (1988), terceira edição.<sup>154</sup>

Na capa, observa-se uma paisagem tomada pela natureza, com vultosa folhagem que se assemelha à das bananeiras. Essa folhagem é interrompida por uma construção em madeira semelhante a um celeiro, que se encontra de portão aberto. Mais à frente, cobrindo parte do portão, vê-se uma moça agachada como que colhendo flores no jardim. Na extremidade oposta à cabeça da moça, no quadro superior onde parece haver ao fundo o céu, observa-se o busto de uma mulher negra de turbante branco, com um olhar ligeiramente baixo, lateral, tem o lado direito de seu rosto iluminado, enquanto o esquerdo está submetido à sombra. Quem seria essa mulher, que na composição observa a tudo de cima, do céu? Pode ser que represente mãe

<sup>154</sup> REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 3ª ed. Organização, atualização e notas de Luiza Lobo; introdução de Charles Martin. Rio de Janeiro: Presença Edições; Brasília: INL, 1988. Fonte: MEMORIAL DE MARIA FIRMINA DOS REIS. Obras – *Úrsula* – Capas. 21 jun. 2018. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/categoria/obras/ursula/>>. Acesso em: 1º mar. 2022.

Susana, apesar de a personagem, no romance, já ter mais idade do que essa aparenta, seus trajes remetem ao estereótipo da mucama, a escravizada que servia às sinhás nos trabalhos domésticos. Ou talvez ela possa representar a própria autora, dessa vez traduzida em um busto que lhe devolve a negritude – apesar dos trajes que podem relacionar a representada a uma escravidão que Maria Firmina dos Reis não experienciou.

O prefácio dessa edição é do crítico literário Charles Martin, que compreende a proposta subjacente ao romance e dialoga com a autora, ao identificar que em “Úrsula” os personagens Tancredo e Túlio são diversas vezes colocados em pé de igualdade entre si, apesar da escravidão deste. Martin, pesquisador e professor norte-americano, em um texto inspirado, explica ao leitor do prefácio que raramente um autor do século XIX ousou semelhante proposta na literatura de seu tempo. Substancialmente diferente do prólogo à segunda edição, escrito em 1975 por Horácio de Almeida (ver item 2.2), neste caso o prefácio de Martin encoraja à leitura de “Úrsula”.

O próximo documento foi veiculado pelo *Jornal do Brasil* no dia seguinte ao centenário abolicionista, 14 de maio de 1988. O lançamento dessa nova edição de “Úrsula” é a linha condutora do artigo. Assinado pela contista, ensaísta, tradutora e professora de Literatura Comparada e Teoria Literária Luiza Lobo, o texto reflete sobre o papel do negro na literatura brasileira, abordando tanto sua representação nas obras literárias feitas por brancos e por negros como a presença de escritores e escritoras negros enquanto produtores de literatura.

BALANÇO

# O negro de objeto a sujeito

A partir dos anos 70, poesia e ficção negras no Brasil passam a refletir uma nova visão de mundo daqueles que as produzem

Luiza Lobo

**C**OMO os movimentos negros, a literatura negra precede — e de muitas vezes — o tempo. No mês de maio de 1958, publicada em São Luís do Maranhão, trazendo no capó o pseudônimo "Uma Maranhense", o romance *Ursula*. Era o primeiro livro do gênero escrito por uma mulher no Brasil e o primeiro a mencionar a causa abolicionista. O nome verdadeiro de sua autora era Maria Firmina dos Reis, mulata bastarda, professora primária e cozinheira, por parte de mãe, do escritor Soler dos Reis. Como parte das comemorações do centenário da Abolição, essa obra acaba de ser reeditada pela Presença, do Rio. O sexto segue o de uma edição fac-similar feita em 1976 por iniciativa do pesquisador maranhense José Nascimento Moraes Filho. O único exemplar conhecido da primeira edição, doada pelo recém-falecido escritor e bibliófilo Horácio de Almeida ao governo do Maranhão, aparentemente sumiu.

Para o prefaciador desta nova edição da *Ursula*, o norte-americano Charles Martin, notadamente um autor do século XIX pós em pé de igualdade o senhor do escravo, como foi Maria Firmina ao ligar com laços de amizade o escravo Vasco ao herói francês Fauchonnet, que o liberta. Outra figura importante na narrativa é a velha escrava "Mãe Suzana". A descrição dos filhos enquanto trabalhava na toca, sem poder se despedir deles, e descrever a vida em Brasil, que quase o leva à loucura, tudo isso apresenta características de um depoimento verídico de alguém que Maria Firmina evidentemente conheceu em Guimarães, no interior do Maranhão, onde morava.

Essa mesma concepção folclórica — semelhante à de Paul e Virginia, de Bernardin de Saint-Pierre, escritor que a autora cita —, o romance não fez a dever a outras obras que no século XIX abordaram o tema no Brasil: A escrava Isaura, de Bernardo Guimarães. O traço do ipê e a peça O óndóio familiar, de José de Alencar. Com a diferença de que, ao locustar o tratamento dos personagens, Ursula é ideologicamente mais inovadora. Mas não é crítica de Ursula o motivo deste artigo. O seu objetivo é marcar, ainda que em traços largos, os caminhos que a literatura negra percorreu no Brasil desde aquele distante ano de 1859.

**Abolição abolida** — Até bem pouco, a bibliografia sobre o negro brasileiro se restringia quase exclusivamente à sociologia e à história. Além do trabalho pioneiro de Roger Bastide, apenas os brasilianistas estudavam a nossa literatura negra: Raymond Bayet, Gregory Rabassa é, mais recente-

mente, David Habery e David Brookshaw. Entre os estudiosos brasileiros, algo foi feito por Sérgio Millet, no imediato pós-guerra, e em anos mais próximos por Domicio Freire-Filho e Zilia Bernd. As comemorações de 1988 começaram, no entanto, a engordar essa rica bibliografia. As vésperas de 13 de maio saíram do prelo duas livros específicos sobre o assunto: Poesia negra no modernismo brasileiro, de Benedita Damaseno Damasceno (Editora Poetas, Campinas), e O negro e o romantismo brasileiro, de Heloisa Toller Oomen (Editora Atual, São Paulo). Essas duas obras centram-se, direta ou indiretamente, no problema do abolicionismo, e indagam se algo mudou hoje na perspectiva cultural, ideológica e literária com relação ao século XIX.

Tanto no levantamento sobre o modernismo realizado por Benedita quanto no do romantismo levado a cabo por Heloisa, misturam-se autores negros com autores brancos que escreveram a respeito de negros. Contudo, esta última previne que a ideia de mestiçagem, de indistincão de cor no Brasil, é um argumento de cunho racista que foi e tem sido bastante utilizado por preterzos antigos do negro: O da homogeneização racial, ou seja, a ideologia do branqueamento.

O principal aspecto que definirá uma significativa mudança entre os estudos sobre o negro realizados no passado e os que apareceram nesta década pode ser escrito assim: o negro deixa de ser objeto para passar a ser sujeito da literatura e da sua própria história; deixa de ser tema (inclusive como estereótipo) para ser o autor de uma visão de mundo própria. Assim, poderíamos definir literatura negra no Brasil (ou afro-brasileira) como a produção literária de descendentes de africanos que se assumem ideologicamente, como tal. Portanto, ela se caracteriza, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto tema (diálogo, exotismo, regionalismo), seja enquanto estereótipo (as muitas lascivas, como a Gabriela de Jorge Amado, e por extensão as de Di Cavalcanti, a mãe preta servil, como a tia Anastácia de Macedônio Lobato). O campo dos estereótipos vem sendo paulatinamente realizado nos sucessivos encontros de militantes negros, não com um sentido purista e moralista, mas visando à conscientização da sociedade quanto a esses estereótipos.

Dos primeiros poemas de negros — ou sobre eles — à atual postura de repúdio às

comemorações do centenário da Abolição, o que mudou? Poderíamos inscrever a história da literatura negra no Brasil em dois momentos: D o tempo da utopia — abolicionismo; 2) a Abolição como realidade, vista pela militância política — o mito de Zumbi dos Palmares.

Segundo José Montele (artigo publicado no JORNAL DO BRASIL em 11.11.1970), o primeiro autor a mencionar o negro como personagem foi Trajano Galvão, nos poemas "A escrava" (1850) e "O cabanegra" (1854); este bem mais crítico do que o primeiro, mas ambos publicados só em 1958 no livro *Bertanegas*. No entanto, foi sem dúvida em o "Bodas de ouro" — forma com que se popularizou a poesia "Quem sou eu?", de Luis Gama, publicado em *Prismas trovas burlescas de Getúlio* (1859) — que pela primeira vez um autor negro assumiu explicitamente a sua identidade racial. Usando o mesmo processo empregado pelo poeta barroco Gregório de Matos, ele atribuiu os aspectos negativos e os estereótipos do negro, numa experiência de choque: "De negro sou, ou sou bode, / pouco importa. O que isto pode? / Bode há de toda casta, / pois que a espécie é muito vasta... / Há cisalhões, há rajados..."

Como tema, o negro já estava presente nas modinhas setecentistas do compositor Caldeir Barbosa, no poema "A escrava", de Gonçalves Dias, e na prosa de Machado de Assis, embora sem grande identificação entre o sujeito da criação e a personagem empregado como tema. Nos dois primeiros casos acentua-se a vertente rítmica e musical da oralidade, tão importante na criação poética das três Américas, não só no jazz, no samba ou na música pop, mas também nos poemas escritos em forma erudita. Exceção-se com a Abolição — que pouco mudou a situação social do negro — a primeira fase, a da utopia. O que chamamos de segunda fase começa a reconstrução do mito, não mais com base na Abolição e sim no quilombismo.

**Modernismo e abolição** — Ao buscar a identidade nacional no esforço para romper com o passado europeu e na experimentação de novos tipos literários sem especial o índio, nenhum movimento múltiplos tanto os estereótipos quanto o modernismo. Enquanto românticos e realistas — como Gonçalves Dias e Machado de Assis — assumiam parcimoniosamente a sua cor na representação literária (sem o dilúio de estarem excessivamente próximos da escravidão e portanto sujeitos ao trápico do poder social exercido pela figura do Imperador), os autores modernistas, do alto de sua liberdade moral e política, coexistiram com poucos exceções, negros ou brancos, que possuem o negro na sua verdadeira perspectiva histórica.

As vésperas dos desdobramentos mais expressivos da Semana de 22, foi Lima Barreto (morre em novembro daquele ano) o único representante do século XX a combater, em termos de coragem, com Luis Gama e Cruz e Sousa, abolicionistas do século anterior.

Muito preocupado com a mitificação do índio como contraponto à figura do colonizador europeu (continuando a tradição romântica, apenas mais crítica), Mário de Andrade abre *Macumbeira* (1926) com a lenda do pé de Sarné, Muananga, irmão do "Herói sem nenhum caráter". Toma-se negro por ser o último a se banhar na água do pedregal de Sarné; em outras palavras, o negro é tratado de água suja. Era Martins Cereré, também de 1926, Cassiano Ricardo representa o desbravador paulista na ótica do branco, e deturpa a figura do negro na história do Brasil, ao fazer com que aquele o veja sob a forma de um cafetinho preto — como bem mostrou Luis Costa Lima em As projeções do ideológico. Jorge de Lara envereda no estereótipo da mulata lasciva com o poema "Negra Fala" — o que, para Benedita Damaseno, pelo menos tem razão de divulgar os aspectos estéticos de negro, a cor da pele, o beicinho, além dos ritos da macumba. Tornava pública assim, a "negritude" — na expressão criada por Léopold Senghor e outros africanos e antilhanos exilados em Paris entre 1931 e 1943, ou "negritude", conforme propôs Sérgio Millet visando a atualizar o termo. Enquanto a ensaísta Benedi-



Figura 16 - Artigo no *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 mai. 1988 – Parte 1.<sup>155</sup>

<sup>155</sup> Fonte: LOBO, Luiza. O negro de objeto a sujeito. *Jornal do Brasil*. Ideias. Rio de Janeiro, 14 mai. 1988, p. 6. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_10/231380](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/231380)>.



ta Damasceno afirma que na poesia negra no Brasil "o menos importante é a cor do autor", o que parece negar todo o esforço do seu próprio livro. Jean-Paul Sartre, em clássico artigo de 1948, afirmava que o negro não podia se esconder, como o judeu, no meio da multidão. Ou, nas palavras do poeta mineiro Adão Ventura, não pode arrancar do corpo a "cor da própria pele". Assim, o grande esforço de Abdias do Nascimento, ao fundar em 1944 o Teatro Experimental do Negro, era encontrar obras dramáticas deste tipo de autor (ele mesmo compôs *Sorrilégio*); não as encontrando, viu-se obrigado a montar O'Neill.

O grande problema da produção negra no modernismo — e isso se torna explícito através da leitura do livro de Benedita Damasceno — é que em grande parte ela dificilmente poderia ser classificada como modernista, no sentido de inovação de linguagem, de relação com o europeu e da proposta de uma cultura autóctone. Claro que não podemos exigir da história o que ela não poderia ter sido. Mas o fato é que autores vindos depois do Abolicionismo, no século XX — Lino Guedes (SP) na década de 1920, o poeta Solano Trindade (RJ) na década de 1960, o operário Belsiva (SP) década de 1970 — repetiram em seu estilo recursos em grande parte já empregados na oratória parnasiana e na tradição simbolista de Cruz e Sousa em romântica de Castro Alves.

Até mesmo o paulista Oswald de Camargo, com seu pioneiro livro de contos autobiográficos *O carro do êxito* (1972), mantém estreita filiação ao tom decadentista do século XIX, elevado de lástima, auto-flagelação e martirização do negro enquanto oprimido. Nos poemas, como os de *Um homem tenta ser anjo*, este tom se acentua e, como no caso de Eduardo de Oliveira (SP) e a maior parte da produção posterior ao modernismo, afasta-se, contraditoriamente, cada vez mais, da "ruína alegórica" buscada pelo movimento.

Os estilos de época e as classificações da história da literatura negra do Brasil não necessitam, evidentemente, obedecer aos mesmos cânones empregados na literatura existente, mas até o momento não houve tentativa de substituí-los por outros — o que poderia ser feito em novos estudos.

Abolição x Palmares — O que se disse com relação ao modernismo não se aplica, entretanto, ao período que corresponde ao atual conceito de pós-modernismo. A década de 1970 constituiu um marco renovador na visão ideológica que o negro nutria sobre sua própria representação social. No Rio, o grupo Negreia, sob a liderança do poeta Ele Semog, se constituiu em 1970 e até 1984 foi um dos mais ativos no panorama cultural da cidade; no Rio Grande do Sul, o grupo Palmares, liderado pelo poeta regionalista Oliveira Silveira, estabeleceu-se em 1978 e persistiu por dois anos. Em São Paulo, foi criado por sete autores negros, em 1978, talvez o grupo mais radical, que permanece ativo até hoje: o Quilomboje. A partir de suas discussões, eles selecionam, editam, financiam e vendem os *Cadernos negros*, antologias anuais de poesia e prosa. Resultado deste crescente movimento autônomo e urbano foi a criação, ano passado, no bairro do Bixiga, em São Paulo, antigo reduto de escravos, de uma livraria dirigida por negros e inteiramente voltada para a sua produção: a Eboh.

Os integrantes destes grupos militanes iniciaram uma nova literatura negra contemporânea. Mas, como adverte o poeta Arnaldo Xavier, eles enfatizam que não se isolaram num gueto, pois o gueto se forma pela pressão exterior de um grupo social mais forte. Eles se auto-separaram para poder pensar a sua própria expressão, longe do mito da "democracia racial" das aparências, onde tudo se mistura num Leite crioulo, título, aliás, de um jornal modernista mineiro de ambígua ideologia.

Os resultados concretos desse movimento são visíveis: seguidos encontros de literatura negra produziram diversos livros de ensaios, como *Perfil de literatura negra*, Nu

elefante branco, *Reflexões*, *Corpo de negro*, *rabo de brasileiro*, entre outros. Paralelamente, duas antologias de literatura negra foram organizadas por poetas de São Paulo: Axé, que obteve prêmio da Associação de Críticos de São Paulo, editada por Paulo Colina em 1982, e *A razão de chama*, a cargo de Oswald de Camargo e outros, em 1986. Deste último, também no ano passado, *O negro escrito*.

Os poemas produzidos após a década de 1970 expressam a rebelião dos militantes negros contra a data da Abolição. Assim a vê, por exemplo, Oliveira Silveira, do Rio Grande do Sul: "Treze de maio tração/ liberdade sem asas/ e fome sem pão. / Liberdade de asas quebradas — como / este verso" (em *A razão de chama*). É interessante contrastar esta visão crítica de poesia escrita quanto à ideia de liberdade com os versos da poesia de samba-enredo, folclórica e oral de Nel Lopes: "Abre as asas sobre nós, Oh, senhora Liberdade!" — que pressupõem a existência da liberdade negada por Silveira.

No mesmo sentido crítico, Jamu Minika (SP), em "Zumbabwe", amplia a imagem de "Zumba/ Zumbi / Zumbabwe" aplicada inicialmente a Palmares, para a Rodésia e em seguida para toda a África. E no conto homônimo de *Cauterizai o meu umbigo* (1986), Eustáquio José Rodrigues vê causalmente esfacelar-se o batismo mistico que o personagem vivera no Zaire quando, retornando ao Brasil, e mais especificamente à favela do Pavãozinho, o perseguidor Zacharia, que lá era impulsionado a vingança por motivos ritualísticos aqui ressurgiu SOB a forma de um babado de olhos vermelhos e inchados, sentado na mesa de uma bar da favela, em meio à fome e ao desemprego.

Arnaldo Xavier, em *A rosa da recusa* (1986), retrabalha as montagens de Mallarmé e dos concretistas com vocabulário lorquiano. Ele Semog e seu parceiro de poesia, José Limeira, buscam a via do humor urbano, cheio de ritmo e ginga carioca; Muniz Sodré, no ensaio, e João Ubaldo Ribeiro, no romance *Amor e morte*, procuram uma definição de africanidade ligada a um conceito próprio ao Brasil, autônomo, ante uma noção generalista de identidade absoluta com a África. Mas, de um modo geral, a mais recente poesia negra tem se centrado na busca de milos — principalmente o de Zumbi —, na crítica às instituições de ensino — geralmente preconceituosas — e na

relação do negro com a sociedade (ver os contos de Cuti — Luís Silva — nos *Cadernos negros*). O traço típico, aí, como observa a professora Selma da Silva, que trabalhou na Guiana Inglesa, é o didatismo.

Por outro lado, as autoras, não tendo tradição literária forte nem mitos históricos de onde partir — sendo um dos poucos, talvez, o da escrava liberta Luísa Mahin, mãe do poeta Luis Gama e líder da revolução dos malês, na Bahia, a 25 de janeiro de 1835 (ver poema "Luísa Mahin", de Miriam Alves, CN 9, 1986) —, desenvolvem uma poética mais livre que a dos homens e recriam o lema da abolição sob a ótica feminina. Em "Chibata" (CN 1), por exemplo, Cellina acentua a relação senhor-corpo da escrava. Autores paulistas, como Miriam Alves, Marise Tietra e Roseli Nascimento, inovam na temática da poesia ao falar do erotismo feminino e apontar — através da afirmação de uma nova sexualidade/sensualidade, inserida na realidade cotidiana de um grande centro cosmopolita — para uma Estética Negra. São Paulo, onde todos os caminhos se cruzam, é o local ideal para isso. É na ruína do passado épico que se insinuam os melhores sinais da literatura negra contemporânea, que, se não propõe uma estética totalmente nova, ao menos se problematiza ao expressar a identidade de autores que aparecem como uma verdade a um tempo histórico, memorialística e contemporânea de história literária brasileira.

Luiza Lobo é crítica, ensaísta, tradutora e professora de Literatura Comparada e Teoria Literária na UFPA. Seu livro mais recente intitulou-se *Teorias poéticas do romantismo* (Mercado Aberto, 1987).

Figura 17 - Artigo no *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 mai. 1988 – Parte 2.<sup>156</sup>

<sup>156</sup> Fonte: LOBO, Luiza. O negro de objeto a sujeito. *Jornal do Brasil*. Ideias. Rio de Janeiro, 14 mai. 1988, p. 7. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_10/231380](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/231380)>.

Passados 13 anos das celebrações realizadas em 1975, essa fonte já inicia sua narrativa sobre o romance “Úrsula” inserindo-o no debate antiescravista<sup>157</sup>. O protagonismo feminino, tão destacado no discurso produzido previamente, agora é apenas uma informação entre outros destaques que dão espaço à ancestralidade da autora e a dados de sua biografia colhidos por Morais Filho em seu resumo biográfico, mas pouco citados nas fontes anteriores. Ainda no primeiro parágrafo lê-se “O nome verdadeiro de sua autora era Maria Firmina dos Reis, mulata bastarda, professora primária e sobrinha, por parte de mãe, do escritor Sotero dos Reis”.

No segundo parágrafo, uma análise da qualidade literária da obra assegura: “o romance nada fica a dever a outras obras que no século XIX abordaram o tema no Brasil [...]. Com a diferença de que, no tocante ao tratamento dos personagens, ‘Úrsula’ é ideologicamente mais inovador.” Nesse ponto do artigo, Luiza Lobo termina a análise do romance para continuar a mapear o trajeto da literatura negra brasileira “desde aquele distante ano de 1859”.

Nada comparado às críticas recebidas por ocasião do lançamento da segunda edição, em 1975, que explicitamente questionavam a qualidade literária da obra, em geral silenciavam sobre o enredo, valorizando o pioneirismo da escrita feminina, apenas.

Algo mudou de 1975 para 1988?

Como latino-americanos, especificamente oriundos do Brasil, observamos um problema na relação com os meios intelectuais, artísticos e políticos desse país em sempre voltarem seus olhares para a Europa, num primeiro momento, e, num segundo momento, sobretudo no decurso do Século XX, para os EUA, quase negando e virando as costas para nosso próprio continente latino. O nosso olhar foi seduzido para deslumbrar essas realidades díspares, tão importantes e significativas no processo de sua história. Neste, é recente o encantamento do encontro dos brasileiros com as grandes representações culturais da latinidade americana. Se pensarmos em envolvimento mais expressivos, encontraremos problemas, buscas de entendimentos e comparações que percorrem a historiografia e a produção literária.<sup>158</sup>

---

<sup>157</sup> A fonte afirma que “Úrsula” menciona a causa “aboliconista”, termo comumente associado ao romance dentro dos estudos literários. Entretanto, conforme a historiografia, esta pesquisa compreende o romance “Úrsula” como um texto antiescravista, por ter sido publicado entre 1859 e 1860, período que antecede em alguns anos o movimento aboliconista no Brasil, e porque nele a autora não trata da temática do fim da escravidão. Quem debate esse tema em profundidade é: SILVA, Régia Agostinho da. *Úrsula e A Escrava: títulos antiescravistas*. In: Idem. **A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX**. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

<sup>158</sup> AVELINO, Yvone Dias. Os labirintos da arte de narrar: história da arte e literatura. **Imagem: Revista de História da Arte**. Guarulhos, v. 1, 2022, p. 201.

As novas tendências historiográficas viabilizaram a percepção de experiências outras, o que permitiu a descoberta e investigação de elementos que permaneceram ocultos em momento anterior. Concomitantemente, as representações de Maria Firmina dos Reis e os aspectos apreendidos de sua obra são determinados pelos interesses dos grupos que os manifestam, de modo que em 1988 sua vida e obra foram debatidas a partir do tema da Abolição, enquanto em 1975 os discursos foram produzidos com base no protagonismo literário e no modelo de mulher valorosa.

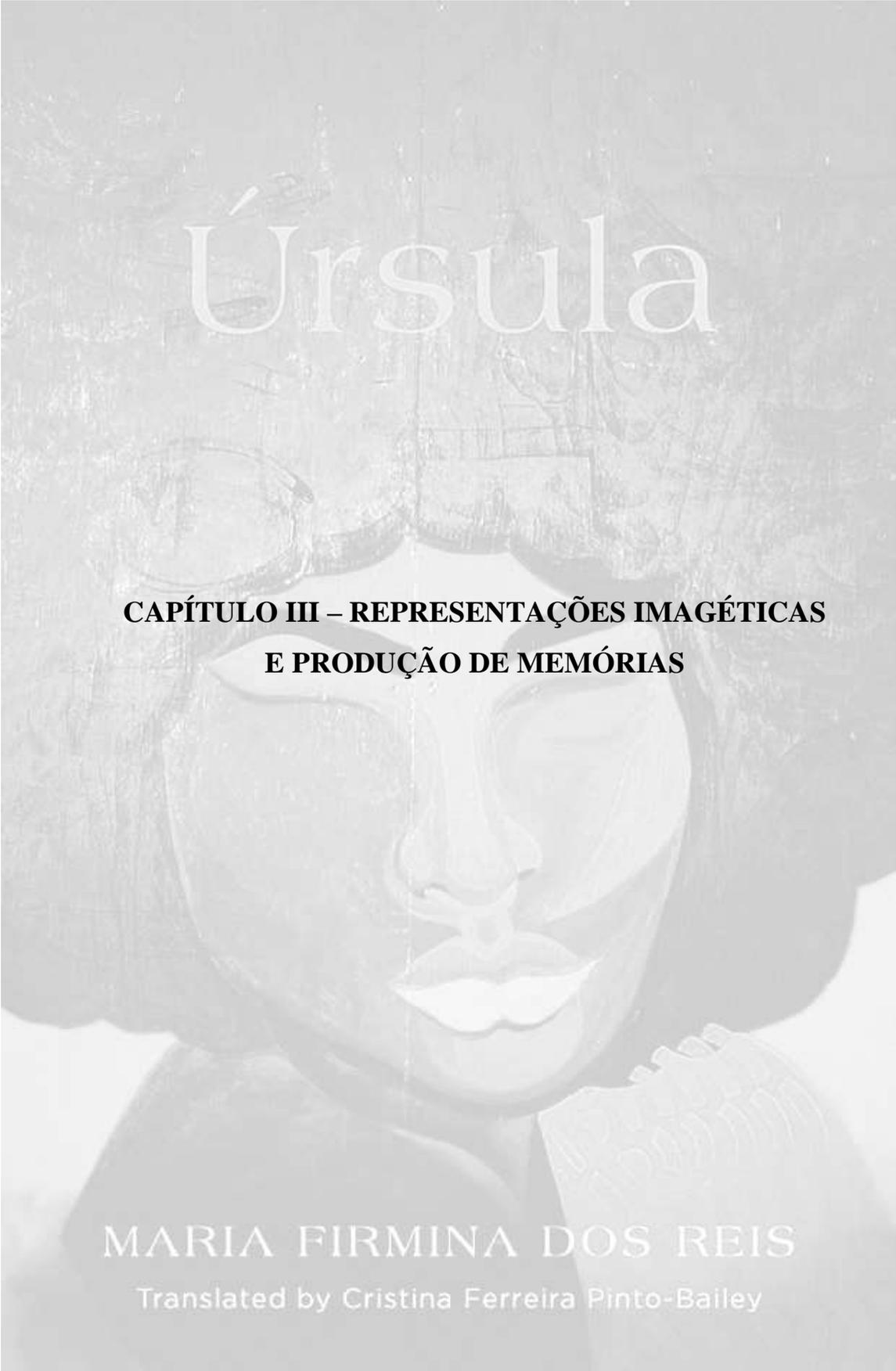
As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.<sup>159</sup>

As mudanças que se evidenciam através do tempo nos discursos das fontes analisadas revelam as lutas de representações empenhadas por cada um dos grupos na tentativa de impor sua concepção de mundo social e seus valores aos demais. Em 1975, o aspecto principal nas representações de Maria Firmina dos Reis foi o pioneirismo feminino – em harmonia com aquele momento histórico e a respectiva tendência historiográfica de investigação de grandes mulheres pioneiras –, enquanto as questões de sua ancestralidade africana e o enredo antiescravista de “Úrsula” foram majoritariamente silenciados. Treze anos depois, em 1988, é justamente a proposta antiescravista subjacente ao romance o aspecto que vem à tona na produção de suas representações, agora afinadas com sua ancestralidade africana.

A partir de então, teve início uma intensa produção de pesquisas em universidades de todo o Brasil e do exterior a respeito de aspectos da vida e da obra da maranhense. Fora da academia também, Maria Firmina dos Reis passou a ser cada dia mais conhecida. No próximo capítulo são analisadas representações imagéticas da escritora, que aumentam ao longo do tempo, em conformidade com o crescente interesse por ela.

---

<sup>159</sup> CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: Idem. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Algés, Portugal: Difel 82, 2002, p. 17.



# Úrsula

## **CAPÍTULO III – REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS E PRODUÇÃO DE MEMÓRIAS**

MARIA FIRMINA DOS REIS

Translated by Cristina Ferreira Pinto-Bailey

Como até o momento a historiografia não localizou nenhum documento que possibilite conhecer a imagem de Maria Firmina dos Reis, muito se debate a esse respeito. Desde o início do século XXI, surgem com cada vez mais frequência representações propondo-lhe um rosto, faces que se acumulam em quadros, revistas, jornais, livros e sites na internet, com as mais diversas aparências, colocadas em um campo de disputa enquanto símbolo de causas e movimentos. São grupos os mais variados – os feministas, os negros, os feministas negros, os grupos literários, os educacionais, os antirracistas – que se apropriam<sup>160</sup> de aspectos da obra da autora, produzindo sentidos cada qual conforme os referenciais do seu movimento. E obedecendo à mesma lógica opera a construção de representações de Maria Firmina dos Reis.

O interesse dos sujeitos de hoje em atribuir um rosto à escritora do século XIX pode ser verificado com o levantamento do pesquisador Rafael Balseiro Zin, que, em 2020<sup>161</sup>, contabilizou 250 diferentes imagens da escritora.

Caso fosse conhecida uma imagem de Firmina, provavelmente não haveria tamanha disputa pela produção de representações de seu rosto, pois esse já estaria dado. No entanto, acreditar que uma foto de Maria Firmina dos Reis entregaria ao presente um elemento muito diferente das imagens criadas com a intenção de lhe atribuir uma feição seria esquecer que a fotografia, ela também, é um filtro, mediado pelo olhar de quem captou aquele instante. Portanto, se existisse, essa foto seria um recorte produzido pelo olhar e pelas intenções do outro, tanto quanto as representações feitas sobre a escritora postumamente.

Este terceiro e último capítulo discute representações imagéticas criadas e/ou reproduzidas já no século XXI, especificamente por ocasião de datas importantes para a celebração das memórias de Maria Firmina dos Reis. São fontes produzidas e/ou publicizadas nos anos de 2017, 2020 e 2022, respectivamente o centenário de sua morte, os 198 anos e os 200 anos de seu nascimento<sup>162</sup>.

Além dessas efemérides, é analisada a produção do esquecimento em torno de Maria Firmina dos Reis. Utilizam-se os conceitos de esquecimento de recordação e de memória

---

<sup>160</sup> Conforme o conceito de apropriação de Roger Chartier, segundo o qual as pessoas se apoderam dos discursos sobre a realidade, em seguida os reelaboram e então alcançam novas visões de mundo. Entretanto, a apropriação é sempre mediada pelas “lentes” do grupo ao qual o sujeito pertence. CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Alges, Portugal: Difel 82, 2002.

<sup>161</sup> CONVERSACÕES FILOSÓFICAS. O legado de Maria Firmina dos Reis. Live com Rafael Balseiro Zin e Regia Agostinho da Silva. YouTube, 23 jun. 2020. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=mT7o1404uGU&list=PLafTx0dFzf0Ycsg0\\_z57zi5Q1zvHTonNY&index=5](https://www.youtube.com/watch?v=mT7o1404uGU&list=PLafTx0dFzf0Ycsg0_z57zi5Q1zvHTonNY&index=5)>. Acesso em: 31 out. 2020.

<sup>162</sup> No caso, enquanto a historiografia assume o ano de 1822 como nascimento de Maria Firmina dos Reis.

manipulada<sup>163</sup> para refletir sobre as formas de silenciamento a que a autora foi sujeitada desde a publicação de “Úrsula”, em 1859/1860, tais como os discursos de embranquecimento e a troca de identidade de que foi vítima desde o início desse século XXI, tema que começou a ser abordado e corrigido graças ao trabalho de pesquisadores e historiadores<sup>164</sup>.

Optou-se pelas imagens aqui analisadas como fontes, e não outras, devido ao seu potencial de diálogo teórico com os autores que amparam esta parte da pesquisa<sup>165</sup>.

### 3.1 Representações e esquecimento

Este item pretende refletir sobre produções de esquecimento (por meio de imagens trocadas, dúvidas, ocultamentos, invisibilizações e silenciamentos) envolvendo imagens e discursos a respeito de Maria Firmina dos Reis, tomando por base o *esquecimento de recordação*<sup>166</sup> na observação fenomenológica da prática conjunta da memória e do esquecimento.

A repercussão da obra de Maria Firmina dos Reis é periodizada em quatro momentos, sendo o segundo deles identificado como “um total silenciamento de mais de cem anos da obra da escritora, que só será retomada em 1975 [...]”<sup>167</sup>.

Aqui cabe refletir sobre qual lugar o esquecimento ocupa na biografia de Firmina. Por aproximadamente um século, a escritora e professora maranhense, junto com sua obra, permaneceu silenciada, e assim foi invisibilizada. Não se discutia sua obra, assim como não se falava sobre a escritora. Porém, junto com o documento encontrado por Horácio de Almeida – a primeira edição de “Úrsula” –, alguns rastros da memória coletiva, mais outras poucas recordações latentes puderam ser resgatadas e somadas a memórias individuais de algumas pessoas que haviam convivido com a escritora, para assim ser realizado o trabalho de reconhecimento do que permanecera esquecido, mas não perdido. “De muitos modos, conhecer

---

<sup>163</sup> Em diálogo teórico com: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

<sup>164</sup> Como Régia Agostinho da Silva e Rafael Balseiro Zin, que em artigos e trabalhos acadêmicos abordam especificamente a polêmica envolvendo a troca de identidade entre Maria Firmina dos Reis e a escritora gaúcha Délia.

<sup>165</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Algés, Portugal: Difel 82, 2002. HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Apicuri, 2016. RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Pólen Livros, 2019. FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

<sup>166</sup> Modalidade do esquecimento trabalhada em: RICOEUR, op. cit., 2007.

<sup>167</sup> SILVA, Régia Agostinho da. **A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX**. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 86.

é reconhecer. O reconhecimento também pode apoiar-se num suporte material, numa apresentação figurada, retrato, foto, pois a representação induz a identificação com a coisa retratada em sua ausência [...].”<sup>168</sup>

Parte dos documentos em que Nascimento de Moraes Filho se amparou para construir o resumo biográfico de Firmina – ou, para dar oportunidade aos seus contemporâneos de reconhecê-la – foram matérias de jornais publicados no século XIX. Ocorre que a memória registrada nesses documentos é uma memória manipulada, fruto do próprio caráter seletivo da narrativa, construída conforme os interesses da publicação. Isso significa que a construção de seu discurso passa pela escolha de quais aspectos de determinada notícia publicar e quais deixar de fora – silenciar –, ativando, assim, o mecanismo de produção de esquecimento de partes de uma história.

Quando em 1860 e 1861 foram publicadas críticas sobre o romance “Úrsula”, falou-se sobre o potencial da autora, celebrou-se o fato de uma mulher publicar em meio ao mercado editorial predominantemente masculino, mas nem sequer uma linha foi dedicada ao debate que Firmina propôs em sua obra.

[...] nada é dito sobre o conteúdo do romance em si, sobre sua fala antiescravista. O que acreditamos ser o que o romance traz de mais profundo, porque, eminentemente político e antiescravista, numa sociedade escravagista que era aquela do Brasil e do Maranhão do século XIX. A crítica se negou a tocar no assunto principal da autora em seu romance, que era a denúncia de uma sociedade escravista.<sup>169</sup>

Assim, pode-se identificar o ocultamento de aspectos da obra de Maria Firmina dos Reis já no primeiro período de sua repercussão, quando o debate proposto pela autora – a problemática da escravidão – não é reconhecido pela crítica, pois não é revelado, não é mencionado, apesar de fortemente debatido no enredo (ver item 1.3). Fica oculto qualquer registro desse aspecto em sua obra, movimento que vai na direção de relegar ao esquecimento uma parte de sua biografia: suas ideias. E, ainda que tenham circulado no século XIX informações de sua vida pública e particular, ou artigos com a pretensão de encorajar sua escolha pela escrita, suas ideias não tiveram espaço para debate. Mas, se elas foram esquecidas naquele contexto, não se perderam totalmente, porque deixaram rastros. Mantiveram-se

<sup>168</sup> RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 438.

<sup>169</sup> SILVA, Régia Agostinho da. **A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX**. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 90

resguardadas nas linhas escritas por Maria Firmina para, uma vez reconhecidas, serem lidas a partir de novas experiências individuais, coletivas e históricas sob o *status* de documento.

É o esquecimento de recordação<sup>170</sup> que mais interessa neste ponto do estudo. Trata-se da produção ativa do esquecimento, uma modalidade que recorre ao trabalho conjunto da lembrança e do esquecimento.

É nesse ponto que entram as muitas polêmicas, dúvidas e questionamentos que fazem parte da biografia de Firmina. Nome dos pais, raça-etnia da mãe e data de nascimento são algumas das informações que por muitos anos foram desconhecidas, mas hoje, com o crescente número de pesquisas e a descoberta de documentos, encontram-se esclarecidas. No entanto, como a historiografia segue sem um registro documental de sua aparência física, os enganos relacionados ao seu rosto permanecem.

A mais frequente polêmica envolve a imagem de uma outra escritora contemporânea da maranhense, Maria Benedita Câmara Bormann (1853-1895), uma gaúcha que usava o pseudônimo Délia, e cujo retrato em bico de pena havia sido impresso no livro de Ignez Sabino “Mulheres Ilustres do Brasil” (1899), publicado novamente em 1996, em uma edição fac-símile.



---

<sup>170</sup> RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 451.

Figura 18 - Retrato em bico de pena da escritora Délia (autor desconhecido).<sup>171</sup>

Não é possível definir a origem, mas fato é que essa imagem de Délia foi amplamente divulgada via internet como sendo a imagem de Maria Firmina dos Reis, em um processo de apropriação, e o engano segue sendo perpetuado – hoje menos que antes, graças a um grande movimento de pesquisadores e leitores de Firmina que buscam sempre corrigir o erro quando esse é percebido.

Com a difusão na utilização dos meios de informação, aos poucos a imagem de Délia atribuída à identidade de Maria Firmina dos Reis, de tão compartilhada na internet, passou a ser utilizada em cartazes de cursos sobre a obra da maranhense, reportagens, folhetos sobre a literatura feminina do século XIX e posts em homenagem ao seu aniversário.

Foram necessários poucos anos para que tal “efeito de verdade” se difundisse de forma mais direta, tanto que ainda hoje, em uma busca no Google pela imagem de Firmina, é a foto de Délia que aparece primeiro. E esse “efeito de verdade” pode ser observado quando se descobre que, em 2011, o mesmo retrato em bico de pena foi usado como referência para a pintura de um quadro que a Câmara de Vereadores de Guimarães recebeu de presente e manteve exposto por mais de um ano. Para além da pintura em si, o objeto aqui analisado é o ato celebrativo da cidade de Guimarães em que a obra estava inserida: seus 253 anos, celebrados em 2011. A pintura foi encomendada por um escritor maranhense a um artista plástico pernambucano e oferecida ao órgão público em homenagem ao aniversário da cidade<sup>172</sup>.

---

<sup>171</sup> Fonte: ZIN, Rafael Balseiro. A dissonante representação imagética de Maria Firmina dos Reis: da simples renúncia às formas encontradas para se desfazer os equívocos. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador, jan.-jul. 2018, p. 240.

<sup>172</sup> ZIN, Rafael Balseiro. A dissonante representação imagética de Maria Firmina dos Reis: da simples renúncia às formas encontradas para se desfazer os equívocos. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador, jan.-jul. 2018, p. 240.



Figura 19 - Pintura exposta na Câmara de Vereadores de Guimarães.<sup>173</sup>

Em uma data celebrativa do município, uma pessoa pública da região oferece para Guimarães a representação da memória de sua moradora mais ilustre. Destaca-se certo ar aristocrático na retratada, com vestimentas, penteado e adornos próprios da elite oitocentista. A cidade aceita a representação, que não condiz com os registros que se tem sobre a vida de Firmina, e a mantém afixada na galeria da Câmara por mais de um ano. “A troca de imagens e a permanência do quadro talvez não tenham sido apenas alvo de enganos. É uma possibilidade.”<sup>174</sup>

Tendo em vista o espaço físico preparado para receber a imagem, dentro do ambiente público oficial que constitui a galeria da Câmara, pode-se considerar que o local foi por algum tempo um lugar de memória – no caso, de construção de uma memória em que se teriam aplicado estratégias de esquecimento e manipulação da memória. Teria sido premeditada a supressão de certos aspectos, como a negritude de Firmina, já debatida em 2011, o que levou ao ocultamento e ao conseqüente silenciamento de um aspecto de sua história, relacionado à ancestralidade negra, aos antepassados escravizados, às questões antiescravistas e abolicionistas de sua biografia e tão presentes em sua obra. Nesse caso, ter-se-ia decidido

<sup>173</sup> Fonte: SILVA, Régia Agostinho da. **A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX**. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

<sup>174</sup> *Ibidem*, p. 103.

ocultar não só seus traços físicos, mas, com eles, também tudo o que sua negritude expressa simbolicamente.

Constrói-se, nesse episódio da Câmara dos Vereadores de Guimarães, uma memória que serve de apoio para a produção do esquecimento desse aspecto central na biografia e na obra de Maria Firmina dos Reis: raça-etnia, ancestralidade africana. É dessas fontes que nascem os fundamentos de suas obras, com pontos de vista e propostas de reflexão que talvez uma senhora oitocentista como a retratada na pintura não fosse capaz de sugerir.

### **3.2 Múltiplas representações nos 100 anos da morte de Firmina**

Dois mil e dezessete marcou de forma especial a biografia firminiana por ser o ano do centenário da morte de Maria Firmina dos Reis, ocasião em que oportunamente surgiu uma profusão de imagens e narrativas sobre a maranhense. Algumas das criações imagéticas pretenderam-se novas, outras buscaram no “retrato falado” da biografia de Nascimento Morais Filho a inspiração para a criação artística, dessa vez com clara ênfase nos traços étnicos, talvez em uma busca por devolver à escritora sua negritude predominantemente silenciada e tantas vezes embranquecida durante a recuperação de suas obras no final do século XX.

Assim, neste item do terceiro capítulo são analisadas representações imagéticas produzidas e/ou publicizadas nas homenagens ao seu centenário de morte, em 2017. As fontes são: uma caricatura da escritora, apresentada em exposição itinerante exibida em estações de metrô da cidade de São Paulo naquele ano; um desenho representando a autora em matéria do jornal *Nexo* (15/06/2017) sobre a importância da obra “Úrsula”; representação imagética no site do jornal *Brasil de Fato* (03/11/2017) sobre a primeira romancista negra do Brasil; composição com duas imagens que constroem a narrativa da seção “Eventos Literários” no site *PublishNews* (08/11/2017), especializado em notícias para o mercado editorial e livreiro, para divulgar seminário sobre a obra da escritora, realizado pelo Centro de Pesquisa e Formação do SESC, em homenagem a Maria Firmina e como parte da programação em comemoração ao Dia da Consciência Negra. Compõem o corpo documental deste item ainda um desenho veiculado em matéria do site *Catraca Livre* (06/07/2017) e uma fotografia que acompanha matéria publicada no site do jornal maranhense *O Imparcial* (10/11/2017).

Cada representação imagética é analisada em relação ao seu conjunto, constituído pela composição do texto com a imagem e compondo, assim, o que se entende aqui como *narrativa*. As fontes são inquiridas em permanente diálogo com a ideia das representações, aqui observadas como signos que, “à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e

interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal qual ela é, ou como gostariam que fosse”<sup>175</sup>.

A primeira representação imagética escolhida para análise é uma caricatura da escritora.



Figura 20 - Caricatura de Maria Firmina dos Reis, por Toni D’Agostinho, 2017.<sup>176</sup>

Representando a grande lacuna na biografia de Maria Firmina dos Reis – o desconhecimento de seu rosto –, um espaço vazio em formato de pequena peça de quebra-cabeça é elemento de destaque na caricatura. A peça caída ao lado do rosto leva a crer que esse espaço está vazio agora, mas ainda há pouco era ocupado por ela, que agora parece perdida à esquerda do rosto representado – ou à direita de quem o observa. Entretanto, o conteúdo da pequena peça não é revelado: talvez ela tenha caído com o desenho virado para baixo e por isso

<sup>175</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Algés, Portugal: Difel 82, 2002, p. 19.

<sup>176</sup> Fonte: D’AGOSTINHO FILHO, Antonio; NEGRETTI, Natália. Mulheres que mudaram o Brasil. **Revista Café com Sociologia**. São Paulo, v. 6, n. 1, jan.-abr. 2017, p. 235-251.

ele esteja oculto. Uma hipótese para a escolha por colocar a peça sobre um dos olhos, e não em qualquer outra parte de seu rosto, é o fato de a escritora, segundo seus biógrafos, ter morrido cega.

Um pescoço comprido e magro sustenta o rosto quadrado e exageradamente grande, típico das caricaturas – desenhos de pessoas que se caracterizam por traços extremamente exagerados. Há nessa representação de Maria Firmina dos Reis o cabelo crespo, um olhar bondoso e um sorriso acolhedor, e o conjunto da obra leva o observador a captar nela um ar de humildade, a apreender um significado que leva em direção à bondade, antes de qualquer outra leitura que possa vir em seguida.

A produção de sentido, nesse caso, ocorre primeiramente por meio da tipificação<sup>177</sup>, quando algo ganha sentido a partir de referências com categorias mais amplas. É facilmente perceptível o teor de humildade, acolhimento e bondade que a representação sugere, porque é um tipo de personalidade socialmente classificado *a priori*. Além disso, outro fenômeno, o da estereotipagem, também conceituado sob o ponto de vista dos mesmos autores, é observado na produção de sentido, uma vez que se dá inserida no contexto da sociedade pós-escravista ocidental, marcada pelo colonialismo e ainda conectada ao trabalho de mulheres negras e periféricas, herdeiras de uma ancestralidade amplamente conhecida como a “mãe preta” – estereótipo da mulher escravizada que convivia no ambiente doméstico, ama de leite, em geral fiel e dedicada à sinhá da casa-grande e – não nos esqueçamos – muitas vezes submetida e estuprada pelos senhores.

É assim que a produção de sentido ocorre instantaneamente, nesse caso. Isso porque os estereótipos

[...] *se apossam* das poucas características “simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas” sobre uma pessoa; tudo sobre ela é *reduzido* a esses traços que são, depois, *exagerados* e *simplificados*. [...] Então, o primeiro ponto é que *a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a “diferença”*. Em segundo lugar, a estereotipagem implanta uma estratégia de “*cisão*”, que divide o normal e aceitável do anormal e inaceitável. Em seguida, exclui ou *expele* tudo o que não cabe, o que é diferente.<sup>178</sup>

Essa representação caricatural do rosto de Firmina foi exibida ao lado de outras 14 caricaturas de mulheres<sup>179</sup>, em uma exposição itinerante ocorrida em 2017 e denominada

<sup>177</sup> HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Apicuri, 2016, p. 191.

<sup>178</sup> *Ibidem*.

<sup>179</sup> Das 15 homenageadas, além de Maria Firmina dos Reis foram representadas na exposição caricaturas de outras cinco mulheres negras ou mestiças: Chiquinha Gonzaga (1847-1935), Elza Soares (1937-2022), Carolina Maria

*Mulheres que mudaram o Brasil*. Exibida em estações do metrô de São Paulo naquele ano, integrou o programa Linha da Cultura, ligado à Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, que disponibilizava espaços nas estações de metrô para manifestações artísticas. Na ocasião, o artista gráfico Toni D’Agostinho<sup>180</sup> apresentou as caricaturas de “personalidades, retratadas a nanquim, que romperam paradigmas nas esferas das artes e ciências”<sup>181</sup>, acompanhadas de textos biográficos de autoria da antropóloga Natália Negretti<sup>182</sup>.

Nessa representação de Maria Firmina é notada a opção de Toni D’Agostinho por seguir os traços narrados no retrato falado: o cabelo curto, grisalho e crespo, o nariz curto e grosso, os lábios finos. Acompanha a imagem uma breve biografia:

Escritora (1825-1917). Considerada a primeira mulher a publicar um romance no Brasil, *Úrsula* (1859), Maria também foi responsável pela criação da primeira escola mista do país, em Maçaricó (MA), em 1881. No conto *A Escrava* (1887), voltou a explorar o tema abolicionista. Infelizmente não há registros que comprovem a sua fisionomia a não ser um retrato falado a partir de depoimentos de Nhazinha Goulart, filha de criação da escritora, e de Eurídice Barbosa, que foi sua aluna.<sup>183</sup>

A figura 21 compõe a narrativa do jornal *Nexo*<sup>184</sup> publicada em 15 de junho de 2017<sup>185</sup>, intitulada “Qual a importância de ‘Úrsula’, obra do Romantismo de que pouca gente ouviu falar”. Com subtítulo “Escritora Maria Firmina dos Reis foi a primeira a retratar, na literatura brasileira, a escravidão do ponto de vista dos escravos”, é assinada pela jornalista Juliana Domingos de Lima.

---

de Jesus (1914-1977), Lélia Gonzales (1935-1994) e Ruth de Souza (1921-2019). Nenhuma delas segue o mesmo estereótipo da “mãe preta”. Chamo atenção para o fato de a caricatura de Chiquinha Gonzaga remeter mais à atriz Regina Duarte, que a interpretou em minissérie televisiva que foi ao ar em 1999 pela TV Globo, do que à própria pianista e compositora.

<sup>180</sup> Sociólogo pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP, estuda a produção simbólica e o humor na política. É também artista gráfico pela Escola Panamericana de Arte.

<sup>181</sup> D’AGOSTINHO FILHO, Antonio; NEGRETTI, Natália. *Mulheres que mudaram o Brasil*. **Revista Café com Sociologia**. São Paulo, v. 6, n. 1, jan.-abr. 2017, p. 235-251.

<sup>182</sup> Doutoranda em Ciências Sociais pela UNICAMP, pela área Estudos de Gênero.

<sup>183</sup> D’AGOSTINHO FILHO, NEGRETTI, op. cit., p. 245.

<sup>184</sup> Site de notícias independente, fundado em 2015 por três jornalistas com recursos próprios, que tem como objetivo fazer jornalismo de explicação e, além de noticiar os fatos, explica, interpreta e aprofunda o que é noticiado.

<sup>185</sup> LIMA, Juliana Domingos. Qual a importância de “Úrsula”, obra do Romantismo de que pouca gente ouviu falar. *Nexo*. São Paulo, 15 jun. 2017. Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis/>>. Acesso em: 9 abr. 2021.



Figura 21 - Representação de Firmina publicada no jornal *Nexo* (15/06/2017) – reprodução de desenho da artista Gabriela Pires, presente no livro “Heroínas negras brasileiras”, de Jarid Arraes.<sup>186</sup>

Conforme os créditos fornecidos na matéria, a imagem utilizada pelo jornal *Nexo* reproduz uma criação da artista paulistana Gabriela Pires para o livro “Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis”, da escritora cearense Jarid Arraes (1991), publicado em 2017 pela editora Pólen Livros. Arraes afirma que solicitou à ilustradora que fizesse “uma Maria Firmina dos Reis que, agora sim, estaria mais próxima de suas origens negras”. Mas usaria como base a “foto de um busto que foi feito em sua homenagem e teve como base os depoimentos de pessoas que foram próximas à escritora”<sup>187</sup>.

A representação remete à técnica da litografia, ou litogravura, e é evidente sua inspiração na imagem do busto, à qual foram acrescentados elementos da ancestralidade africana, como o nariz mais largo. A ilustradora paulistana também inseriu na sua representação de Firmina rugas de expressão, que lhe acrescentam idade, um elemento que não está presente no busto.

<sup>186</sup> Fonte: LIMA, Juliana Domingos. Qual a importância de “Úrsula”, obra do Romantismo de que pouca gente ouviu falar. *Nexo*. São Paulo, 15 jun. 2017. Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis/>>. Acesso em: 9 abril 2021.

<sup>187</sup> ARRAES, Jarid. O verdadeiro rosto de Maria Firmina dos Reis. **Jarid Arraes**, 12 maio 2018. Disponível em: <<http://jaridarraes.com/o-verdadeiro-rosto-de-maria-firmina-dos-reis/>>. Acesso em 10 abril 2022.

Na figura 21 sua imagem ainda vem acompanhada dos objetos mais característicos do imaginário firminiano: os livros. Imediatamente atrás dela, vê-se posta em posição majestosa a capa de uma edição de “Úrsula”, amparada por uma pilha com cinco livros, dos quais o observador só vê a parte contrária às lombadas, o que o impede de conhecer os títulos.

Para fins de comparação, aqui se colocam lado a lado a fotografia do busto (ver capítulo II, figura 11) e novamente o desenho da artista Gabriela Pires (figura 21). Vê-se que a encomenda de Arraes foi de fato atendida e a artista produziu um desenho com base na foto do busto, inaugurado em 1975, mas que concomitantemente reaproxima Maria Firmina de sua ancestralidade negra.

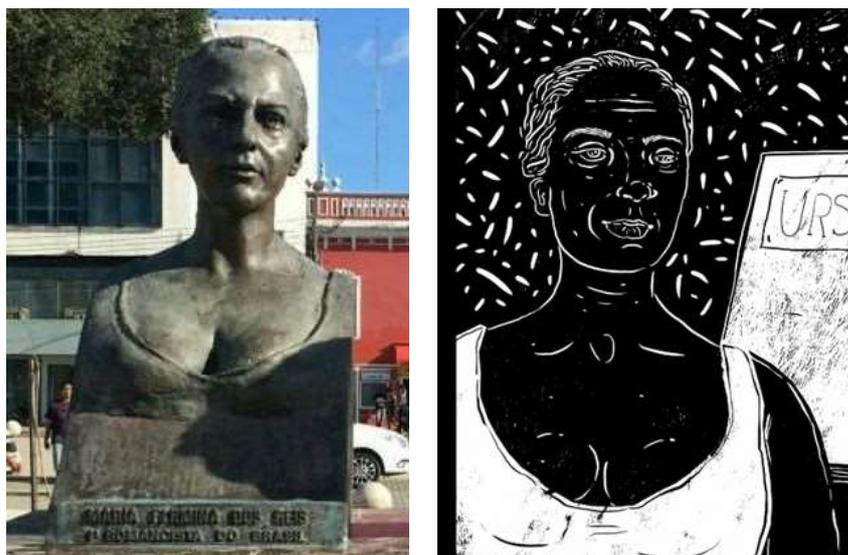


Figura 22 - Para comparação, busto de Maria Firmina dos Reis criado pelo escultor maranhense Flory Gama (1975)<sup>188</sup> e fragmento do desenho de Maria Firmina dos Reis criado pela artista Gabriela Pires (2017)<sup>189</sup>, com base no busto, para o livro “Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis”, de Jarid Arraes.

A figura 23 compõe a narrativa de uma matéria sobre a autora publicada no periódico de notícias digital e radioagência *Brasil de Fato*, sob o título “Conheça Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista negra do Brasil”, em 3 de novembro de 2017<sup>190</sup>.

<sup>188</sup> Foto: Ramses Santos / Fonte: WIKIMEDIA COMMONS. Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Maria\\_firmina.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Maria_firmina.jpg)>.

<sup>189</sup> Fonte: LIMA, Juliana Domingos. Qual a importância de “Úrsula”, obra do Romantismo de que pouca gente ouviu falar. *Nexo*. São Paulo, 15 jun. 2017. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis/>>. Acesso em: 9 abril 2021.

<sup>190</sup> ODARA, Norma. Conheça Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista negra do Brasil. *Brasil de Fato*. São Paulo, 3 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/11/03/conheca-maria-firmina-dos-reis-a-primeira-romancista-negra-do-brasil>>. Acesso em: 9 abr. 2021.

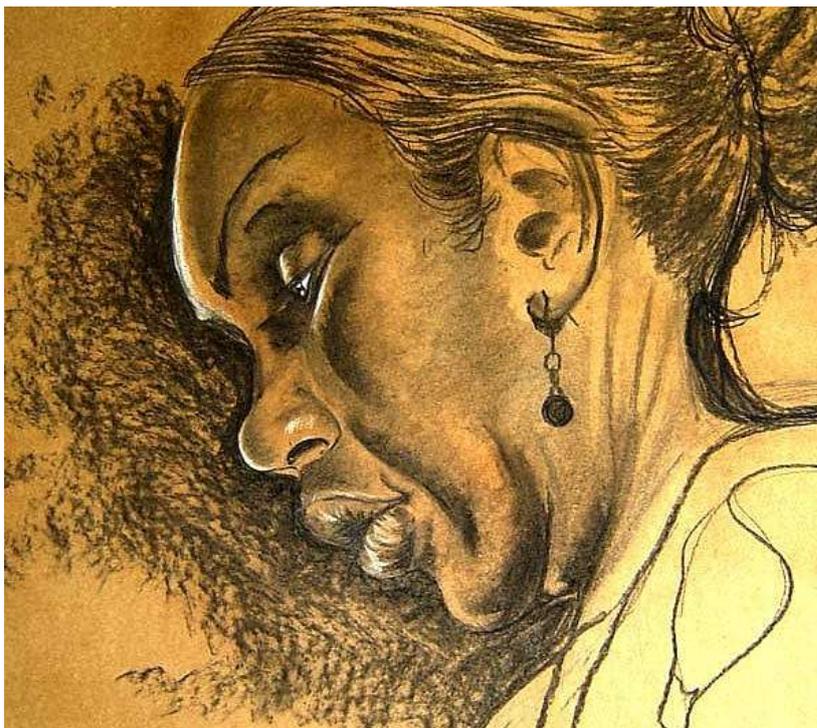


Figura 23 - Imagem publicada na matéria do jornal *Brasil de Fato* (03/11/2017) “Conheça Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista negra do Brasil”.<sup>191</sup>

A matéria aborda o engano que se verifica em relação à representação imagética de Maria Firmina dos Reis quando se faz uma busca na internet pelo nome da escritora (ver capítulo III, item 3.1). Em seguida, o texto apresenta um resumo da vida e da obra de Firmina, utilizando a figura exibida anteriormente para compor imageticamente sua narrativa.

Trata-se do desenho de uma mulher negra de perfil, com rosto e olhar voltados para baixo. Há uma atmosfera reflexiva, como quem está em diálogo com sua memória, acessando por meio dela algum passado que possa ser representado no presente. Observa-se nela elementos de negritude mais acentuados e percebe-se tratar-se de uma mulher madura, entre 50 e 60 anos. Ela usa brinco com pingente pendurado e cabelo preso na altura do pescoço. Essa imagem é uma reprodução do desenho do artista Jonilson Bruzaca, concebido por ocasião de outra efeméride firminiana, os 190 anos de nascimento da escritora, celebrados em 2015<sup>192</sup>.

O texto, assinado pela jornalista paulista Norma Odara Fernandes da Silva, acompanha o subtítulo “Maranhense também compôs o Hino de Libertação dos Escravos e foi primeira

<sup>191</sup> Fonte: ODARA, Norma. Conheça Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista negra do Brasil. **Brasil de Fato**. São Paulo, 3 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/11/03/conheca-maria-firmina-dos-reis-a-primeira-romancista-negra-do-brasil>>. Acesso em: 9 abr. 2021.

<sup>192</sup> No caso, quando se assumia 1825 como ano de nascimento da escritora, antes da correção da data, ocorrida em 2017.

mulher a passar em um concurso público” e resume a reportagem original em áudio produzida pela radioagência *Brasil de Fato*, disponibilizada na mesma página para o leitor ouvir<sup>193</sup>.

O jornal *O Imparcial*<sup>194</sup>, de São Luís (MA), escolheu a foto reproduzida na figura 24 para construção da matéria “Maria Firmina: uma maranhense para se orgulhar”, assinada pelo jornalista maranhense Samartony Martins. Publicada em 10 de novembro de 2017, véspera do seu centenário de morte, apresenta a efeméride ao leitor no subtítulo: “A primeira escritora negra do Brasil e primeira autora de romance abolicionista em toda a língua portuguesa é maranhense e, neste ano, completa cem anos de falecimento”.



Figura 24 - Intervenção de Marlene Barros sobre Maria Firmina dos Reis chama atenção para o protagonismo feminino.<sup>195</sup>

A matéria reporta que Maria Firmina era na ocasião homenageada em sua cidade natal como patrona da 11ª edição da Feira do Livro de São Luís (FeliS). Naquele novembro de 2017, a artista plástica Marlene Barros foi convidada pelo SESC, via projeto Aldeia Sesc Guajajaras

<sup>193</sup> ODARA, Norma. Conheça Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista negra do Brasil. **Brasil de Fato**. São Paulo, 3 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/11/03/conheca-maria-firmina-dos-reis-a-primeira-romancista-negra-do-brasil>>. Acesso em: 9 abril 2021.

<sup>194</sup> Fundado em 1926 pelo empresário João Pires Ferreira com o intuito de ser um jornal sem comando político-partidário, *O Imparcial* é hoje um dos principais jornais de São Luís (MA), concorrente do jornal *O Estado do Maranhão*, pertencente à família Sarney.

<sup>195</sup> Foto: Honório Moreira / Fonte: MARTINS, Samartony. Maria Firmina: uma maranhense para se orgulhar. **O Imparcial**. São Luís, 10 nov. 2017. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/noticias/2017/11/maria-firmina-uma-maranhense-para-se-orgulhar>>. Acesso em: 9 abril 2021.

de Artes<sup>196</sup>, para participar e realizou uma intervenção na Praça do Pantheon, reproduzindo em gesso 14 bustos de Maria Firmina, réplicas da escultura de Flory Gama, porém com peso de apenas 14 quilos cada e na cor dourada. Ficaram em exposição por 24 horas, seguindo depois para decorar a FeliS, que ocorreu de 10 a 19 de novembro de 2017, ali mesmo no centro histórico da cidade.

Na reportagem não é perguntado à artista plástica por que ela optou por realizar sua intervenção reproduzindo 14 cópias justamente de uma representação que propõe Maria Firmina embranquecida; de uma representação que empresta à imagem da escritora certo ar aristocrático (ver capítulo II, item 2.2). Apesar de não explicitar a intenção da artista, há na legenda da foto informações que podem servir de pista: “Intervenção de Marlene Barros sobre Maria Firmina dos Reis chama atenção para o protagonismo feminino.”

A legenda, complementando a narrativa imagética, possivelmente aponta na direção de uma reflexão sobre questões de gênero. Tenha a artista deixado de lado o debate interseccional de raça e etnia nas representações de Maria Firmina por desconhecê-lo, por ter se esquecido dele ou ainda por ter escolhido deixá-lo para outro espaço, é muito provável que sua intenção principal fosse provocar uma reflexão focada na questão do protagonismo das mulheres. Na ocasião da matéria, a artista plástica declarou que sua instalação com 14 réplicas era também “um protesto pela volta dos bustos para a praça, onde é o verdadeiro local deles”, referindo-se ao fato de naquela ocasião os bustos da Praça do Pantheon ainda estarem no Museu Histórico e Artístico do Maranhão<sup>197</sup>. Eles voltaram para o centro histórico em dezembro de 2018.

No mesmo dia 10 de novembro de 2017, era publicada no site da *Revista Cult*<sup>198</sup> matéria intitulada “Quem foi Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista brasileira”, assinada por Helô D’Ângelo<sup>199</sup>. Com a legenda “Esquecida por décadas, obra de Maria Firmina só foi recuperada em 1962 pelo historiador paraibano Horácio de Almeida”, a

---

<sup>196</sup> Projeto maranhense que, de acordo com o jornal, busca valorizar a multiplicidade cultural e estimular a produção artística local.

<sup>197</sup> Os bustos ficaram em restauro no Museu Histórico e Artístico do Maranhão de 2007 até 2018, quando voltaram para a Praça do Pantheon.

<sup>198</sup> Revista mensal voltada às artes, cultura, filosofia, literatura e ciências humanas, mantém também um site com conteúdos exclusivos para assinantes da revista e outros abertos a todo o público, como é o caso da matéria citada. A editora Bregantini adquiriu a *Cult* em 2002, comprando-a da Lemos Editorial, que a havia lançado em 1997, transformando-a de publicação focada em música para uma publicação voltada ao universo da cultura, de forma mais ampla.

<sup>199</sup> D’ANGELO, Helô. Quem foi Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista brasileira. **Revista Cult**. São Paulo, 10 nov. 2017. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis>>. Acesso em 9 abril 2021.

imagem utilizada pela revista (reproduzida na figura 25) é uma colagem produzida a partir de três elementos originais.



Figura 25 - Arte publicada pelo site da revista *Cult* com a legenda “Esquecida por décadas, obra de Maria Firmina só foi recuperada em 1962 pelo historiador paraibano Horácio de Almeida (Arte Revista CULT)”.<sup>200</sup>

O primeiro elemento, o quadro utilizado ao fundo, é a tela “A Semeadura”, do pintor paulista Clovis Graciano (figura 26).



Figura 26 - Reprodução do quadro A Semeadura, de Clóvis Graciano (1907-1988).<sup>201</sup>

<sup>200</sup> Fonte: D'ANGELO, Helô. Quem foi Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista brasileira. *Revista Cult*, São Paulo, 10 nov. 2017. Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis>>. Acesso em 9, abril, 2021.

<sup>201</sup> Fonte: POESIA.NET. Disponível em: <<http://www.algumapoesia.com.br/poesia3/poesianet321.htm>>.

Utilizada como plano de fundo na montagem, a tela “A Semeadura” familiariza quem observa a colagem com a questão do trabalho na terra, que na composição proposta pode representar a temática do trabalho não remunerado, do trabalho escravizado, portanto, da privação da liberdade, que é debatida no livro “Úrsula” (figura 27), outro elemento que compõe a imagem a ser analisado aqui.



Figura 27 - Capa da 1ª edição de “Úrsula” (1859/1860).<sup>202</sup>

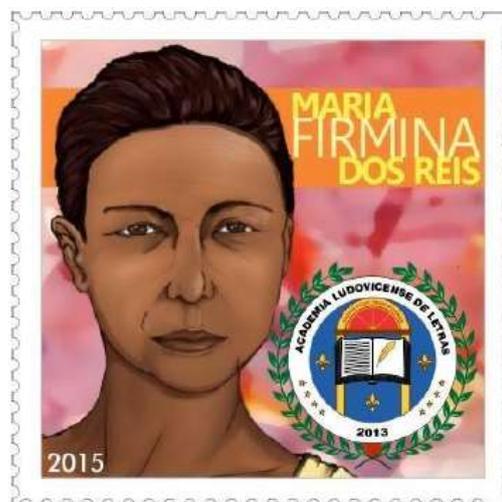


Figura 28 - Selo criado pela Academia Ludovicense de Letras (São Luís - MA) em homenagem aos 190 anos do nascimento de Maria Firmina dos Reis.<sup>203</sup>

<sup>202</sup> Fonte: DIOGO, Luciana Martins. Resenha. **Memorial de Maria Firmina dos Reis**. 15 jun. 2018. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/album/>>. Acesso em: 1º mar. 2022.

<sup>203</sup> Fonte: FENSKE, Elfi Kürten (Pesquisa, seleção, edição e organização). Maria Firmina dos Reis - fragmentos de uma vida. **Templo Cultural Delfos**. jan. 2023. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/search?q=maria+firmina>>.

Trata-se da edição de 1859/1860, que ainda não era assinada com o nome de Firmina, apenas usando o pseudônimo “Uma Maranhense”.

Ao centro da imagem foi utilizada uma representação da autora de 2015, criada originalmente pela Academia Ludovicense de Letras (ALL), em formato de selo comemorativo, para homenageá-la pelos 190 anos de seu nascimento (figura 28). No selo proposto pela ALL, vê-se nitidamente o escurecimento no tom de pele da representada, porém nenhum outro elemento que faça referência à sua negritude é evidenciado. Pelo contrário, percebe-se explicitamente nariz e boca finos, além de cabelo castanho, que, apesar de estar preso, mostra-se levemente ondulado.

Poucos meses antes, no dia 6 de julho de 2017, o veículo digital *Catraca Livre*<sup>204</sup> publicou matéria com informações biográficas sobre mulheres que, cada uma a seu modo, resistiram, questionaram e confrontaram o sistema escravocrata. Sob o título “17 mulheres negras brasileiras que lutaram contra a escravidão”<sup>205</sup>, Maria Firmina aparece ao lado de Aqualtune, Teresa de Benguela, Luiza Mahin, Maria Felipa de Oliveira e Dandara dos Palmares, entre outras mulheres negras cujos nomes chegaram até o presente. Essa matéria foi objeto de análise em um artigo de Rafael Balseiro Zin, publicado em 2018, sobre representações imagéticas da autora. Nele, o pesquisador reproduz imagem (figura 29) que fora utilizada pelo veículo, em 2017, para representar Maria Firmina. Zin informa no artigo que acessou a reportagem para análise no dia 30 de outubro de 2017.

---

<sup>204</sup> A *Catraca Livre* foi desenvolvida em julho de 2009 por estudantes universitários da USP, PUC, FAAP, Mackenzie e Metodista. Idealizada pelo jornalista e escritor Gilberto Dimenstein (1956-2020), a plataforma surgiu da necessidade de centralizar, de modo acessível, notícias sobre atividades gratuitas na cena cultural de São Paulo, começando com foco nas atividades do centro paulistano. Aos poucos expandiu horizontes e atualmente a *Catraca Livre* mantém seu foco especial em cultura, passando por temas de saúde e mobilidade, educação e lazer, em São Paulo e também no Rio de Janeiro. CATRACA LIVRE. Quem somos. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 23 abril 2022.

<sup>205</sup> CATRACA LIVRE. **17 mulheres negras brasileiras que lutaram contra a escravidão**. 6 jul. 2017. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/17-mulheres-negras-brasileiras-que-lutaram-contra-escravidao/>>. Acesso em: 12 out. 2021.



Figura 29 - Imagem publicada pelo site *Catraca Livre* (06/07/2017).<sup>206</sup>

A imagem, de traços realistas, apresenta uma mulher negra de perfil, seu rosto e seu olhar se direcionam para baixo; seu cabelo está coberto com um turbante, elemento que, no Brasil, é ligado às “mulheres escravizadas, negras de ganho e às religiões de matrizes africanas”<sup>207</sup>. Complementa a imagem uma tarja opaca sobre a qual lê-se “Maria Firmina dos Reis – escritora abolicionista”, construindo uma narrativa confusa, pontuada no artigo, que “acaba reforçando os estigmas da escravização, experiência pela qual Firmina não passou, ao menos de modo direto”<sup>208</sup>.

Está indicado na matéria, publicada em 6 de julho de 2017, que foi realizada atualização em 20 de agosto de 2018, poucos meses depois de publicado o artigo aqui mencionado. Não é apontada qual foi a atualização, mas pode-se observar que a narrativa não apresenta mais a imagem que continha na altura em que o artigo foi produzido. Ao que tudo indica, a atualização realizada na matéria foi a exclusão da imagem.

Apesar de essa imagem não estar mais disponível na matéria da *Catraca Livre*, não muda o fato de, no período em que esteve no ar, terem construído a narrativa imagética

<sup>206</sup> Fonte: ZIN, Rafael Balseiro. A dissonante representação imagética de Maria Firmina dos Reis: da simples renúncia às formas encontradas para se desfazer os equívocos. *Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador, jan.-jul. 2018.

<sup>207</sup> SILVA, Rosyane Maria da. **Iqhiya**: Um olhar sobre o significado e a simbologia do uso de Turbantes por mulheres negras. São Paulo, 2017, p. 8.

<sup>208</sup> ZIN, op. cit., p. 251.

representando a memória de Maria Firmina com os qualificativos que a crítica literária costuma usar para referenciá-la: escritora e abolicionista.

Além disso, há semelhanças entre essa figura 29 e a 23, similaridades nas maneiras da representada em uma figura e na outra, como se houvesse relação entre as artes, o que pode sugerir um processo de apropriação de signos e de elementos da primeira na criação da segunda. A seguir, uma ao lado da outra, para comparação.

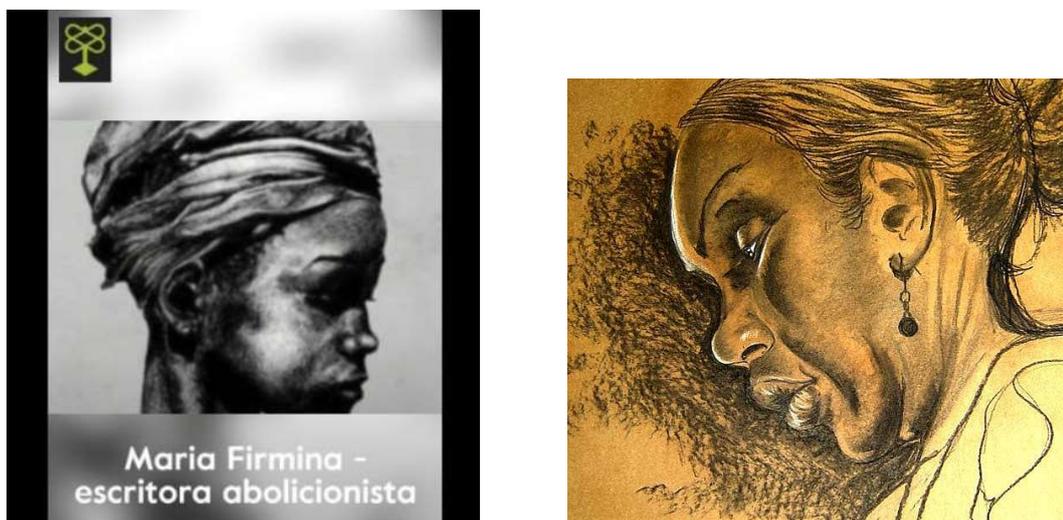


Figura 30 - Imagens publicadas pela *Catraca Livre*<sup>209</sup> e pelo *Brasil de Fato*<sup>210</sup>.

Ambas têm o rosto e o olhar voltados para baixo, reflexivas, talvez em diálogo com as próprias lembranças, ou buscando evocar memórias, ou ainda escapar de lembranças que as invadem contra sua vontade. Somente um elemento separa uma da outra: o tempo vivido. As marcas do tempo no rosto da representação à direita, mais maduro, aparecem de maneira mais profunda. Na representação à esquerda, mais jovem, o tempo ainda parece não ter atuado. No entanto, ambas partilham da mesma intensidade meditativa.

Até aqui, as fontes analisadas – todas elas imagens produzidas ou publicizadas em 2017 – permitem observar que os artistas fizeram uso de sua liberdade criativa, predominantemente, com a intenção de destacar e reforçar os traços da negritude na fisionomia de Maria Firmina dos Reis. Outro ponto de observação é que algumas das imagens tomam como referência a representação do busto de autoria de Flory Gama, realizando a partir dele, ou

<sup>209</sup> Fonte: ZIN, Rafael Balseiro. A dissonante representação imagética de Maria Firmina dos Reis: da simples renúncia às formas encontradas para se desfazer os equívocos. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador, jan.-jul. 2018.

<sup>210</sup> Fonte: ODARA, Norma. Conheça Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista negra do Brasil. **Brasil de Fato**. São Paulo, 3 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/11/03/conheca-maria-firmina-dos-reis-a-primeira-romancista-negra-do-brasil>>. Acesso em: 9 abr. 2021.

mesmo sobre sua reprodução, um tratamento estético que busca devolver a ancestralidade negra a Firmina, como resposta ao embranquecimento que se tentou impor à escritora na retomada de sua obra, em 1975.

Na contramão dessas fontes, foi publicada no site *PublishNews*<sup>211</sup> uma representação que relaciona Maria Firmina dos Reis à imagem da escritora Maria Benedita Câmara Bormann, também chamada Délia – ver capítulo III, item 3.1, figura 18. Trata-se do mesmo desenho em bico de pena de Délia impresso no livro “Mulheres ilustres do Brazil” (de Ignez Sabino, 1899), reeditado em 1996, em fac-símile.

A intenção da matéria era divulgar que, em função da efeméride, o Centro de Pesquisa e Formação do Sesc realizava, então, um seminário pelas “contribuições de Firmina para as Letras nacionais; para a luta antiescravista travada por ela através de sua literatura”.

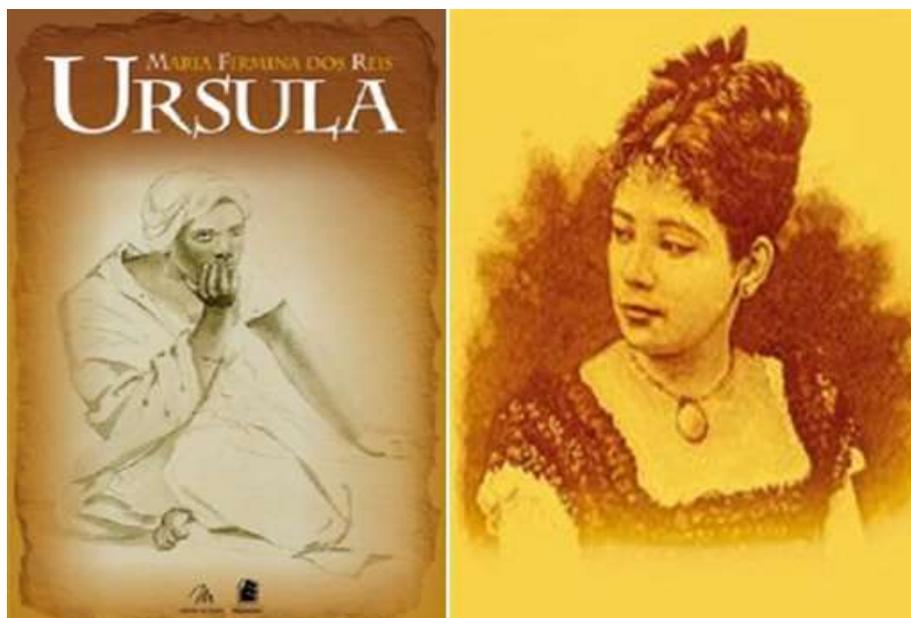


Figura 31 - Reprodução do site *PublishNews*.<sup>212</sup>

No mesmo dia em que foi ao ar a nota, um leitor publicou no campo do site reservado a comentários um aviso de que a foto não era de Firmina. O leitor Gabriel Silveira escreveu: “Essa imagem não é da Maria Firmina, é na verdade da Maria Benedita Bormann, um erro comum já que não existem fotos ou ilustrações conhecidas de Maria Firmina”.

<sup>211</sup> PublishNews (2001) é hoje o maior veículo especializado em notícias para o mercado editorial e livreiro.

<sup>212</sup> Fonte: PUBLISHNEWS. **Sesc homenageia Maria Firmina dos Reis**. São Paulo, 8 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/materias/2017/11/08/sesc-homenageia-maria-firmina-dos-reis>>. Acesso em: 9 abril 2021.

Apesar da contribuição, o site não corrigiu a informação nem removeu a imagem, contribuindo para a manutenção desse engano que perpetua a desinformação sobre a memória de Firmina e reforça as controvérsias que envolvem a imagem de Maria Benedita e a identidade da maranhense.

No item a seguir são analisadas representações da autora produzidas por ocasião de homenagens realizadas em 2020 e 2022.

### 3.3 Representações e recordação

Em 2020, por ocasião dos 103 anos da morte de Maria Firmina dos Reis, a cidade de Guimarães decidiu homenageá-la inaugurando, no dia em que faleceu, 11 de novembro, uma estátua representando a escritora e professora. Localizado na Praça Luís Domingues, principal praça da cidade, o monumento fica a poucos metros das casas onde ela morou e lecionou.



Figura 32 - Estátua localizada na Praça Luís Domingues, em Guimarães.<sup>213</sup>

---

<sup>213</sup> Fonte: BLOG VIMARENSE. Guimarães inaugura monumento a Maria Firmina dos Reis. 11 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.vimarense.com.br/single-post/guimar%C3%A3es-inaugura-monumento-a-maria-firmina-dos-reis>>.

Medindo 1,90 metro sobre um pedestal de 2 metros, a estátua é uma obra do escultor Sereno. Nela, Firmina está representada usando um vestido que se parece com um *peplos*, túnica grega utilizada pelas mulheres. Com um livro aberto em punho, a escritora poderia estar oferecendo sua leitura ao alto – aos céus, ou aos deuses. Atrás de si pode-se ver uma pilha de livros e em frente, aos seus pés, outro livro aberto. Se pretendessem relacionar Firmina a uma deusa da mitologia grega, poderia ser Héstia, deusa sagrada do fogo, protetora do lar, da família e da cidade. Apesar de divina, foi uma mulher simples, doce e gentil, que não quis se casar ou se envolver romanticamente com homens.

A placa que acompanha o monumento leva a inscrição “À Maria Firmina dos Reis – Professora, Abolicionista, Fundadora da primeira Escola Mista do Maranhão e Primeira Romancista Brasileira. Homenagem do Povo de Guimarães. 11 de novembro de 2020”.<sup>214</sup>

Também em 2020, mas nesse caso para celebrar os 198 anos do nascimento de Maria Firmina dos Reis, o artista gráfico maranhense Waldeilson Paixão produziu um desenho da escritora que, acompanhado por um texto e uma carta dedicada a ela, foi publicado em março de 2020 na seção “Sarau” da revista eletrônica *Firminas*. Nela, o artista publicou também um vídeo contendo o processo de criação do desenho.

---

<sup>214</sup> GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022, p. 315.



Figura 33 - Representação de Maria Firmina dos Reis produzida em 2020 pelo designer gráfico Wal Paixão.<sup>215</sup>

O desenho criado por Wal Paixão representa, junto de Maria Firmina, muitos elementos presentes em suas obras e sua biografia. Pode-se identificar o sol da baía de Cumã, os pássaros, o barco e as flores, aos quais a escritora se referia em seus poemas e em seu álbum íntimo. Vê-se ainda a casa onde viveu em Guimarães parte dos anos e a pena com a qual devia escrever linha por linha suas obras. A representação da escritora declaradamente dialoga com o retrato falado transcrito por Nascimento Morais Filho no registro biográfico de 1975.

Publicado na seção “Sarau” do número 1 da revista *Firminas* sob o título “Maria Firmina dos Reis ganha um novo rosto em seu aniversário de 198 anos”, o desenho é acompanhado de uma explicação do seu autor sobre a maranhense e sobre a dinâmica de sua criação e as oportunidades de troca que ela proporcionou.

Então qual seria a imagem de Maria Firmina dos Reis? Bem, o que se sabe “até o momento” é que não há nenhum registro fotográfico, escultórico, desenho ou gravura que tenha sido encontrado

<sup>215</sup> Fonte: DIOGO, Luciana. Maria Firmina dos Reis ganha um novo rosto em seu aniversário de 198 anos – por Wal Paixão. Memorial de Maria Firmina dos Reis. s/d. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/no-aniversario-de-maria-firmina-ela-ganha-um-novo-rostho-por-wal-paixao/>>.

originalmente dela. O que se tem são tentativas, umas fundamentadas, outras aleatórias, outras de natureza quaisquer. Achei isso intrigante e ao mesmo tempo desafiador para um artista. Alguns meses atrás dei início aos primeiros desenhos, guiado pela imaginação em paralelo com algumas leituras sobre o tema. Mais adiante me deparei com uma breve descrição, presente no livro *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*, do curioso Nascimento de Moraes Filho [...] Outra fonte de grande aprendizado foi (e continua sendo) a página [www.memorialmariafirmina.org](http://www.memorialmariafirmina.org), idealizada e editada pela pesquisadora no assunto Luciana Diogo. Fiz contato com ela e nossas conversas mudaram algumas coisas no desenho, sobretudo quando a Luciana me chamou atenção para o seguinte detalhe, também no livro de Nascimento: “Maria Firmina vestia-se com roupas escuras. Usava chale preto colorido”. Eu já tinha desenhado Firmina com outra roupa da época; tive que refazer o desenho [...].<sup>216</sup>

Para realizar a tarefa de propor uma fisionomia para a maranhense, o autor se inspirou em documentos e no diálogo com uma pesquisadora que tem Maria Firmina como sujeito histórico de seus estudos, em um movimento dialógico de memórias individuais, históricas e coletivas que vão alimentando o que ele chama de “imaginação”, e que se materializa ao fim de seu processo de criação no desenho reproduzido aqui na figura 33, a representação de Maria Firmina de sua autoria, publicada originalmente em 11 de março de 2020 como homenagem aos 198 anos do nascimento da escritora.<sup>217</sup>

Nesse caso, a experiência de feitura da representação imagética – que costuma ser uma experiência individual, pessoal e exclusiva, restrita ao sujeito produtor da construção da imagem – é partilhada pelo próprio autor com quem deseja acompanhá-la, pois a criação artística foi registrada, etapa por etapa, depois editada, transformada em um filme curto e disponibilizada via YouTube<sup>218</sup>, em um link compartilhado na matéria da revista *Firminas*. Aqui, na figura 34, observamos as fotos presentes nesse filme, nas quais é possível visualizar as etapas de criação da representação imagética feita por Wal Paixão.

<sup>216</sup> FIRMINAS. Pensamento, estética e escrita. São Paulo, v. 1, n. 1, jan.-jul. 2021, p. 324.

<sup>217</sup> MEMORIAL DE MARIA FIRMINA DOS REIS. Categoria: Firmina Imaginada. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/categoria/imagens/firmina-imaginada/>>. Acesso em: 30 jun. 2022.

<sup>218</sup> MEMORIAL MARIA FIRMINA DOS REIS. #1- Evolução do desenho de Maria Firmina | por Wal Paixão. YouTube, 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yphuScko6KQ>>. Acesso em: 30 jun. 2022.



Figura 34 - Processo de criação da imagem de Maria Firmina dos Reis, registrado pelo autor, o artista gráfico maranhense Wal Paixão.<sup>219</sup>

Ao documentar sua criação por meio de uma série de fotografias, pode-se observar todo o processo criativo do autor, somado ao seu depoimento escrito, em que narra as etapas de desenvolvimento do desenho, confidencia que a princípio deixou-se guiar pela imaginação partindo de algumas leituras e, depois, tomou conhecimento da descrição física que consta na biografia escrita por Moraes Filho. O artista ainda registra a importância do diálogo que travou

<sup>219</sup> Fonte: FIRMINAS. Pensamento, estética e escrita. São Paulo, v. 1, n. 1, jan.-jul. 2021.

com a pesquisadora firminiana Luciana Diogo, criadora e curadora do site *Memorial de Maria Firmina*, para a feitura de sua proposta para uma fisionomia de Maria Firmina dos Reis.

Para criar sua representação da escritora, ele recorreu à memória histórica da biografia, às memórias coletivas a que teve acesso pela interlocução com a pesquisadora Luciana Diogo, em diálogo com suas memórias pessoais. E, no processo de produção, manteve o registro de suas escolhas e de suas renúncias, optando, ao final, por compartilhar tais registros. O observador interessado pode apreender o amadurecimento da criação entre uma figura e outra: a proporção da cabeça em relação ao ombro e às mãos; o livro, que era um elemento pequeno sobre a cabeça de Firmina (figura 34-C) e foi ampliado, transformando-se em elemento principal no plano de fundo do quadro (figura 34-D).

Outro elemento perceptível na análise das figuras é a escolha do artista, a princípio, por uma representação de Firmina mais jovem (figura 34-A, 34-B e 34-C)), que parece ganhar anos de vida conforme o desenho vai amadurecendo (figuras 34-D em diante), ao mesmo tempo que ganha novos elementos (a casa, o barco, as flores) e adquire um ar de nobreza. Nessa representação, percebe-se a intenção do autor de devolver a Firmina sua ancestralidade negra e a autoria da primeira edição de “Úrsula”, que, quando publicada em 1859/1860, levava como assinatura apenas o pseudônimo “Uma Maranhense”. Na representação, pode-se ler: “Maria Firmina dos Reis – Uma Maranhense”.

No mesmo artigo da revista *Firminas*, depois de refletir sobre a maranhense, debater a dinâmica de sua criação e apresentar sua homenagem, o desenho com a representação da escritora, Paixão escreve uma carta para Maria Firmina. Dela foram retirados dois trechos para reflexão sobre seu diálogo imaginário com a destinatária, a começar por este:

Descobri ainda que você escrevia sobre a praia de Cumã e navegava ligeira por águas inquietas em busca daqueles olhos, olhos de certo volver, que neles querias viver e que te geravam alegria. Que olhos são esses, Fir-mi-na? Rum..! Não descobri, mas deixei teu sorriso registrado no desenho por tais olhos, pelo meu olhar. E esse olhar estava curioso e inquieto; queria mais.<sup>220</sup>

---

<sup>220</sup> FIRMINAS. Pensamento, estética e escrita. São Paulo, v. 1, n. 1, jan.-jul. 2021, p. 327.

Nesse trecho, quando evoca os “olhos de certo volver”, o artista está dialogando com o poema de Firmina “Uns olhos”, cuja primeira estrofe diz “Vi uns olhos... que olhos tão belos! / Esses olhos têm certo volver, /que me obrigam a profundo cismar, /que despertam-me um vago querer”<sup>221</sup>. Esse poema faz parte do livro “Cantos à beira-mar”. É nas memórias relacionadas à obra poética da maranhense que o desenhista encontra o pretexto para se apresentar à destinatária.

Em um segundo trecho, Wal Paixão encontra afinidades entre Firmina e sua família, criando, por meio da memória de um ancestral seu, aproximação e laços de afinidade com a professora em sua missiva:

Mas vem aqui, soube que criastes uma Nova Escola mista que fechou e depois seguiu no barracão de Mondego, em Maçaricó. É certo isso? Ali é a terra de meu pai! Eu nunca vou esquecer essa pequena ligação vimarense que nós temos.<sup>222</sup>

Ao estabelecer que seu pai e a escritora Maria Firmina dos Reis tiveram experiências de vida em um mesmo local – o povoado de Maçaricó, em Guimarães –, cada um em sua época histórica, Wal Paixão articula memórias. Ele identifica uma dimensão pessoal que o leva a se abrir em direção ao passado de Firmina na escola mista de Maçaricó e também ao passado de sua ancestralidade, onde nasceu o seu pai.

Em 2022, mais especificamente no mês de março, quando foi celebrado o bicentenário do nascimento da escritora, foi lançada em São Luís uma nova biografia de Maria Firmina dos Reis, com documentos ainda desconhecidos na historiografia, registros de alguns ancestrais e sua árvore genealógica, desde a avó escravizada (e posteriormente alforriada) até a quinta geração familiar. Como imagem de capa, utiliza-se o desenho de autoria do artista gráfico Wal Paixão.

---

<sup>221</sup> REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. Série Prazer de Ler, n. 11. Brasília: Edições Câmara, 2018, p. 299. *E-book*.

<sup>222</sup> Denominação dada aos nascidos em Guimarães (MA). Maria Firmina dos Reis era natural de São Luís (MA), mas é considerada pelos moradores de Guimarães uma vimarense, porque passou a maior parte de sua vida lá, onde morreu em 1917.



Figura 35 - Capa da nova biografia de Firmina.<sup>223</sup>

Foi destacada a parte central do desenho produzido pelo artista e eliminados os elementos ao redor da imagem que representa Maria Firmina, dando ênfase àquele que seria o rosto da escritora, segundo a interpretação do autor, com seu xale preto, “cabelo crespo, grisalho, fino, curto, amarrado na altura da nuca; olhos castanho-escuros; nariz curto e grosso; lábios finos; [...] morena”<sup>224</sup>, conforme o retrato falado.

Em outubro de 2022, foi publicada a primeira edição de “Úrsula” em língua inglesa.

<sup>223</sup> Fonte: Arquivo pessoal.

<sup>224</sup> MORAIS FILHO, J. N. **Maria Firmina**: fragmentos de uma vida. São Luís: Imprensa do Governo do Maranhão, 1975, p. 142.

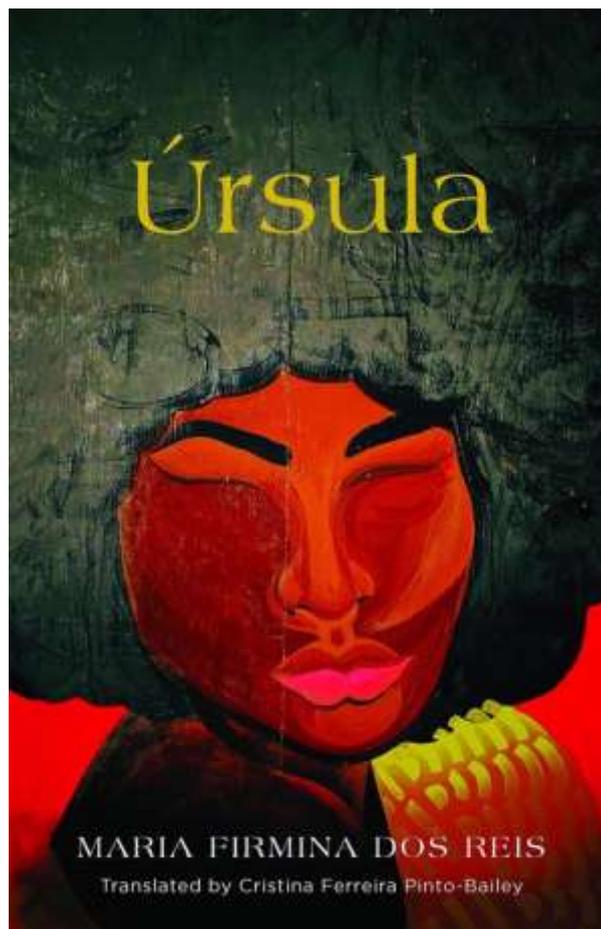


Figura 36 - Capa da edição em inglês de “Úrsula”.<sup>225</sup>

Com tradução de Cristina Ferreira Pinto-Bailey, professora de espanhol e português na Washington and Lee University, Ph.D. em literaturas latino-americanas, o livro foi editado pela Tagus Press, ligada à University of Massachusetts Dartmouth Center for Portuguese Studies. A capa da edição traz o rosto de uma charmosa mulher negra com cabelos em penteado *black power*, ela parece estar fazendo uma pose com o rosto em direção ao seu ombro direito, tem lábios carnudos. A representação denota movimento e, um pouco à sua frente, entre o amarelo e o dourado, surge um elemento que parece ser um microfone, transformando a mulher em uma cantora, provavelmente norte-americana, dos anos 1960 ou 1970, como Gloria Gaynor ou Diana Ross. O sentido produzido pela imagem da capa gera um forte contraste com a opressão enfrentada pelos personagens negros de seu enredo.

Na observação das fontes analisadas neste item estão presentes contribuições de um crescente número de pesquisadores negros e negras, de uma geração que teve maior acesso às

<sup>225</sup> Fonte: PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira. “Deixai pois [que] a minha Úrsula caminhe... entre vós”... no exterior... [Entrevista concedida a] Luciana Martins Diogo. **Revista Firminas**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 283-290, jan/jul, 2021.

universidades com a implementação das políticas afirmativas de reparação. São historiadores, sociólogos, antropólogos, advogados, estudiosos e estudiosas que marcam os estudos firminianos com suas experiências de vida, inaugurando um novo momento de análise da vida e obra de Maria Firmina dos Reis.

\*\*\*

Ao analisar as representações de Maria Firmina dos Reis selecionadas como fonte neste capítulo, observa-se a ancestralidade africana da autora presente, no entanto verifica-se uma disputa entre grupos que concebem a escritora e seu mundo social de modos muito diversos: se de um lado passam a representá-la com traços negros, de outro ela ainda é representada de maneira embranquecida, porém em menor frequência. Em algumas situações as imagens embranquecidas e a imagem de Délia voltam a ser utilizadas, para então serem novamente refutadas pelo grupo que defende sua negritude. A memória de sua ancestralidade africana precisa ser permanentemente lembrada.

Por fim, reafirma-se que as imagens selecionadas são algumas entre as muitas que poderiam ter sido escolhidas, e sua seleção se deu em função do potencial de diálogo com a biografia escolhida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho sobre Maria Firmina dos Reis pretendeu identificar as permanências, rupturas, transformações e continuidades no que diz respeito às representações da escritora no processo de construção de suas memórias. Para isso, analisou representações dela produzidas em efemérides entre 1975 e 2022, buscando sempre articulá-las com os conceitos de Liberdade e de Opressão trabalhados pela própria autora em “Úrsula” (1859/1860). Ao fazê-lo, procurou apreender também o que essas representações de Maria Firmina dos Reis oferecem de pistas sobre as práticas políticas, sociais e culturais dos sujeitos que as produziram em um cotidiano atravessado por interesses e estratégias próprios de seu tempo.

Com o objetivo de apresentar o enredo do romance e permitir a compreensão de elementos-chave da trama para acompanhar o desenrolar da pesquisa, o primeiro capítulo concentrou-se em analisar como a própria escritora trabalhou em sua narrativa os temas da liberdade e da opressão em relação aos personagens negros e negras escravizados e às mulheres livres.

Uma substancial contribuição do capítulo se deu na identificação de mãe Susana e pai Antero como guardiões de memórias coletivas de um grupo distante no tempo e no espaço, a África, principalmente Susana, com um emocionado depoimento em que recorda sua captura e o sofrimento vivido na travessia do Atlântico em um navio negreiro. Este trabalho abre espaço para que se aprofunde a observação da temática da memória no romance a partir dessa perspectiva, propiciando que se amplie a abordagem nessa direção.

A análise das fontes produzidas em 1975 revelou narrativas que convergem para o pioneirismo de Maria Firmina dos Reis como romancista brasileira. As memórias da escritora começaram a ser recuperadas nos anos 1970, em um momento em que a historiografia se voltava para a investigação do protagonismo feminino, da história das Mulheres, em que emergiu intensa produção biográfica sobre a vida de grandes mulheres. É provável que isso tenha interferido na opção que se fez na ocasião por se destacar, entre as possíveis características observáveis, seu diferencial como primeira mulher brasileira a escrever um romance. Por outro lado, o busto em sua homenagem pode ser observado como uma tentativa de branqueamento da escritora, em uma ação ativa de apagamento de sua negritude, que caracteriza uma forma de esquecimento mais manifesta, a memória manipulada pelo apagamento de sua negritude.

Esses sujeitos pertencentes aos grupos que produzem as representações de Maria Firmina dos Reis em 1975, quando abordam a obra da escritora, costumam também silenciar sobre as questões da negritude abordadas na sua literatura. O tema antiescravista poucas vezes é mencionado nos documentos de 1975 aqui analisados, seguindo a mesma tendência do que ocorreu em 1860. Àquela altura, ocasião do lançamento do romance, a imprensa se deteve em comentários sobre as competências literárias da autora e não abriu possibilidade para debate das questões propostas no livro – omissão essa que contribuiu para o esquecimento de “Úrsula” ainda no século XIX.

De volta a 1975, ao mesmo tempo que o enredo de “Úrsula” foi pouco mencionado, quando o foi sofreu críticas. Esta pesquisa observou com gravidade o texto assinado por Horácio de Almeida no Prólogo da primeira edição póstuma de “Úrsula”, em fac-símile, que apresenta logo na introdução ao livro informações incorretas sobre a trama.

Já na ocasião em que foi lançada a segunda edição de “Úrsula”, uma ruptura pôde ser notada nas representações da autora. Esse lançamento se deu em 1988, momento em que a sociedade brasileira vivia o marco dos cem anos da Abolição da escravidão. As comemorações pelo centenário tiveram importância para o campo dos estudos da escravidão, permitindo questionamentos sobre a ideia hegemônica do escravizado vítima ou herói, e desse debate inauguraram-se novas perspectivas historiográficas sobre o tema. Da mesma forma que se abriu um campo para o estudo do cotidiano da escravidão no Brasil de formas múltiplas, emergiram condições sociais e culturais para uma outra forma de apropriação do romance “Úrsula” pelos sujeitos. Nesse contexto que a nova edição do livro foi lançada, agora com a introdução de um pesquisador estrangeiro e a revisão de uma especialista em literatura. Nesse momento, coloca-se luz nos aspectos da obra relacionados à negritude e ao antiescravismo, ficando em segundo plano o pioneirismo feminino de Maria Firmina dos Reis.

Foi possível identificar que, a partir desse momento, Maria Firmina dos Reis deixa de ser representada apenas enquanto sujeito histórico (a primeira escritora de romances no Brasil), como vinha sendo até ali, e passa a ser representada também por meio das apropriações que se faz de sua obra. Assim, a ancestralidade africana é um elemento que começa a aparecer de maneira mais frequente nas suas representações, ao lado de características menos tangíveis, como ousadia e coragem.

Simultaneamente à recuperação da ancestralidade africana, foram identificados nas fontes episódios de manipulação da memória de Maria Firmina dos Reis, como no caso da representação em bico de pena da escritora Délia, atribuída erroneamente à Firmina e amplamente difundida na web, ou a Firmina branca do quadro afixado por um longo período

na Câmara de Vereadores de Guimarães. Tais episódios contribuem para a produção de esquecimentos em torno da escritora, que ao lado da lembrança constituem uma das facetas das construções de memórias, e foram investigados em um tópico específico deste trabalho, mas podem ainda ser aprofundados em um debate sobre a manipulação de memórias e o quanto representações imagéticas de Maria Firmina dos Reis contribuíram para forjar um processo ativo de produção de esquecimentos sobre a ela.

Quando observadas as representações imagéticas produzidas em efemérides já no século XXI, foi possível verificar que a maior parte delas manifesta pelo menos algum traço da ancestralidade africana da escritora. Com a chegada de 2022, as memórias de Maria Firmina dos Reis foram mais uma vez comemoradas em função de uma efeméride, dessa vez os 200 anos de seu nascimento, considerando-se a data de 1822. Com ela, aconteceram inúmeras lives na internet reunindo diversos pesquisadores firminianos, outros acadêmicos, mercado editorial, estudantes e leitores. Livros foram lançados, ao lado da nova biografia aqui amplamente citada e de novas edições de “Úrsula”, que ganhou sua primeira versão para o inglês. E, em novembro, Maria Firmina dos Reis recebeu a homenagem mais *cult* que um escritor do passado poderia sonhar receber em pleno século XXI: foi a autora homenageada na FLIP 2022, a Festa Literária Internacional de Paraty, um dos principais festivais literários do Brasil e da América do Sul, realizado anualmente em Paraty (RJ). Em sua vigésima edição, foi a primeira vez que a FLIP homenageou uma escritora negra.

Percebeu-se na análise das representações que as mudanças observadas nas fontes acompanham as tendências historiográficas e questões emergentes próprias de cada momento e, ao mesmo tempo, demonstram dialogar com as práticas políticas, sociais e culturais dos grupos que as produzem. Ao representar a escritora, cada fonte revela a seu modo intenções, estratégias ou interesses dos próprios indivíduos ou do grupo ao qual pertencem.

Este estudo cumpriu o papel de analisar as fontes com o intuito de observar nas representações da escritora maranhense quais elementos constituem permanências e mudanças na produção de suas memórias. Entretanto, as fontes relativas às efemérides de 1975 e 1988 infelizmente precisaram se restringir àquelas produzidas pela imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo. Em razão da pandemia da Covid-19, não foi possível ir a campo a tempo de acessar fontes que não estão disponíveis para consulta em arquivos digitais. Seria enriquecedor poder ampliar a análise para documentos produzidos pela imprensa maranhense em 1975 e 1988. Acredita-se que uma análise na imprensa de São Luís e de Guimarães poderia revelar narrativas de outros ângulos sobre as homenagens pelos 150 anos da escritora, pois são o testemunho ocular do acontecimento, o depoimento pelas lentes próprias daquele grupo, especificamente a

São Luís de 1975 – ou a Guimarães daquele tempo – com suas lembranças, reminiscências e memórias coletivas, seus interesses e disputas.

Este trabalho me abriu perspectivas para a continuidade de uma pesquisa que aborde a manipulação das memórias de mulheres que, de alguma forma, atuaram para além da vida privada, envolvendo-se em tensões e disputas de poder no campo simbólico e no concreto. Há campo para a investigação de tais questões a respeito de mulheres que tiveram suas memórias manipuladas, atravessadas por questões de gênero, raça e classe, ao longo do século XX.

A presente dissertação busca contribuir para o campo dos estudos firminianos e, longe de pretender esgotar a temática das memórias de Maria Firmina dos Reis, abre essa reflexão ao debater, em seus marcos biográficos, como sua memória foi forjada por determinados grupos sociais, abordando as representações da maranhense, mas também as apropriações que os sujeitos históricos fazem de sua obra através do tempo.

## REFERÊNCIAS

ADLER, Dilercy Aragão. A mulher Maria Firmina dos Reis: uma maranhense. In: DUARTE, Constância Lima (et al.) (Orgs.). **Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

AVELINO, Yvone Dias. Três personagens em uma só: mulher, religiosa e educadora – Irmã Leda Maria Pereira Rodrigues. **Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade**. São Paulo, n. 5, 2010.

\_\_\_\_\_. Os labirintos da arte de narrar: história da arte e literatura. **Imagem: Revista de História da Arte**. Guarulhos, v. 1, 2022.

BARROS, Leander Alfredo da Silva. A correlação corpo-alma platônica: uma interpretação possível. **Revista Metanoia**. São João Del-Rei, n. 6, 2003-2004. Disponível em: <[https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/revistametanoia/6\\_%20ARTIGO\\_Leander\\_A%20CORRELA%C7%C3O%20CORPO-ALMA%20PLAT%D4NICA%20UMA%20INTERPRETA%C7%C3O%20POSS%CDVEL.pdf](https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/revistametanoia/6_%20ARTIGO_Leander_A%20CORRELA%C7%C3O%20CORPO-ALMA%20PLAT%D4NICA%20UMA%20INTERPRETA%C7%C3O%20POSS%CDVEL.pdf)>. Acesso em: 24 ago. 2022.

BENAVENTO, Monalisa. Dia da Mulher Maranhense é celebrado nesta segunda-feira (11). **O Estado. Imigrante.com**. 11 mar. 2019. Disponível em: <<https://imirante.com/oestadoma/noticias/2019/03/11/dia-da-mulher-maranhense-e-celebrado-nesta-segunda-feira-11>>. Acesso em: 1º mar. 2022.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: Idem. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas – Vol. I. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 241-252.

\_\_\_\_\_. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Idem. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas – Vol. I. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 213-240.

\_\_\_\_\_. Sobre o conceito da História. In: Idem. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas – Vol. I. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos narcísicos no racismo:** branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: NOVAIS, Adauto (Org.). **Tempo e História.** Companhia das Letras: São Paulo, 1992, p. 19-33.

BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. **Psicologia USP.** São Paulo, v. 4, n. 1-2, 1993, p. 277-284.

\_\_\_\_\_. **O Tempo Vivo da Memória:** ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CÂNDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira:** momentos decisivos. Vol. 2 - 1836-1880. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Geledés.** 6 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>>.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade:** uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Algés, Portugal: Difel 82, 2002.

CONVERSACÕES FILOSÓFICAS. **O legado de Maria Firmina dos Reis.** Live com Rafael Balseiro Zin e Regia Agostinho da Silva. YouTube, 23 jun. 2020. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=mT7o1404uGU&list=PLafTx0dFzf0Ycsg0\\_z57zi5Q1zvHTonNY&index=5](https://www.youtube.com/watch?v=mT7o1404uGU&list=PLafTx0dFzf0Ycsg0_z57zi5Q1zvHTonNY&index=5)>. Acesso em: 31 out. 2020.

D’ALESSIO, Marcia. Memória e historiografia: limites e possibilidades de uma aproximação. **História Oral.** Rio de Janeiro, v. 4, jun. 2001.

DIÁRIO DO NORDESTE. Redenção é símbolo da memória da Abolição da Escravatura no Brasil após 150 anos. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 13 mai. 2018. Disponível em: <<http://blogs.diariodonordeste.com.br/sertaocentral/historia/redencao-e-simbolo-da-memoria-da-abolicao-da-escravatura-no-brasil-apos-150-anos/60423>>. Acesso em: abril 2021.

DUARTE, Eduardo de Assis. Úrsula e a desconstrução da razão negra ocidental. In: DUARTE, Constância Lima (et al.) (Orgs.). **Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>.

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa. **Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 73-90, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FREITAS, Dayane Cristina de. **O tema e o problema**: memória e esquecimento nas pesquisas acadêmicas sobre Maria Firmina dos Reis (1989-2019). Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

GABARRA, Larissa. Monumentos de cativo são circo de horrores para a consciência negra. **Ceará Criolo**. Fortaleza, 14 set. 2020. Disponível em: <<https://cearacriolo.com.br/monumentos-de-cativo-sao-circo-de-horrores-para-a-consciencia-negra/>>. Acesso em: abril 2021.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências Sociais Hoje**. São Paulo, p. 223-244, 1984.

\_\_\_\_\_. Mulher negra. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 94-111.

\_\_\_\_\_. Mulher negra, essa quilombola. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p.197-200.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MARTIN, Charles. Uma rara visão de liberdade. Prefácio. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Rio de Janeiro: Presença Edições; Brasília: INL, 1988, p. 9-14.

\_\_\_\_\_. Maranhenses. **Revista Firminas**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 86-95, jan./jul. 2021. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/?s=charles+martin>>. Acesso em: 11 dez. 2020.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Por uma história da mulher**. São Paulo: Edusc, 2000.

\_\_\_\_\_. **A cidade, a noite e o cronista**: São Paulo e Adoniram Barbosa. Bauru, SP: Edusc, 2007.

\_\_\_\_\_. História das Mulheres e das Relações de Gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. **Madrágora**. São Paulo, v. 19, n. 19, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15603/2176-0985/madragora.v19p5-15>>.

\_\_\_\_\_. **Por uma possível história do sorriso**: institucionalização, ações e representações. São Paulo: Hucitec, 2019.

MELO, Nelson. A trajetória de Nascimento Morais Filho no caminho da imortalidade literária. **O Estado**. São Luís, 23 jul. 2002. Alternativo. Disponível em: <<https://imirante.com/>>

oestadoma/noticias/2020/07/23/a-trajetoria-de-nascimento-morais-filho-no-caminho-da-imortalidade-literaria/>.

MUSSA, Alberto. Estereótipos de negro na literatura brasileira: sistema e motivação histórica. **Estudos Afro-asiáticos**. Rio de Janeiro, n. 16, p. 70-86, mar. 1989.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma pioneira: Maria Firmina dos Reis. In: DUARTE, Constância Lima (et al.) (Orgs.). **Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. A construção do negro no romance *Úrsula*. In: DUARTE, Constância Lima (et al.) (Orgs.). **Maria Firmina dos Reis: faces de uma precursora**. Rio de Janeiro: Malê, 2018, p. 129-142.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, v. 10, 1993, p. 7-28.

PEIXOTO, Katarina. **Bicentenário Maria Firmina dos Reis: intelectual enraizada, pensadora moderna**. São Luís: ESCEX - Escola Superior de Controle Externo, 2022. 1 vídeo (152 minutos). Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=MSABQ2rI8CM&t=1794s>>. Acesso em: 22, abril, 2022.

PEREIRA, Rafaela. O negro olhar sobre a sociedade maranhense. **Literafro** - O portal da literatura afro-brasileira. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 15 fev. 2022. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ficcao/87-nascimento-moraes-vencidos-e-degenerados>>. Acesso em: abril 2022.

PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira. “Deixai pois [que] a minha *Úrsula* caminhe... entre vós” ... no exterior... [Entrevista concedida a] Luciana Martins Diogo. **Revista Firminas**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 283-290, jan./jul. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

SILVA, Régia Agostinho da. **A mente, essa ninguém pode escravizar: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão.** Departamento de História da Universidade Federal do Maranhão, 2009.

\_\_\_\_\_. **A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade do século XIX.** Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

\_\_\_\_\_; FERNANDEZ, Raffaella Andréa. Maria Firmina dos Reis: intérprete do Brasil. **Letrônica** - Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Porto Alegre, v. 13, n.1, jan./mar. 2020.

\_\_\_\_\_. Por uma outra leitura de Adelaide do romance Úrsula de Maria Firmina dos Reis. **Revista Firminas - pensamento, estética e escrita.** São Paulo, v. 1, n. 1, jan./jul. 2021.

SILVA, Renato Kerly Marques da. Maria Firmina dos Reis: esquecimentos e lembranças. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13<sup>th</sup> Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos).** Florianópolis, 2017.

SILVA, Rosyane Maria da. **Iqhiya: um olhar sobre o significado e a simbologia do uso de Turbantes por mulheres negras.** São Paulo, 2017.

TELLES, Norma. **Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP, São Paulo, 1987.

\_\_\_\_\_. Rebeldes, escritoras, abolicionistas. **Revista História.** São Paulo, n. 120, p. 73-83, jan./jul. 1989.

\_\_\_\_\_. **Ronda das Feiticeiras.** 3<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Luas, 2021.

ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP, São Paulo, 2016.

\_\_\_\_\_. A dissonante representação imagética de Maria Firmina dos Reis: da simples renúncia às formas encontradas para se desfazer os equívocos. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador, jan./jul. 2018.

## FONTES

### Livros

GOMES, Agenor. **Maria Firmina dos Reis e o cotidiano da escravidão no Brasil**. São Luís: AML, 2022.

MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina, fragmentos de uma vida**. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. 2<sup>a</sup>. ed. fac-similar. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica; São Luiz: Governo do Maranhão, 1975.

\_\_\_\_\_. **Úrsula**. In: Idem. **Úrsula e outras obras**. 2<sup>a</sup> ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019.

### Imprensa

BLOG VIMARENSE. **Guimarães inaugura monumento a Maria Firmina dos Reis**. 11 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.vimarense.com.br/single-post/guimar%C3%A3es-inaugura-monumento-a-maria-firmina-dos-reis>>. Acesso em: 9 abr. 2021.

BRITO, Nonato. Feriado municipal: Hoje é dia da mulher vimarense. **Blog Vimarense**. 11 mar. 2019. Disponível em: <<https://www.vimarense.com.br/single-post/2019/03/11/feriado-municipal-hoje-%C3%A9-dia-da-mulher-vimarense#:~:text=Recentemente%20o%20prefeito%20de%20Guimar%C3%A3es,feriado%20municipal%2C%20antes%20erroneamente%20era>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

CATRACA LIVRE. **17 mulheres negras brasileiras que lutaram contra a escravidão**. 6 jul. 2017. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/17-mulheres-negras-brasileiras-que-lutaram-contra-escravidao/>>. Acesso em: 12 out. 2021.

D'AGOSTINHO FILHO, Antonio; NEGRETTI, Natália. Mulheres que mudaram o Brasil. **Revista Café com Sociologia**. São Paulo, v. 6, n. 1, jan./abr. 2017, p. 235-251.

D'ANGELO, Helô. Quem foi Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista brasileira. **Revista Cult**. São Paulo, 10 nov. 2017. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis>>. Acesso em: 9 abr. 2021.

FENSKE, Elfi Kürten (Org.). Maria Firmina dos Reis - fragmentos de uma vida. **Templo Cultural Delfos**. jan. 2023. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2015/06/maria-firmina-dos-reis.html>>. Acesso em: 14 jul. 2022.

FIRMINAS. Pensamento, estética e escrita. São Paulo, v. 1, n. 1, jan./jul. 2021.

LIMA, Juliana Domingos. Qual a importância de “Úrsula”, obra do Romantismo de que pouca gente ouviu falar. **Nexo Jornal**. São Paulo, 15 jun. 2017. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis/>>. Acesso em: 9 abril 2021.

LOBO, Luiza. O negro de objeto a sujeito. **Jornal do Brasil**. Ideias. Rio de Janeiro, 14 mai. 1988, p. 6-7. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_10/231380](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/231380)>.

MAIA, Eduardo da. Maranhense foi a pioneira do romance. **Diário de Notícias**. Diário das Letras. Rio de Janeiro, 26 nov. 1975, p. 12. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_05/41439](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_05/41439)>.

MARTINS, Samartony. Maria Firmina: uma maranhense para se orgulhar. **O Imparcial**. São Luís, 10 nov. 2017. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/noticias/2017/11/maria-firmina-uma-maranhense-para-se-orgulhar>>. Acesso em: 9 abr. 2021.

MENEGUETTI, Bruna. No centenário de morte, primeira autora negra do Brasil ganha reedição. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 29 jul. 2017. Disponível em: <<https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,no-centenario-de-morte-primeira-autora-negra-do-brasil-ganha-reedicao,70001909178>>. Acesso em: 9 abr. 2021.

MENEZES, Walda. Uma escritora. **Diário de Notícias**. Revista Feminina. Rio de Janeiro, 30 nov. 1975, p. 5. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/093718\\_05/41544](http://memoria.bn.br/DocReader/093718_05/41544)>. Acesso em: abril 2021.

MONTELLO, Josué. A primeira romancista brasileira. **Jornal do Brasil**. Primeiro caderno. Rio de Janeiro, 11 nov. 1975, p. 6. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/030015\\_09/131021](http://memoria.bn.br/docreader/030015_09/131021)>.

O ESTADO DE S. PAULO. Maranhense: a primeira romancista. Caderno 2. São Paulo, 11 nov. 1975, p. 12.

O PROGRESSO, n. 158, 13 ago. 1847.

ODARA, Norma. Conheça Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista negra do Brasil. **Brasil de Fato**. São Paulo, 3 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/11/03/conheca-maria-firmina-dos-reis-a-primeira-romancista-negra-do-brasil>>. Acesso em: 9 abr. 2021.

PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira. “Deixai pois [que] a minha Úrsula caminhe... entre vós”... no exterior... [Entrevista concedida a] Luciana Martins Diogo. **Revista Firminas**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 283-290, jan./jul. 2021.

PUBLISHNEWS. **Sesc homenageia Maria Firmina dos Reis**. São Paulo, 8 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/materias/2017/11/08/sesc-homenageia-maria-firmina-dos-reis>>. Acesso em: 9 abr. 2021.

RAMON, Clóvis. Homenagens à primeira romancista brasileira. **Luta Democrática**. Cinema. Rio de Janeiro, 12-13 out. 1975, p. 7. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/030678/59769>>.

TRIBUNA DA IMPRENSA. Primeira mulher escritora do Brasil tem homenagens. Rio de Janeiro, 8-9 nov. 1975. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/154083\\_03/21784](http://memoria.bn.br/DocReader/154083_03/21784)>.

### **Memorial virtual**

DIOGO, Luciana Martins. Maria Firmina dos Reis ganha um novo rosto em seu aniversário de 198 anos – por Wal Paixão. **Memorial de Maria Firmina dos Reis**. s/d. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/no-aniversario-de-maria-firmina-ela-ganha-um-novo-rosto-por-wal-paixao/>>. Acesso em: 1º mar. 2022.

DIOGO, Luciana Martins. Resenha. **Memorial de Maria Firmina dos Reis**. 15 jun. 2018. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/album/>>. Acesso em: 1º mar. 2022.

DIOGO, Luciana Martins. Síntese circulação Firmina século XX. **Memorial de Maria Firmina dos Reis**. 18 jun. 2018. Disponível em: <<https://docs.google.com/document/d/11b6aO4jMdWr3KSCr0TEkeOLHr UE7EQQcjABNIpmrSwcedit>>. Acesso em: 1º mar. 2022.

MEMORIAL DE MARIA FIRMINA DOS REIS. Categoria: Firmina Imaginada. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/categoria/imagens/firmina-imaginada/>>. Acesso em: 30 jun. 2022.

MEMORIAL DE MARIA FIRMINA DOS REIS. #1- Evolução do desenho de Maria Firmina por Wal Paixão. YouTube, 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yphuScko6KQ>>. Acesso em: 30 jun. 2022.

### **Sites**

CATRACA LIVRE. Quem somos. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 23 abril 2022.

POESIA.NET. Disponível em:

<<http://www.algumapoesia.com.br/poesia3/poesianet321.htm>>.

WIKIMEDIA COMMONS. Disponível em:

<[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Maria\\_firmina.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Maria_firmina.jpg)>.